



**UNIVERSIDADE FERERAL DO NORTE DO TOCANTINS -CÂMPUS DE
ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUÍSTICA E LITERATURA**

MARIA LEAL PINTO

**ENSAIO, CORTES E NOVELA: FICCIONALIZAÇÃO CRÍTICA DE UMA FAMÍLIA
CAMPONESA, NEGRA E GOIANA**

Araguaína - TO
2025

Maria Leal Pinto

**Ensaio, cortes e novela: ficcionalização crítica de uma família camponesa,
negra e goiana**

Tese de Doutorado apresentada a Universidade do Norte do Tocantins (UFNT) ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Literatura (PPGLLIT). Foi avaliada para obtenção do título de Doutora em Letras: Linguística e Literatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador: Professor Doutor Dornival Venâncio Ramos Júnior e pela banca examinadora.

Araguaína - TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L435e Leal Pinto, Maria.
ENSAIO, CORTES E NOVELA: FICCIONALIZAÇÃO
CRÍTICA DE UMA FAMÍLIA CAMPONESA, AFROINDÍGENA E
GOIANA. / Maria Leal Pinto. - Centro de Ciências Integradas -
CCI, TO, 2025.
160 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de
Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLit) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Dernival Venâncio Ramos Júnior.

1. Escrita Criativa. 2. Fabulação crítica. 3. Memória familiar.

CDD 410

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


MARIA LEAL PINTO

ENSAIO, CORTES E NOVELA: FICCIONALIZAÇÃO CRÍTICA DE UMA
FAMÍLIA CAMPONESA, NEGRA E GOIANA


Tese de Doutorado apresentada a Universidade do Norte do Tocantins (UFNT) ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Literatura (PPGLLIT). Foi avaliada para obtenção do título de Doutora em Letras: Linguística e Literatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador: Professor Doutor Dernival Venâncio Ramos Júnior e pela banca examinadora.

Data da aprovação: 15 de dezembro de 2025.


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR
Data: 15/01/2026 10:56:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. – Orientador Dernival Venâncio Ramos Júnior UFNT – PPGLLIT

Documento assinado digitalmente
 ELIZABETE BARROS DE SOUSA LIMA
Data: 12/01/2026 15:07:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. – Membro Interna: Elizabete Barros de Sousa Lima UFNT -
PPGLLIT

Documento assinado digitalmente
 CESAR ALESSANDRO SAGRILLO FIGUEIREDO
Data: 12/01/2026 12:58:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. – Membro Interno César Alessandro Sagrillo Figueiredo UFNT –
PPGLLIT

Documento assinado digitalmente
 JANAILSON MACEDO LUIZ
Data: 13/01/2026 09:39:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. – Membro Externo Janailson Macedo Luiz UNIFESSPA – PPGHIST

Profa. Dra. – Membro Externa Maria da Glória de Castro Azevedo UFT -
PPGLETRAS

Prof. Dr. – Membro Interno Abílio Pacheco de Souza UFNT – PPGLLIT

A cultura é uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles. Quem não sabe tocar piano ou não sabe o que é música erudita, quem nunca frequentou um teatro, quem não frequenta o cinema, para eles, não tem cultura. Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver.

(Nego Bispo)

AGRADECIMENTOS

Meu profundo e primeiro agradecimento ao Professor Doutor Dernival Venâncio Ramos Júnior, meu orientador. Agradeço não apenas pela orientação acadêmica, mas por ter aceitado o desafio de me guiar em uma jornada repleta de nuances. Sua paciência, escuta sensível e respeito pelo meu percurso singular foram fundamentais para que, esta pesquisa, atravessada por tantas questões pessoais e institucionais, pudesse ser concluída. Sua confiança no potencial, deste trabalho, foi um farol nos momentos de maior incerteza.

À Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Literatura (PPGLIT), minha gratidão por me proporcionarem um espaço de pertencimento e crescimento ao longo destes mais de quatro anos. Este programa não foi apenas uma instituição, mas uma trincheira de resistência onde pude encontrar eco para uma pesquisa que se propõe a desafiar os cânones tradicionais.

À Professora Doutora Ana Cláudia Castiglioni, coordenadora do PPGLIT, pela gestão firme e acolhedora, e por zelar por um ambiente onde a diversidade de pensamento e de formas de saber pudesse florescer.

Aos meus pais, Francisca e Antônio, guardiões das primeiras histórias e do chão que me formou. Suas vidas são a matéria-prima desta escrita e a razão do meu desejo de narrar.

Aos meus avós, Nenê e Estevam, personagens e inspiração. Que esta tese seja um eco da força de vocês, um fio no tear da memória que tenta costurar o passado ao presente. Seus nomes, agora, também são palavras na academia.

Aos professores e professoras que compõem a banca examinadora, meu sincero agradecimento por aceitarem o convite para partilhar deste momento decisivo. A presença de vocês, com suas distintas trajetórias e olhares é uma honra e enriquece profundamente a discussão que aqui se propõe.

À Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima, agradeço a acolhida e as sábias ponderações como Membro Interno.

Ao Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz, agradeço a honra de tê-lo como Membro Externo e pelas pertinentes observações que certamente enriqueceram esta pesquisa.

À Profa. Dra. Maria da Glória de Castro Azevedo, meu sincero agradecimento por sua participação e pelos valiosos apontamentos.

Ao Prof. Dr. Abílio Pacheco de Souza, agradeço sua disponibilidade e as fundamentais contribuições como Membro Interno.

À Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva e ao Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira, meus agradecimentos pela disponibilidade como suplentes, assegurando a realização deste momento.

Ao Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo, meu sincero agradecimento não apenas por sua atuação como Membro Interno, nesta banca, mas por ter sido um orientador decisivo durante minha graduação em Ciências Sociais e pela amizade e respeito. Sua orientação foi a semente do meu interesse pela pesquisa.

Ao Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira, igualmente, agradeço a inestimável orientação na graduação de História, que guiou meus primeiros passos no caminho da investigação científica, e por sua presença hoje como suplente.

Aos meus colegas do doutorado pelo companheirismo e pelas trocas indispensáveis. Aos amigos que se tornaram família longe de casa, pela força nos dias difíceis.

Um agradecimento muito especial às minhas primas Maria José e Natalina, e ao sobrinho de minha avó, Paulo Gomes. Durante toda a escrita desta tese, vocês foram um porto seguro de sabedoria e paciência. Através de mensagens no WhatsApp, responderam as minhas inúmeras dúvidas e, da sua maneira única, ajudaram a tecer as linhas e entrelinhas deste trabalho. Esta conquista também é de vocês.

Um agradecimento especial aos meus irmãos. Com vocês, as memórias ganham vida de novo a cada encontro. Obrigado por serem parte da minha história.

Um agradecimento especial aos meus filhos, João Paulo e Gabriel minha maior motivação.

Agradeço ao psicólogo Suedem Medeiros que me acompanhou ao longo desses quatro e que meu deu suporte para lidar com as questões emocionais, psicológicas e físicas.

E, por fim, mas não menos importante, àquela que eu seria sem sequer imaginar: a minha própria resistência. Esta tese é também fruto de uma batalha diária contra o silenciamento, contra a intolerância e pela afirmação do direito de

existir e produzir conhecimento, no Norte do Brasil, sendo mulher negra, mãe atípica, de matriz africana e originária do campesinato.

A todos que, de alguma forma, teceram comigo os fios desta história, meu eterno, obrigada.

RESUMO

Esta tese de doutorado, intitulada *Ensaio, cortes e novela: ficcionalização crítica de uma família camponesa, negra e goiana*, propõe uma investigação acadêmico-literária que articula a escrita criativa a partir do ensaio biográfico, de contos (“cortes”) e de uma novela, como metodologia de pesquisa para a reconstrução crítica e afetiva da história de uma família camponesa, negra e goiana, centrada na figura dos avós maternos da autora, Nenê e Estevam. Inspirada por referenciais como a escrevivência (Conceição Evaristo), a fabulação crítica (Saidiya Hartman) e a autobiografia (bell hooks). Assim, a pesquisa utiliza a ficção para preencher lacunas documentais e historiográficas, entrelaçando memória familiar, história oral e análise documental para visibilizar sujeitos subalternizados e combater o apagamento histórico de trajetórias marcadas por interseccionalidades de raça, gênero e classe. Desse modo, ao situar-se no campo dos estudos decoloniais e da pesquisa baseada em arte, o trabalho não apenas narra, mas também repara e ressignifica legados de resistência, opressão e sociabilidade, no contexto rural goiano, posicionando a narrativa literária enquanto ato político de justiça epistêmica e afeto com potencial contribuição para uma educação antirracista e inclusiva.

Palavras-chave: Fabulação Crítica. Memória Familiar. Escrita Criativa. Campesinato Goiano. Escrevivência.

ABSTRACT

This doctoral thesis, entitled “Essay, Short Stories, and Novella: Critical Fictionalization of a Black, Rural Family from Goiás,” proposes an academic-literary investigation that combines creative writing—through biographical essays, short stories (“cortes”), and a novella—as a research methodology for the critical and affective reconstruction of the history of a Black, rural family from Goiás, focusing on the author's maternal grandparents, Nenê and Estevam. Inspired by frameworks such as *escrivivência* (Conceição Evaristo), critical fabulation (Saidiya Hartman), and autobiography (bell hooks), the research uses fiction to fill documentary and historiographical gaps, intertwining family memory, oral history, and documentary analysis to make visible marginalized subjects and combat the historical erasure of trajectories marked by intersections of race, gender, and class. By positioning itself within the field of decolonial studies and art-based research, the work not only narrates but also repairs and reinterprets legacies of resistance, oppression, and sociability in the rural context of Goiás, positioning literary narrative as a political act of epistemic justice and care, with potential contributions to antiracist and inclusive education.

Keywords: Critical Fable. Family Memory. Creative Writing. Goiano Peasantry. Life-Writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - A chegada nas romarias	35
Figura 2 - Meus avós e a família em romaria, ao fundo o carro de boi	37
Figura 3 - Meus avós e a família a caminhos das romarias	38
Figura 4 - Nenê e suas irmãs	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Os personagens	24
2 Primeira parte: ensaio biográfico	27
1.3 Os dilemas da (minha) escrita.....	27
1.4 Festas e romarias	34
1.5 Mulheres ancestrais da minha família	40
2 CONTOS E (DES)ENCONTROS DE FAMÍLIA	44
2.1 A morte do Turco	45
2.2 José: uma promessa.....	48
2.3 Chorar era luxo	51
2.4 O primo Jovi	53
2.5 O retorno de Jovi.....	58
2.6 A ninhada e a brecha	61
2.7 A tampa do caixão de Ponciano	65
2.8 As mãos que lavavam, as mãos que julgaram	68
2.9 O roçado e o rosário	74
2.10 Entre fios e engrenagens: memórias de terra e asfalto.....	75
2.11 Os causos de João Cigano.....	77
2.12 As novelas de Nenê.....	80
2.13 O baile e o velório	84
2.14 Terra e rancor	84
2.15 Broa de latinha	87
2.16 Histórias e cafés	91
3 O TEAR O TEMPO: MARIA PINTO LEAL	92
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	157

1 INTRODUÇÃO

Como justificar que a pesquisa em programa de doutorado seja narrada através de produtos ficcionais? O PPGLIT/UFNT abre essa possibilidade na Linha 2 do programa, ao inserir a escrita criativa na sua ementa. Na verdade, vários programas de pós-graduação, ao redor do país, abrem essa possibilidade, com destaque para a Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As discussões sobre o lugar da narrativa, na produção de conhecimento, abriram novas possibilidades para pensar o lugar da ficção dentro da produção de saber sobre a realidade. No caso da História, o próprio arquivo passou a ser considerado uma ficção (Hayden White, e outros). Isso falando-se de grupos sociais sobre os quais há documentação abundante. Hartman pergunta-se sobre aqueles sobre os quais não há documentação nos arquivos? Ou há pouca documentação.

Toni Morrison de acordo com Vieira (2012) fala de memorização como o processo de não deixar esquecer e silenciar as vozes das pessoas negras na História. Algo que se encaixa na ideia de ficcionalização crítica, ferramenta de reconstrução dessa experiência, restituindo sujeitos à historicidade. Inspirada nesses pressupostos, proponho a escrita em três atos: ensaio, cortes e novela.

Como mulher negra, primeira da família a alcançar espaço de poder acadêmico e de possibilidade de falar, neste espaço, por meio de suas tecnologias da escrita, também estou atravessada pelo contexto de acirramento da tentativa de silenciar a história e cultura de grupos oprimidos.

Observo que a censura a temas a envolver questões de raça, gênero, religiões de matriz africana, classe e desigualdades sociais tem se mostrado crescente dentro dos grupos simpatizantes com ideais extremistas alinhados aos grupos simpatizantes de ideias nazifascistas a ecoar por meio de um discurso baseado em um moralismo extremista, criando um enredo disfarçado e distorcendo temas importantes e necessários para serem tematizados e discutidos, sobretudo, em sala de aula.

A literatura, em especial a literatura afrobrasileira, que vem perpassando os momentos políticos e históricos brasileiro, tem sido veemente atacada por grupos políticos com pretensões voltadas para o autoritarismo, assim como apontam Cruz e Pinto (2024).

No Brasil, por sua vez, a repressão bibliográfica ganha corpo ao longo do Estado Novo e do regime militar, períodos governamentais em que a censura cultural, como informa Igreja (2021, p. 123), “[...] fazia parte da manutenção da soberania do Estado e da preservação de seus ideais”. Para Góes e Bari (2021), a cultura da censura, tão recorrente em momentos políticos já vivenciados na história do Brasil, continua a se refletir no momento presente. Góes e Bari (2021) defendem ainda que a cultura da censura se impõe por meio de mecanismos diversificados, seja pela manutenção do analfabetismo, da desinformação ou do controle às políticas públicas. Corroboram as autoras Darnton (2016), para quem cada conjuntura histórica apresenta suas particularidades, e é atendo a singularidade de cada uma delas que, segundo ele, as experiências de censura cultural devem ser compreendidas. (CRUZ; PINTO, 2024, p. 89).

Não obstante, as vozes, vidas e a literatura escrita por pessoas negras têm sofrido duros golpes e sido rechaçadas por discursos moralistas que se embasam em trechos de obras de autores e autoras negras de forma a distorcê-los e descontextualizá-los para que, por meio desses fragmentos, criem discursos moralistas com vistas a incitar a sociedade contra o uso dessas obras nas escolas. Cabe ressaltar que a onda conservadora emergiu com a ascensão da extrema direita a ocorrer no Brasil e no mundo, ou seja, estamos assistindo à perda dos direitos sociais e trabalhistas que impactam diretamente, em especial, às pessoas em condições de vulnerabilidade social.

Como podemos ver em Cêa, Silva e Natividade (2021) e em Viana, Torrado e Prado (2024), a educação brasileira vem sendo cada vez mais impactada com os discursos moralistas de cunho religioso que tentam inviabilizar discussões concernentes a temas sobre a vida e cotidiano dos grupos marginalizados historicamente, o que de acordo com Viana, Torrado e Prado (2024), isso ocorre em função da produção de um discurso simbólico imbuído de valores que vão ao encontro de um modo de pensar a sociedade a partir de pressupostos desses grupos até então privilegiados ao se sentirem ameaçados com o surgimento ou descortinamento de visão de mundo ou da realidade oposta ao seu. Tal argumento pode ser verificado no fragmento de texto a seguir:

Pode-se fazer uma analogia com esse pensamento ao considerar como a censura é interpelada por indivíduos ou grupos de indivíduos que se sentem ameaçados por livros cujos conteúdos vão contra suas crenças e valores. Muitas vezes os atos censórios se apresentam de forma dissimulada ao utilizar discursos em que se pretende proteger seus cidadãos, em especial as crianças e os adolescentes, contra ideias e comportamentos considerados impróprios ou danosos à moral e aos valores de uma determinada parcela da sociedade, como forma de imposição de sua visão

de mundo e manutenção do seu status quo (Oliveira; Castro, 2017). (VIANA; TORRADO; PRADO, 2024, p. 12-13).

Desta maneira, é possível pensar na contribuição *desta escrita*, como mais um reforço para o debate acadêmico sobre interseccionalidade (gênero, raça e classe) e suas implicações, no contexto da formação do campesinato goiano, um tema ainda pouco explorado na literatura acadêmica. Considerando que se trata de um Programa de Letras: Literatura e Linguística, voltado para o ensino, a proposta apresentada pode subsidiar esses debates, no contexto de sala de aula, a partir da publicação da novela e contos, em formato de livro paradidático, e ainda como aporte para a formação de professores que aspirem trabalhar com a vertente da escrita criativa.

Mas, o ponto fundamental é o fato de esta escrita recriar a vida das mulheres, no meio rural, e seus enfrentamentos, bem como abordar os relacionamentos e tensões em redes familiares, sociais, de gênero e raça, grupos que, muitas vezes, são sub-representados na literatura e na academia. Essa representação é crucial para a construção de uma educação mais inclusiva e diversa.

E, entremear pontos a demonstrar que, mesmo diante da aparente submissão, as mulheres, em diferentes aspectos abordados, na tese, exercem um papel central nas decisões familiares, algo interpretado como uma forma de empoderamento negociado, e dentro dessas relações negociadas elas se fortalecem, se empoderam e constroem suas identidades enquanto referências norteadoras de suas histórias de vida e seu legado. Desta forma, é possível apreender que, à luz dessa dinâmica entre conflitos, submissão e negociação, as mulheres se estabeleceram enquanto protagonistas em contextos de opressão.

Para isso, lanço mão de uma simbiose metodológica orientada pelas concepções de escrita já desenvolvida por mulheres negras a partir das quais é possível perceber o entrelaçamento da escrevivência, memorização, fabulação crítica e da autobiografia, abordagens que reconhecem a arte e a narrativa como formas legítimas de produção de conhecimento e preenchimento das lacunas históricas advindas do apagamento da vontade historiográfica direcionada aos interesses dos “Donos do Poder”. Saidiya Hartman (2008) reflete sobre a fabulação crítica como um método que permite explorar lacunas históricas e sociais por meio da imaginação, criando narrativas que, embora ficcionais, vislumbram experiências marginalizadas. Da mesma forma, a autobiografia, como discutido por bell hooks em

sua obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), oferece um espaço para a interseção entre o pessoal e o político, permitindo que vozes subjugadas, silenciadas e subalternizadas sejam ouvidas e que as realidades complexas sejam representadas de maneira mais íntima e engajadora.

Essas metodologias se alinham à pesquisa baseada em arte que, conforme defendido por Ana Mae Barbosa (1998), em sua obra *A imagem no ensino da arte: 1980 e novos tempos*, valoriza a criatividade e a expressão artística como ferramentas válidas para a investigação acadêmica, especialmente, em contextos educacionais que buscam inovar e expandir as fronteiras das metodologias tradicionais.

Assim, a narrativa literária emerge de uma pesquisa qualitativa, em que a ficção não apenas reflete, mas também reinterpreta e transforma realidades sociais, tornando-as acessíveis e provocativas para o público acadêmico e além. Ana Mae Barbosa, uma das principais referências brasileiras, no campo da arte-educação, oferece uma base sólida para qual nos ancora na defesa da integração de práticas artísticas e narrativas no âmbito acadêmico, reforçando a relevância de metodologias inovadoras como no caso da escrevivência, memorização, fabulação crítica e a autobiografia.

Não foi possível, por falta de tempo e pelos diversos adoecimentos pelos quais passei, durante os quatro anos de doutorado, realizar a segunda parte do projeto inicial. Levar essa escrita, ou partes dela, para as novas gerações da família e realizar sessões de leitura pública dos *cortes* e da *novela*. A ideia era realizar rodas de leitura e conversa com filhos, netos e bisnetos de Nenê e Estevam e até mesmo alguns sobrinhos que, embora já com idades avançadas, são parte dos registros orais com os quais foi possível tecer alguns diálogos que contribuíram para a escrita dos cortes desta tese.

Essas rodas serão realizadas em momento oportuno e os resultados dessa interação, entre leitores e texto, serão descritos e analisados em artigos a serem publicados em parceria com o orientador, ou em futuro estágio doutoral do qual pretendo estender para um diário de bordo em que serão tratadas essas questões e demais desafios e enfrentamentos com os quais esbarrei ao longo de mais esse trajeto acadêmico.

Esses desafios e enfrentamentos foram, em certa medida, um dificultador no desenvolvimento da pesquisa pelo fato de, a todo momento, lidar com a própria

burocracia estatal para garantir minha lotação funcional e os meus proventos. Entre tantos fatores físicos, emocionais e psicológicos, ainda preciso ser ativa mentalmente e cuidar do meu filho autista. Será ainda feita a publicação de um livro com os contos e a novela, que serão distribuídos, preferencialmente, em escolas rurais ou em territórios quilombolas.

Contudo, para além disso, cabe ressaltar que essa modalidade de escrita pode ser vista como um instrumento de problematização e conscientização sobre as desigualdades de gênero, raça e classe, promovendo uma reflexão crítica diante das desigualdades sociais. Essa dimensão é, particularmente, relevante para programas de ensino que têm como objetivo formar educadores críticos e socialmente engajados, pois como podemos observar, em Evaristo (2009), o lugar das personagens, das mulheres negras na ficção ainda se aponta em uma imagem estereotipada criada e reproduzida com a escravização e que marca ainda, nos dias de hoje, as mulheres negras não enquanto protagonistas, mas em um lugar de representação da imagem escravagista e colonizadora.

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2009, p. 23).

A ficção, muitas vezes, ainda se encontra presa às imagens de um passado escravocrata, onde a mulher negra era reduzida a um corpo destinado ao trabalho forçado, à procriação de novos escravizados ou à objetificação como instrumento de prazer do senhor macho. Essas representações, entretanto, são desafiadas e ressignificadas pela escrita contemporânea de autoras negras ao resgatarem suas vozes e histórias, transformando-as em ferramentas de empoderamento e crítica social.

A escrita negra, especialmente, a produzida por mulheres, desempenha um papel fundamental na formação crítica e cultural dos alunos, ao desconstruir narrativas históricas opressoras e oferecer novas perspectivas sobre identidade, resistência e decolonialidade. Como destacado no livro *“A escrita de autoria feminina: memória, resistência e decolonialidade”*, onde Mendes, Oliveira e Arf (2023) destacam:

Trata-se de pensar o modo como a escrita de autoria feminina rompe silêncios, preenche lacunas e, por extensão, reescreve a história constituída por colonizações, ditaduras, confronto étnicos, exploração capitalista e relações hierárquicas/dicotômicas de gênero. Por esse viés, pensamos a literatura como um constructo cultural cuja potência é representativa do espaço e da voz conquistados ao longo do tempo, permitindo a construção de novas subjetividades nos modos de ser e sentir em uma visão interseccional de categorias como as de classe, raça/etnia, lugar e gênero (Carla Akotirene, 2008). Acreditamos que a escrita de mulheres promove, nesse sentido, projetos críticos mais conscientes de nossa condição e, conseqüentemente, das nossas especificidades de sujeitos colonizados pelo sistema capital/moderno/patriarcal. (MENDES *et al.*, 2023, n.p.).

Ao trazer essas narrativas para o ambiente educacional, os alunos são convidados a refletir sobre as estruturas de poder que perpetuam desigualdades raciais e de gênero, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma consciência crítica sobre a diversidade cultural e a importância da representação. A escrita negra, portanto, não apenas recupera memórias silenciadas, mas também contribui para a formação de indivíduos mais conscientes e engajados, capazes de questionar e transformar realidades sociais injustas.

Essa abordagem decolonial, como discutido por bell hooks (2013) e outros teóricos, reforça a necessidade de incluir vozes marginalizadas no currículo escolar, promovendo uma educação antirracista e inclusiva. De tal modo, a literatura negra torna-se um instrumento essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. E, como corrobora Evaristo:

Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. Constitui-se como uma escrita que corresponde ao que Homi Bhabha fala da poesia do colonizado. Essa não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo. (BHABHA, 1998, p. 321, *apud* EVARISTO, 2009).

Sobre a escolha do título do trabalho “*Ensaio, cortes e novela: ficcionalização crítica de uma família camponesa, negra e goiana*” está, intrinsecamente, na trajetória familiar da escrevente e das mulheres camponesas que urdiam no seu dia a dia, na lida da roça, nas relações familiares e nos teares - não só tecidos, mas também uma vasta gama de relações e sociabilidades - no ato da tecelagem em que ensinavam, aprendiam e discutiam seu cotidiano. Geralmente, a prática era

repassada de mães para filhas e assim sucessivamente. A tecelagem em si, é apenas parte de um processo iniciado com plantio do algodão, colheita, descaroçamento, cardar, fiar, tingir, urdir e tecer.

É um ato que não se encerra enquanto somente uma vertente da divisão social do trabalho, mas que vai além; é um momento de construção de sociabilidades das mulheres camponesas, de transmissão de conhecimento e uma rede de solidariedade num momento em que estão livres para representarem suas vivências como nos mostram Silva e Oliveira (2012).

O que chama atenção nestas representações das tecedeiras e fiandeiras em Itapuranga são suas capacidades de se representarem junto aos temas e cotidiano que viviam, pois ainda hoje conseguem narrar com riquezas de detalhes as muitas tarefas impostas na lida da arte de tecer. Haja vista que, muitas destas eram encarregadas do preparo do solo, plantio, colheita, descaroçar, cardar, fiar e fazer as peças no tear manual. [...] Todo este cotidiano se realizava com inúmeras experiências compartilhadas nas casas com o trabalho familiar ou mesmo quando, saiam de seus recintos para os mutirões. Momentos de muita interatividade e que servia para trocar os ensinamentos recebidos nos seios familiares e compartilhados. Todos estes saberes e sabores que trançam em suas prosas podem ser verbalizados ainda hoje, com as representações que nos legaram muitas destas tecedeiras, mesmo muitas destas mulheres não estarem no ofício que apreenderam quando crianças. (SILVA; OLIVEIRA, 2012, p. 348).

São relações que vão para além da tecelagem dos fios, e se encompridavam pelo comércio das peças produzidas que seriam como um complemento de suas rendas, considerando que historicamente o trabalho das mulheres sempre foi tido como uma obrigação ou um ato de amor e afeto e não como trabalho não renumerado e a própria relação com o dinheiro em espécie que, em tempos mais remotos, era pouco usado na vida do campo, pois as relações se baseavam mais no comércio de trocas de mercadorias e serviços ou mesmo na solidariedade comunitária que se concretizavam nos mutirões ou traições (“treição”), como nos mostram Silva e Oliveira (2012).

Portanto, como no texto *Vivendo de Amor de hooks* (2010) traduzida por Maisa Mendonça, este é um trabalho entremeado de resistência, (re)existência e, principalmente, uma possibilidade de amar, não o amar do amor romântico, mas o amar da afeição, do cuidado e de desejo pelo objeto (no caso minha ancestral, minha avó). Ao longo do processo de escrita, essa pesquisa se abre a várias possibilidades podendo vir a ser uma escrevivência (EVARISTO, 2016), que se se

divide em três partes: ensaio, cortes e novela explorando as diversas dimensões na trama de constituições de uma família camponesa negra goiana.

Não tem sido simples para as pessoas negras desse país entenderem o que é amar. M. Scott Peck define o amor como “a vontade de se expandir para possibilitar o nosso próprio crescimento ou o crescimento de outra pessoa”, sugerindo que o amor é ao mesmo tempo “uma intenção e uma ação”. Expressamos amor através da união do sentimento e da ação. Se considerarmos a experiência do povo negro a partir dessa definição, é possível entender porque historicamente muitos se sentiram frustrados como amantes. (hooks, 2010).

Todavia, para chegar até o objeto de pesquisa, fiz um longo percurso, andei por muitos caminhos e descaminhos até chegar ao ponto de perceber que toda a minha busca em compreender as resistências de outrem, era também uma forma de compreender e conviver com as minhas resistências e meus conflitos. hooks (2010) afirma que:

A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas. (hooks, 2010)

Nessa perspectiva da compreensão do eu freudiano, e tentando lidar com as emoções reprimidas, perfiz um caminho de vida marcado por rupturas e fragmentos, e realização da vida acadêmica, embora tenha sido até aqui uma das minhas maiores aspirações pessoais, seguiu o mesmo roteiro de vida. Com uma trajetória escolar marcada pelas rupturas e descontinuidades temporárias. E uma das imagens que sempre me deram esperança no continuar dessas rupturas foram as mulheres da minha ancestralidade, minha avó materna, por alguma razão sempre foi uma marca constante em meus pensamentos. Uma vez que, segundo essa escrita de novela realista, possa ser compreendida enquanto uma “ilusão confortadora”.

A estrutura dos romances realistas permite ao leitor duas modalidades de identificação. Do ponto de vista do narrador, que em geral representa uma voz onisciente, capaz de explicar as ações dos personagens e conferir sentido a elas, o romance permite ao leitor manter a ilusão confortadora (na falta de uma ordem divina que faça esta função) de que existe uma certa unidade, uma certa coerência ao longo da vida de cada um, e sobretudo

uma certa causalidade lógica para os atos e escolhas que se faz ao longo da existência. (KEHL, 2001, p. 80).

E quiçá ela estivesse ali como representação da resistência, e de forma inconsciente foi transferida para meus objetos de desejo, no caso de pesquisa, minha bisá Benedita Amânsia pode ter sido, inconscientemente, o motivo do meu interesse ainda na graduação de estudar e conhecer um pouco mais sobre as comunidades quilombolas. Quando criança, ouvia nas redes de transmissão oral da família que ela havia nascido pouco depois da libertação dos escravos, nasceu e cresceu ali mesmo na região do Córrego Quilombo.

A minha região de origem carrega muitos dos traços de resistência e marcas de um passado escravocrata, inclusive nos nomes dos córregos da região e das manifestações culturais e religiosas que ainda persistem. As festas de santos locais homenageiam os santos dos pretos, como São Benedito, Santa Bárbara e os córregos e ribeirões recebem nomes que remetem a esse passado, como Córrego Quilombo, Engenho Velho e Batuque.

Minha avó Maria Gomes da Silva, a Nenê, nascida aos 12 de setembro de 1913, em Jaraguá - Goiás, criada na região da tríade dos córregos Quilombo, Engenho Velho e Batuque, se casou no dia 2 de agosto de 1938 em Jaraguá - Goiás. Um casamento inter-racial que lhe rendeu desajeitamentos familiares até os últimos dias da sua vida. Segundo contavam, o pai de Nenê lhe dizia que “negro não dava duas toras. Seu marido trabalhou e provou que dava três toras”. Uma narrativa de racismo clara que atravessa os mitos familiares em forma de anedotas e alegorias. E, como afirma Bosi ao dissecar as nuances da memória:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas: elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais imensamente do que a uma pessoas de idade. (BOSI, 1994, p. 60).

Do ponto de vista que rememoro o passado e para a minha ancestralidade, em especial para as mulheres, elas parecem ter aprendido assim como as personagens de Conceição Evaristo, a costurar a vida com os fios de ferro e,

certamente, a maneira de não morrer tão cedo, como acontecia com muitas das mulheres de seu tempo. Elas buscaram esse modo de sobrevivência tecendo e costurando suas histórias de vida com os fios que fiavam e teciam e das relações que estabeleciam nos mutirões e festejos locais que eram uma válvula de escape da pressão e opressão sofrida por elas. E como as personagens de Evaristo (2016) buscavam formas de sobreviver.

Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a da ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. (EVARISTO, 2016, p. 68).

E assim como a personagem de Evaristo, minha avó, noveleira de carteirinha, sentava todas as noites em frente de sua grande TV de tubo para assistir às novelas que tanto amava, nesse raro momento de lazer, mesmo diante da TV, se dividia entre tocar os pedais e assistir as cenas da novela ou “crochetar” os fios que teceu na noite anterior, transformando em colchas, tapetes, capas de almofadas, o domingo e os feriados santos eram os seus dias de descanso. Domingo, em especial, era dia em que Nenê não se preocupava com a TV. Não tinha as novelas que tanto gostava. Diferente de Carone, que escreve:

Tudo o que ouvi dizer da minha avó materna devo à insistência com que abordei o assunto. Minha mãe gostava de contar casos de família depois do jantar, sentada à mesa da copa ou numa poltrona de couro da sala, mas essa ela muitas vezes evitava com habilidade. Dizia que ainda era menina quando minha avó morreu, que as coisas que sabia tinha escutado entre oito e os doze anos de idade, que a partir daí o convívio com a mãe ficou muito prejudicado ou então que sua memória andava fraca ultimamente. (CARONE, 1998, p. 15).

Eu conheci e convivi com minha avó materna até os meus quinze anos. Trago lampejos dessa convivência e passagens marcantes de sua presença em minha vida. Tecedeira e sabedora de muitas histórias, umas presenciadas, outras que ouviu e depois passou a recontar, e outras tantas vividas. Lições e histórias de vida e experiência foram passadas, oralmente, suas lutas como mulher que, na maioria, aconteciam através do silêncio ou ainda sua luta pela sobrevivência e manutenção da família.

Algumas repulsas em suas narrativas consigo, ainda hoje, recordar; não aceitava a ideia de salvação, imposição religiosa e inclusive, mesmo tendo pouco conhecimento das letras, o bastante para assinar e reconhecer o seu nome, ler alguma bula de remédio. Era crítica aos cristãos fervorosos que tentavam em vão convertê-la, sempre respondia prontamente que a “Bíblia era feita de papel e papel aceita tudo”.

Mesmo dedicando meus estudos há quase oito anos sobre a Guerrilha do Araguaia, ao participar da disciplina sobre a obra de *Gabriel Garcia Márquez - Cem Anos de Solidão*, ministrada pelo Professor Dernival Venâncio Ramos Júnior, parece que a obra de alguma maneira falava sobre minha história, meus familiares, a característica da força de Úrsula que segurava econômica e emocionalmente sua família, parecia ser a força de minha avó.

Claro que se trata de um exercício também de falar sobre mim e, se for pensar em um método de trabalho, posso falar em autoetnografia. Ainda sobre o método da autoetnografia, Santos afirma que:

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”)2. Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2022, p. 218).

No entanto, precisarei também lançar mão da história oral, considerando que vou também trabalhar entrevistas biográficas, narrativas orais. E ainda análise documental, pelo fato de já passado muitos anos de seu falecimento algumas informações cartoriais são relevantes para compreender partes do que em razão do tempo e de restarem poucos dos seus contemporâneos vivos, é quase impossível coletar determinadas informações. E desse esforço metodológico, “transcriar” e reescrever por meio da escrita criativa o que se pretende ser uma novela, como em Lima (2017, p. 14), e sua tese *Disciplina e dissipação na criação literária*, na qual o autor afirma que “o escritor escreve com o que sabe, para produzir o que não sabe.”

1.1 Os personagens

Os personagens que fazem parte dos Cortes ou Contos e da Novela são figurações literárias de pessoas, de suas situações de vida que realmente existiram e cujos alguns nomes são, também, os nomes deles e delas. E que compõem parte da História e desta história ficcionalizada. Os personagens centrais são meus avós maternos, com os quais eu tive o privilégio de conviver desde o meu nascimento até os meus 15 anos de vida, época em que faleceram.

A pesquisa realizada durante o doutorado em arquivos, memórias familiares e em repositórios públicos na cidade de Jaraguá, em Goiás, teve como objetivo dar suporte a reconstrução de suas vidas; mas também foram fundamentais, junto com a pesquisa bibliográfica, para a escrita do Ensaio, a primeira parte da tese.

Quanto aos objetivos específicos, desta tese, em primeiro lugar, reconstituir criticamente a trajetória de uma família camponesa, negra e goiana, centrada na figura dos meus avós maternos Nenê e Estevam, utilizando a memória familiar, a história oral e a análise documental como fontes primárias. Paralelamente, se buscou explorar e validar a escrita criativa, por meio do ensaio biográfico, dos cortes e de uma novela como metodologia de pesquisa capaz de preencher as lacunas do arquivo tradicional e dar densidade existencial a sujeitos subalternizados invisibilizados.

Um terceiro objetivo consistiu em visibilizar as interseccionalidades de raça, gênero e classe que moldaram as experiências dessa família, com especial atenção ao papel e às estratégias de resistência e negociação das mulheres no contexto rural. Por fim, a investigação visou contribuir para os campos dos estudos decoloniais e da pesquisa baseada em arte, posicionando a narrativa literária como um ato político de justiça epistêmica e afeto, com potencial de contribuição na formação de uma educação antirracista e inclusiva.

A escrita entrelaça acontecimentos reais e ficção. A ficção surge como elemento agregador nas lacunas em que não foi possível construir evidências documentais sobre suas vidas. Tudo que sei sobre eles foi construído na convivência diária e nos diálogos familiares sobre suas vidas. Por isso mesmo, a pesquisa documental e bibliográfica ajudou a fazer a crítica de minha memória pessoal, dando uma dimensão pública ao recorte específico da história da família da qual faço parte e decidi ficcionalizar nesta tese.

Passo, agora, a fazer uma breve descrição de seus perfis biográficos. A minha avó, filha de Gabriel Gomes da Silva e Maria José de Lacerda, se tornou órfã de mãe ainda pequena e foi criada com os demais irmãos pela irmã mais velha, Benedita Gomes da Silva, a Dinha. Sua origem familiar remonta às cisões familiares e busca por terras goianas por famílias oriundas de Minas Gerais. Seus pais nascidos em Muriaé, Minas Gerais, partiram para Goiás ainda no início do século XX. Os motivos sobre a vinda eram narrados nos mitos familiares em razão da discordância por heranças, o que promoveu disputa e separação da família.

Meu avô, filho de Silvério Luiz Leal e Benedita Amânsia de Sá. A origem dos pais do meu avô é imprecisa; minhas buscas em cartórios não deram resultado, então confio nas histórias contadas pela família. De acordo com relatos familiares, o meu tataravô era filho de uma mulher indígena e de um ex - escravizado fugitivo, tendo sido posteriormente criado por um coronel da cidade de Jaraguá. Minha bisavó Benedita descendia do povo Tapuia. Por sua vez, meu avô nasceu e foi criado no município de Jaraguá, especificamente nas proximidades dos córregos Quilombo, Engenho Velho, Areias e nas margens do Rio Sucuri.

Sempre tido como um exemplo de homem trabalhador e honrado, construiu fortuna ao lado da minha avó. Casaram-se no dia 2 de agosto de 1938, em um dia de terça-feira no cartório de Jaraguá - GO, contrariando os costumes da época. Ela, moça branca, de família pobre, mas com certo grau de instrução, sabia ler, escrever, resolver as quatro operações básicas de matemática e bastante astuta em interpretação de textos e pessoas. Nunca foi à escola, seu pai letrou todos os filhos com o conhecimento que tinha.

Meu avô, por outro lado, não sabia sequer assinar o próprio nome, envergonhado, assinava os documentos com o dedo polegar. Embora participasse dos debates políticos, a Lei Saraiva de 1881¹ nunca permitiu que votasse. Quando foi abrangido o direito ao voto pela Emenda Constitucional nº 25 de 1985² já estava em idade avançada e já dava os primeiros sinais de sua doença, não tinha mais interesse em votar.

¹ Lei Saraiva: A referida lei em seu artigo 7º e parágrafo II estabeleceu que: "II. De serem incluídos no dito alistamento os cidadãos que requererem e provarem ter adquirido as qualidades de eleitor de conformidade com esta lei, e souberem ler e escrever."

² A Emenda Constitucional nº 25 de 1985 feita a Constituição de 1967, permitiu o direito ao voto aos analfabetos que até então eram excluídos do processo democrático.

Era um excelente matemático de cabeça, fazia contas de forma rápida e sem precisar fazer nenhum rabisco no chão, o que provavelmente o fez um excelente negociante. Na luta diária da roça, desenvolveu diversas atividades e cultivos. Suas terras tinham produção diversificada o que as tornava ocupadas a maior parte do tempo. Além das lavouras também criava gado, porcos e aves. Quando se estabeleceu na cidade, montou uma pequena venda onde comercializava os frutos produzidos em suas terras.

Minha avó, desenvolvia diversas atividades o que lhe rendeu independência financeira, fiava, tecia, bordava, “crochetava”, vendia ovos, polvilho, farinha e sabão caseiro. Além da manteiga de leite, queijos e requeijões. Essa independência lhe permitia adquirir vestidos, sapatos, sandálias, suas joias e presentear filhas e netos.

Ambos contavam as passagens de suas vidas, frisando os desafios que enfrentaram para chegar até ali. O destaque da dor comum nas narrativas dos dois era a da perda do filho José. Dos pontos que se orgulhavam era de frisar que já se passavam mais de 50 anos de casados e, contrariando todas as expectativas, conseguiram alcançar um certo status econômico que lhes garantiu uma velhice tranquila.

Embora a voz do meu avô sempre fosse a mais ouvida, quem dava o veredito final era ela, minha avó Nenê. Havia contradições na forma de pensar entre os dois, mas havia respeito e admiração. Sabiam respeitar os limites um do outro. Enquanto meu avô era muito devoto e valorizava o catolicismo ao seu modo. Devoto aos santos e santas e em especial Nossa Senhora da Abadia e Santa Bárbara. Minha avó vivia o limiar da fé e da razão. Em certos momentos parecia ser de uma fé inabalável, depois dizia: *“Nossa alma é o fôlego, acabou o fôlego acabou tudo. E Bíblia foi escrita por homem. E papel aceita tudo.”*

Dessa forma, os personagens que povoam os cortes e a novela não são apenas criações ficcionais, mas sim a transposição literária de pessoas reais, cujos nomes e essências são preservados como um ato de homenagem e fidelidade à sua memória. Os protagonistas, meus avós, emergem das texturas da história oral e da minha convivência íntima com eles (memórias), entrelaçando acontecimentos documentados e à necessária invenção ficcional que preenche as lacunas do passado.

A escrita, portanto, situa-se na fronteira entre o documento e a imaginação, onde a “ficção não falseia”, mas antes tece, com fios de verdade e silêncios, o tear

completo de uma vida, honrando a complexidade de suas existências: ela, a mulher branca e letrada na fronteira entre a fé e a razão; ele, o homem negro e analfabeto, dono de uma sabedoria prática inigualável. Juntos, enfrentaram o preconceito, forjaram um patrimônio com o suor do campo e do tear, e legaram não apenas uma história de superação, mas a matéria-prima épica de uma família goiana, agora elevada à dignidade da literatura.

1.2 Primeira parte: ensaio biográfico

Este Ensaio é o primeiro resultado do trabalho de pesquisa e escrita desta tese. Além do ensaio ser uma forma aberta Umberto Eco (1976), como o conto e a novela, o movimento de escrita foi importante para ir testando a escrita e contextualizando a minha memória, a própria e a herdada de acordo com Maurice Halbwachs (2006) por meio das narrativas orais da família. Escrito e reescrito, o *Ensaio* inscreveu-se na compreensão da minha trajetória e da minha família e abriu, ainda, a possibilidade de atuar nos vazios dos arquivos, da memória e da literatura sociológica sobre as famílias camponesas, que como a minha, foram protagonistas da história e cultura do Brasil Central, mas que por questões de classe, raça e gênero foram, historicamente, afastadas da produção escrita e da produção escrita artística, algo que a escrita desta tese, também, objetiva reparar.

1.3 Os dilemas da (minha) escrita

Colocar as primeiras linhas no papel foi sempre o grande desafio para mim, com o tempo, fui compreendendo que essa condição extrapola a minha subjetividade, pois é um dos muitos traços da colonialidade e seus muitos mecanismos de dominação de corpos e mentes, em especial, no caso das mulheres e as intersecções que nos atravessam (AKOTIRENE, 2016). No meu caso as intersecções que me tolhem direcionam ao silenciamento ainda mais, sendo mulher negra, de religião de matriz africana, com limitações físicas, mãe atípica, moradora do norte, de origem no campesinato e trazendo fortes traços do regionalismo em

minha fala e uso da língua escrita, carrego intersecções e experiências sociais não positivadas pela ciência eurocentrada. (MIGNOLO, 2021).

A escrita é sempre muito solitária e exige do/da escrevente o estabelecimento de conexões diversas com os sentidos, com o próprio “saber de si”, refletindo muitas vezes a “escrita de si e da pertença” Josso (2007), o que torna o ato de escrever algo tão desafiador para a maioria das pessoas como eu, ou com trajetória semelhante a de Bispo que, segundo sua carta da geração iaiá, ioiô, nos ensina a usar “[...] a escritura para lutar contra os retrocessos, inclusive, para a efetiva implementação dos nossos conhecimentos nos currículos escolares” (SOUZA *et al*, 2025).

Há muitas inseguranças e vultos que nos assombram. Palavras se transformam em pesos que nossa mente parece não conseguir abarcar, ficamos reféns de apreensões, autopunição, autojulgamentos e autocensuras, e um perfeccionismo exacerbado. Mesmo com vários permeando os espaços acadêmicos, lendo e relendo alguns clássicos, autores decoloniais entre tantos outros e outras nos punimos no ato da escrita. Talvez tenhamos um desafio maior que reside no inconsciente, que introduziu o que sempre nos foi ensinado pelo colonialismo, que nosso lugar não é na academia, que nosso lugar não é nos espaços de poder, político ou de conhecimento. Romper com esses paradigmas é o nosso maior desafio.

É um momento em que cada palavra parece carregar um peso desproporcional. O início de qualquer texto é envolto por uma aura de apreensão e medo. Quando se trata de escrita sensível, essa insegurança se intensifica. A sensibilidade nas palavras pode expor fragilidades e revelar aspectos íntimos que preferiríamos esconder, e é exatamente isso que me faz hesitar. Ao falar das minhas ancestrais, dos meus ancestrais, estou desafiando minha identidade, expondo as tramas e os fios que compõem a minha própria existência.

Apesar da minha tendência a evitar a escrita que toca profundamente o coração, da minha história e do meu psíquico, eu me sinto constantemente laçada e entrelaçada por ela, como a lançadeira do tear lança os fios para tecer a trama dos tecidos. Afinal, a minha vida é um tecido de histórias, uma colcha de retalhos composta por experiências e emoções que me atravessam. Esses retalhos, que parecem se costurar e emendar ao longo do tempo, moldam não apenas quem eu sou, mas também o que eu escrevo.

Cada emenda e cada costura, feita com cuidado e paciência, carrega consigo um fragmento do passado, uma memória, uma dor ou uma alegria que, juntas, formam o pano de fundo da minha narrativa pessoal e familiar e que refletem a/na minha realidade, o/no meu ser e nas relações que foram estabelecidas ao longo da vida.

É nesta complexidade que reside o motivo da minha fuga. Escrever sobre esses retalhos e emendas é como desfiar uma parte de mim mesma que preferiria manter oculta. O processo de expor essas histórias entrelaçadas pode ser tão doloroso quanto libertador. Quando nos permitimos refletir sobre os próprios retalhos, os pedaços que foram remendados pelo tempo e pelas circunstâncias, reconhecemos a própria vulnerabilidade e força. Cada costura é um testemunho da nossa jornada, um reflexo das nossas lutas, nossas perdas e nossas vitórias.

Mesmo que eu tente evitar a escrita sensível, é impossível escapar do impacto que ela tem sobre mim. É um reflexo inevitável das minhas próprias experiências, um entrelaçamento intrincado das histórias que carrego e que, por sua vez, me moldaram. Logo, ao enfrentar esses primeiros passos incertos e ao mergulhar na escrita sensível, descubro que, paradoxalmente, é também através dela que eu encontro uma forma de me compreender melhor. E, assim, a cada palavra colocada no papel, eu continuo a costurar, a emendar e a tecer a tapeçaria da minha própria narrativa.

Minha infância, na zona rural do município de Jaraguá-Goiás, foi marcada por um estilo de vida simples, mas rico em experiências com o modo de vida rural e com a lida e a vida tão penosa das pessoas que vivem no campo. Vivíamos em uma média propriedade, onde a vida seguia o ritmo das estações do ano regida pelos calendários afixados na parede da sala pelas festas e tradições locais.

A vida no campo é uma vida marcada por muito trabalho, mas também por uma vasta gama de aprendizados, cheiros, sabores e cores que recordo com carinho. São lembranças da roça, dos agregados e suas famílias, do tempo das enchentes, de sentar-se na beirada da cama do tio Joaquim para ouvir histórias de Tereza Bicuda, Pai do Mato, Saci, Coronel Castrinho, do Coelho que capou a onça e tantas outras histórias que só Joaquim tinha tempo e cabeça para juntar, contar, recontar e reinventar.

As manhãs começavam cedo, com o canto do galo anunciando o início de mais um dia de trabalho e as vacas inquietas esperando a hora da ordenha para

encontrar com seus bezerros que dormiam fechados no barracão. Meu pai, sempre com um chapéu na cabeça, um cigarro de palha na boca, preparava-se para cuidar da lavoura. Atrelava o velho arado no trator e seguia para as roças. A minha mãe, por sua vez, com sua força e determinação, iniciava o dia acendendo o fogão à lenha e colocava a água para ferver na rabinha, depois passava o café sem açúcar e quem desejasse que adoçasse no copo, porque o seu era sem doce.

Em seguida, pegava a lata de carne e esquentava uma porção e mexia com feijão e farinha para fazermos o desjejum, seguia para o curral para ordenhar as vacas e organizava as tarefas domésticas, fazendo almoço e cuidando da produção de queijos e requeijões que seriam levados, no final de semana, para serem vendidos na cidade. Embora eu e meus irmãos ainda fôssemos crianças, eram atribuídas pequenas tarefas que fazíamos com toda preguiça do mundo. O que queríamos mesmo era ir brincar nas sombras do cafezal e das mangueiras.

Durante a época de fartura, quando as colheitas eram generosas, perdíamos o espaço da sala para estocagem das sacas de arroz. Mas a fartura de alimentos compensava a perda de espaço. O milho fresco cozido e assado, as batatas-doces assadas, as abóboras de fazer doce, pamonhas, doces de leite que faziam a nossa alegria.

As temporadas das frutas, como as mangas, abacates, jabuticabas, ingás, curiolas, cajus do cerrado, cagaitas eram um momento de festa para nós, as crianças, no caso das mangas, davam para fazer doces e guardar por vários dias. A vida tinha um cheiro e sabor que as palavras não são capazes de expressar. E hoje entendo o significado da expressão de minha avó que ao degustar alguma comida dizia: “já não é gostoso como antigamente”. É o sabor e o cheiro da memória afetiva da infância.

Os períodos de colheitas ou plantios se entrecruzavam com a época dos festejos dos santos e das romarias. Os festejos locais eram esperados o ano todo, momento em que se usava as melhores roupas e calçados para passear nas barraquinhas. Nas rezas e folias de reis, a fartura da roça embalava os forrós durante o dia e a noite. Era o pão de queijo, as bolachas, broas, mané pelado, roscas e pães assados no forno de barro acompanhados do leite queimado com açúcar ou o café docinho e ralo. Os artistas locais entoavam forrós e músicas tradicionais animavam o povo.

Nas festas em homenagem aos Santos e Santas locais, o anúncio do início da festa, que começava com as alvoradas às 5 horas da manhã com carro de som, foguetes e muita alegria. As romarias, que aconteciam em honra de santos e santas, eram ocasiões especiais para a comunidade se reunir, rever parentes, amigos e vizinhos que, às vezes, o trabalho duro da roça não dava tempo. As procissões ganhavam cores com as bandeirinhas de papel de seda, barraquinhas e o barulho dos sinos que ressoavam pela cidade e povoados, trazendo um sentimento de pertencimento e de espiritualidade, de comunhão com algo bem maior que a nossa compreensão.

Mas a vida não era apenas sobre trabalho e celebração, era uma forma de viver, em certa sintonia com a natureza, com a vizinhança, com os valores que ligavam uns aos outros. Cada estação trazia sua própria beleza e desafios, era preciso compreender e aceitar o tempo de cada coisa - o tempo da natureza - pois o tempo da chuva e a abundância não eram permanentes (nem a seca) e que cada uma das estações era indispensável para a existência da outra, que havia o tempo de a terra doar e o tempo de ela descansar e que bastava respeitar e compreender os ciclos da natureza para a vida seguir seu fluxo.

Essas memórias de infância, cheias de fartura, rezas, folia e romaria, moldaram minha visão de mundo e me proporcionaram uma base sólida de valores e tradições ligadas ao campo. São lembranças que guardo com muito carinho e que, apesar de distantes, continuam a influenciar a minha vida. Entretanto, tal rotina foi quebrada quando nossos pais decidiram nos levar para estudar na cidade e morar com nossos avós.

Essa ruptura é um ponto que remete ao medo do desconhecido, das nossas experiências de liberdade, roupas rasgadas e pés descalços, tudo fica para trás com a ida para a escola. A liberdade ficou restrita ao quintal da casa dos avós, nossos corpos agora aprisionados em uniformes justos, cabelos presos e pés encarcerados em sapatos apertados.

A escola nos impunha regras que ainda não conhecíamos, limites físicos e barreiras contra nossas próprias experiências. Aprendíamos que o nosso modo de falar estava errado e que, a partir de então, era preciso readaptar nossa fala. Essas e tantas outras situações marcaram a minha infância e acredito que é parte desse medo de escrever, de expressar, de achar que estou sempre errada e que minha forma de me expressar e me posicionar nunca é boa o suficiente.

Com o tempo, fui compreendendo que essa condição extrapola a minha subjetividade, porquanto é um dos muitos traços da colonialidade (MIGNOLO, 2021) e seus muitos mecanismos de dominação de corpos e mentes, em especial no caso das mulheres e as intersecções que nos atravessam. No meu caso, as intersecções que me tolhem direcionam para me silenciar ainda mais, sendo mulher negra, de religião de matriz africana, com limitações físicas, mãe atípica, moradora do norte, de origem no campesinato e trazendo fortes traços do regionalismo em minha fala, carrego intersecções que não abarcadas pela ciência eurocentrada (MIGNOLO, 2021).

Escrever também é uma arte da tecitura, assim como as mulheres que, durante a fiação do algodão, sentavam-se com suas rodas/rocas giratórias e fios rústicos e fortes, em um ato que transcende o mero processo de transformar fibras em fios. Quando uma mulher se sentava à sua roda/roca, ela não apenas criava fios para tecer, mas também tecia memórias e histórias. Cada fio fazia um elo entre o passado e o presente, entre mães e filhas e entre avós e netas. É como se o tempo se entrelaçasse nas fibras e se tornasse a trama dos tecidos.

As fiandeiras, as poucas que ainda resistem e que hoje são mais lembradas em eventos culturais, são guardiãs de uma arte que perpassa o tempo, a arte de tramar fibras de lã, algodão, linho e seda para produzirem cobertas, tapetes e diversas outras peças. A arte de transformar matéria bruta em tecidos não se resume apenas a uma técnica milenar de transformação de recursos da natureza, o fiar e tecer se torna também um lugar de ressignificação e de reinventar, de sobrevivência, assim como Sherazade sobreviveu as mil e uma noite, Ariadne e seus fios marcaram o caminho do labirinto que lhe permitia regressar, como as Moiras que teciam os fios da vida, as fiandeiras e suas rodas/rocas produzem memórias e histórias que vão tecendo panos que não só mantêm suas famílias, mas tecem vidas.

Para além da transformação da fibra em fios, a arte da fiação e tecelagem exigiam que conhecessem também os demais processos de produção após a fiação, elas como tingi-los usando cascas, folhas de árvores, ferrugem e tantos outros processos naturais que davam cores e vida aos tecidos. Nos mutirões o som da roda/roca ecoava pelas casas, acompanhado por risadas, canções, confidências ou lamentos. Em certas ocasiões os mutirões das fiandeiras coincidiam com os mutirões de colheitas ou roçagem dos pastos e que eram regados com uma boa

dose de cachaça de engenho e almoços com frangos caipiras, macarronadas e, em seguida, o velho e bom doce de leite com queijo para rebater o almoço. Era a celebração do trabalho coletivo e estreitamento dos laços de solidariedade entre as pessoas do campo.

E então, o tecer. As teias que se formavam nos teares, criando padrões que contavam histórias, registravam memórias, vivências e saudades. Cada peça de tecido era única e carregava consigo o trabalho árduo e a criatividade da tecelã. Os teares eram como instrumentos musicais e parte da família, e as mãos habilidosas lançavam a canoinha que dançava entre os fios e os pés ritmavam os pedais do tear, criando mantas, lençóis, roupas e tapeçarias. Tecer é uma arte que exige conexão e ritmo entre pés e mãos.

Os padrões dos tecidos podiam representar geralmente carregavam um sentido mais práticos e simples como tramas de xadrez, riscas ou somente o tecido liso que poderiam ter a beleza realçada com bordados ou barrados de crochê. O ato de tecer é, em si, uma forma de meditação, uma maneira de se conectar com o divino, a interioridade com os ciclos da vida, os fios, os tecidos têm a capacidade de sobreviver às tecelãs e muitas vezes o fazem, perpassam gerações, tornando-se relíquias familiares, tesouros, heranças e lembranças.

E, por fim, a costuras. Além de conhecer todo o processo de produção do tecido a vida do campo exigiam que também soubessem transformar os tecidos em roupas, quem não dispunha de uma máquina de costura em casa o fazia a mão unindo cada peça apenas com agulha e linha.

As famílias, com pouco mais recurso, usavam máquinas de pedal ou manivela e dos tecidos se faziam roupas do cotidiano, cobertas, panos de pratos e diversas outras utilidades que se dão aos tecidos de algodão no meio rural. Produziam-se as mais variadas peças, como: vestidos, saias, camisas, calças e tantas outras peças possíveis. Cada ponto era uma pequena decisão: como ajustar a bainha, como unir as partes, como decorar com bordados ou rendas.

As roupas costuradas por minhas ancestrais e as mulheres de seu tempo carregavam um significado, uma expressão e demarcação de uma identidade familiar e intransferível. Em que se teciam afetos, de histórias de amor e de cuidado. A bolsa de algodão onde guardo em meus pertences faz lembrar a minha mãe usando para levar comida na roça, meu avô usando a mesma bolsa para levar os pertences para a pescaria e era usada pela minha avó na colheita do algodão, um

exemplo de como uma simples bolsa uniu e perpassou gerações. Assim, um vestido de noiva pode conter os sonhos de uma bisavó. Cada peça é um testemunho silencioso da passagem do tempo e da continuidade da vida.

Transmitir a habilidade da tecelagem, de geração em geração, era uma forma de resistência contra o esquecimento. Quando uma mãe ensinava sua filha a fiar, a tecer e a costurar estava compartilhando não apenas técnicas, mas também valores; valores que vão além do material. É um ato de amor e de preservação da cultura. Tecer é muito além de uma simples habilidade manual. É uma celebração da vida, da criatividade e da conexão entre as gerações, como podemos ver em Silva e Oliveira (2012) e Brandão (2018).

1.4 Festas e romarias

As famílias camponesas preparavam-se, ao longo do ano, para participar de festejos e romarias, considerados processos a envolver tanto aspectos religiosos quanto culturais, sociais e agrícolas. Em regiões rurais, como em muitas cidades do interior de Goiás, as celebrações religiosas e as datas comemorativas são momentos de forte tradição e de união comunitária.

Os festejos e romarias acontecem concomitante com as práticas agrícolas, não há como adiar um ou o outro. Sendo assim, fé e trabalho são sincronizados para que possam acontecer paralelamente uma sem prejuízo a outra. As romarias e festejos locais, além de serem momentos de devoção, são oportunidades de encontros, bate-papo, risadas, trocas comunitárias, relações pessoais e o momento de rever familiares e amigos. As pessoas se preparam para esses eventos, ao longo do ano, levando em consideração tanto o calendário religioso como as tabelas de plantio, colheita e do cuidado com os animais (criações).

As romarias, que demandavam um deslocamento maior e mais dias dedicados eram planejadas com antecedência. Essa antecipação incluía preparativos dos alimentos, tralhas para montar as barracas, contratar alguém para ficar nas propriedades cuidando e alimentando os animais. Os meios de transporte eram diversos: carroças, carros de boi, carros pequenos, caminhões, romeiros que iam a pé. Enfim, cada um se locomovia com o transporte que tinha, outros pegavam carona.

A seguir temos uma imagem (Figura 1) que exemplifica um dos momentos de locomoção para as romarias. O caminhão registrado pela fotografia pertencia aos meus avós. Durante os ciclos da colheita, era usado para levar as sacas de arroz, feijão, milho e café para serem vendidas em Ceres-Goiás. E, durante os períodos de festas e romarias, era usado para transportar a família. Em cima do caminhão estão meus avós, minha mãe e minha tia e as filhas de minha tia. No chão, estavam tio Joaquim e o motorista, o Tico.

Figura 1 - A chegada nas romarias



Fonte: Acervo familiar.

As romarias, como as de Trindade-GO, Povoado de Monte Castelo – Jaraguá – GO. e Muquém - Niquelândia - GO, são alguns dos momentos mais significativos para as famílias católicas da região rural e urbana do centro-oeste e norte goiano. São realizadas entre os meses de julho até meados de agosto. Dia 15 de agosto finalizam os ciclos dessas romarias é o término da Romaria de Muquém em homenagem a Nossa Senhora da Abadia.

As famílias romeiras se acomodavam em suas barracas armadas nos lotes ao redor da Igreja, demarcados e alugados por ela. E ali passavam em torno de uma semana ou mais. Nas barracas se fazia de tudo, era como se fosse uma casa fora de casa. Dormia, fazia comida, recebia os visitantes. A lavagem das roupas era feita em tanques comunitários próximos da igreja ou nos ribeirões e, claro, a quem se atribuía a responsabilidade por todas essas tarefas eram as mulheres. Para os homens ficava o maior tempo ocioso, que aproveitavam para jogar truco, passear

pelas barracas. O trabalho deles era o de montar e desmontar as barracas e carregar e descarregar os caminhões, carroças e carros de bois.

A seguir, uma fotografia familiar (Figura 2) que é um registro desse momento de romaria e das barracas improvisadas em que as famílias se acomodavam no período do festejo. Os romeiros retratados na imagem são meus avós, minha mãe e, à frente dela, minha prima Natalina e, ao fundo, minha outra prima, Maria José; os meninos ao fundo são filhos da minha tia-avó Josefa, a tia Nêga. Com exceção das minhas primas, todos os demais já estão falecidos. Atrás, sustentando parte da estrutura da barraca, o carro de boi. Essa fotografia foi tirada na Romaria de Monte Castelo, Jaraguá-GO.

Na fotografia é possível notar os homens calçados e todas as mulheres descalças. A intencionalidade desse fato não se sabe ao certo, se havia uma intenção hierarquizada ou se era pelo sentimento maior de liberdade das mulheres, ou ainda se a barraca sendo a extensão de suas casas e as mesmas ficassem ali a maior parte dos dias festivos sendo os homens os que mais aproveitavam o espaço central da festa e por essa razão estarem calçados.

Os motivos que levavam os romeiros e romeiras eram os mais diversos: festejar, cumprir promessas, rever amigos e familiares. Mas principalmente o espírito de fé, que levava as pessoas a percorrerem esses caminhos.

Figura 2 - Meus avós e a família em romaria, ao fundo o carro de boi



Fonte: Acervo familiar.

Os camponeses conhecedores dos ciclos da natureza do plantio e colheita, organizavam suas vidas de maneira a conciliar o tempo folgar e festejar sem prejuízo para sua produção. Um dos exemplos é o cultivo da cana-de-açúcar, que se inicia entre outubro e dezembro, com a colheita programada para março e abril, por isso, a proximidade dessa época de colheita precisa ser levada em consideração pelos agricultores que planejam viajar para as festas e romarias. Esse planejamento agrícola envolve o manejo adequado da plantação para que os trabalhos estejam com menos intensidade durante as datas festivas.

A festa religiosa de Monte Castelo, que acontece do final de junho até o início de julho, coincide com um período de transição entre o plantio do algodão e do fumo, cujos períodos de plantio são de dezembro a janeiro e de janeiro a fevereiro, respectivamente. Todavia, é também o período em que estava sendo feito o desmanche dos mandiocais e feitura do polvilho e farinha, quando não dava tempo de terminar o desmanche, era comum dar o restante da produção a meia para famílias que não iam para as romarias. A seguir, mais um registro fotográfico do acervo familiar (Figura 3), que demonstra a importância desses momentos dedicados às romarias pelos meus ancestrais. A fotografia registra possivelmente a chegada ou partida do grupo de romeiros a um dos locais onde acampavam.

Figura 3 - Meus avós e a família a caminho das romarias



Fonte: Acervo familiar.

A fotografia, embora pertença ao acervo familiar, retrata os costumes e tradições de um Brasil rural e profundo entre os anos de 1960 e 1980. Famílias numerosas com alguns parentes e agregados que se uniam em prol da vivência religiosa das festas e romarias.

Além das romarias, os trabalhadores participavam nos festejos locais, que ocorriam em cidades vizinhas e em comunidades rurais. Esses eventos religiosos marcam um lugar importante nas sociabilidades das pessoas que vivem no campo, nas pequenas cidades e povoados cercados por chácaras e fazendas e que delas dependem para sua própria sobrevivência.

As festividades locais algumas perpassaram o tempo, embora, assim como as romarias, passaram pelo processo de ressignificação ao longo do tempo, mas ainda hoje persistem, como as festas em homenagem a São Sebastião, São Benedito, Santa Bárbara, e as tradicionais Folias de Reis, realizadas no Povoado de Uruceles, Uruana-GO. Essas festas são celebradas em períodos específicos, como no início de junho (São Sebastião) e no início de outubro (Nossa Senhora de Aparecida).

E, no final de dezembro até o começo de janeiro (Folia de Reis), que é um dos festejos rurais, bem como as rezas e novenas e devoção aos Santos e Santas. A reza de Santo Antônio, São João, São Pedro, Nossa Senhora de Aparecida e São Lázaro são as mais comuns e que mais aglomeram pessoas, sempre com muita fartura de alimentos, fogueira, fogos e boa conversa e reencontro com amigos, vizinhos e familiares.

Na Folia de Reis, que ocorre entre 31 de dezembro e 6 de janeiro, embora ocorra em um período intenso de trabalho, nas lavouras, muitos trabalhadores procuram conciliar sua participação nas festividades com o ritmo de trabalho, como no costume local em que os foliões passam o dia na casa em que marca o pouso da folia. Geralmente, a famosa janta da folia é o ponto alto daquele pouso, pois já deu tempo de se cumprir as tarefas e ir pelo menos para jantar e prosear. Dezembro e janeiro são meses em que os trabalhadores e trabalhadoras do campo estão bastante ocupados com plantios e colheitas. Mesmo assim, devotam uma parte do seu tempo para estarem junto ao seu grupo de pertencimento.

Sobre as festas de São Benedito e Santa Bárbara, em Uruceres, Uruana-GO, essas são realizadas entre meados de junho e início de julho. São exemplos de resistência ao tempo, em um pequeno povoado da região, mesmo com todas as transições atuais, ainda resiste, claro que não tem a mesma dimensão e significado de décadas atrás. Mas ainda ocupa um lugar de importância na vida social e religiosa da comunidade.

Geralmente, nesses festejos locais, um dos momentos de grande interação e disputa acontece durante os lances nos leilões que são realizados após as missas. Durante os nove dias da novena, os novenários organizam pratos especiais para serem doados à igreja e depois leiloados aos festeiros, a disputa é grande, vence quem paga mais. E, no último final de semana, se leiloam animais e sacas de mantimentos doados pelos chacareiros e fazendeiros aos santos homenageados.

Cabe ressaltar que dos fatores que podem ser apontados na dimensão e importância dessas festas religiosas, destacamos alguns a serem considerados: A) o crescimento e adesão as denominações cristãs evangélicas que avançaram no interior do Brasil; B) o crescimento do agronegócio e migração dos camponeses que foram vendendo as suas pequenas propriedades e migraram para as cidades; C) A transição do modelo de produção rural para o industrial, que reconfigurou radicalmente a dinâmica social, econômica e cultural dos camponeses. Essa transformação que alterou a organização do tempo e da vida cotidiana e é analisada por Thompson (1998) em sua obra "*Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial.*"

Além das festividades religiosas, as festividades familiares tinham relevância em nossas vidas, quebrava-se a rotina do campo para nos reunirmos em um ciclo mais fechado de pessoas. As datas de reuniões e comemorações familiares, como o

aniversário de casamento dos meus avós, no dia 2 de agosto. O aniversário de minha avó Nenê, em 13 de setembro, e o aniversário de meu avô Estevam, em 26 de dezembro, esse último que se estendia com as festividades de final de ano.

Esses momentos de celebrações familiares revitalizavam os laços familiares a cada reencontro. A vizinhança não ficava de fora, eram convidados e logo o grande quintal da casa da cidade, quase meia quadra da Rua Graciano Costa Vasconcelos, ficava cheio de gente, sons de conversas e gritaria das brincadeiras das crianças. Ao longo do ano, tanto as festas religiosas quanto os encontros familiares e locais se entrelaçam com as exigências que a vida rural estabelecia, criando ciclos de convivência, devoção e celebração que eram pontos de grande importância na vida dos trabalhadores rurais e suas comunidades.

1.5 Mulheres ancestrais da minha família

A história das mulheres, em minha família, é construída sobre um chão de coragem, entre: a luta cotidiana pela sobrevivência e o combate às estruturas opressivas e violentas que rodeavam suas vidas. Elas nasceram, cresceram e viveram em tempos de rígido controle social, nas quais se pode destacar algumas estratégias principais de atuação. Algumas dessas mulheres desafiaram abertamente as normas vigentes, enfrentando as severas consequências de sua ousadia.

Outras, agindo a partir de uma aparente aceitação às regras, mas que construíram táticas de negociação e autopreservação dentro dos espaços que lhes eram permitidos. Ambas as posturas, no entanto, compartilham uma base comum: a mobilização de aprendizados, que lhes foram transmitidos entre gerações de mulheres, que lhes forneceu os instrumentos para forjar suas próprias formas de sobrevivência e resistência.

Abaixo segue uma fotografia da minha avó Nenê e suas irmãs. (Figura 4). A primeira da direita para esquerda é a Benedita (Dinha), a segunda minha avó Nenê. As demais são suas irmãs Inácia, Iria e Josefa. A imagem retrata todas bem-vestidas, calçadas e usando suas joias. A data da foto é desconhecida, mas estimo que tenha sido feita entre os anos 1940 e 1950.

Figura 4 - Nenê e suas irmãs



Fonte: Acervo familiar.

As mulheres da época viviam sob rígido controle familiar, social, cultura, econômico e religioso e as que ousassem transgredir as regras ou romper com os padrões morais eram, frequentemente, condenadas a uma vida de solidão e subalternidade. Sua reinserção no seio familiar dava-se, com frequência, por meio do papel de auxiliares na criação dos sobrinhos, uma função que, embora lhes concedesse um lugar, lhes negava autonomia e voz. Essa posição precária era, por vezes, ratificada pela doação de seus modestos patrimônios hereditários - como pequenos lotes de terra, casas, joias de família, gado - aos irmãos ou tutores, ato que simbolizava um pagamento pelo “favor” do acolhimento parental e perpetuava seu estado de dependência.

Todavia, mesmo as mulheres que optavam por não constituir matrimônio ou aquelas que não conseguiram ser desposadas por alguém (as beatas), não estavam imunes às relações abusivas. Tais violências, fossem praticadas por pais, cunhados ou sobrinhos, frequentemente, eram normalizadas e naturalizadas como parte da condição feminina da época, um legado de submissão que, em muitos aspectos, perdura até os dias atuais. Essas mulheres estavam sujeitas as mesmas mazelas

das mulheres casadas, incluindo exposição à violência física, social, moral, psicológica e patrimonial.

Cabe ressaltar, contudo, que sua posição era ligeiramente mais vantajosa se comparada ao destino daquelas que se relacionavam com namorados ou noivos antes do casamento. Quando abandonadas, grávidas ou não, era comum que fossem expulsas de casa por familiares. Para muitas, o desfecho dessa rejeição era a marginalização social, econômica e o confinamento em prostíbulos. Apesar de distintas em suas trajetórias, todas essas mulheres enfrentaram adversidades com uma resiliência e determinação que merecem ser lembradas, celebradas e permanentemente rememoradas.

Sobre a questão da propriedade das terras. Segundo a análise de Federici (2017) em *“Calibã e a Bruxa”*, o direito à propriedade da terra foi um dos muitos direitos expropriados das mulheres durante o processo de disciplinamento capitalista. Nesse novo ordenamento social, a mulher foi constituída como um sujeito legalmente incapaz, impedida de gerir sua própria vida e negócios.

2 CONTOS E (DES)ENCONTROS DE FAMÍLIA

A seguir, uma série de contos de família.

Apresentação

Esta segunda parte da Tese constitui-se como um recorte literário e memorialístico que, por meio de um conjunto de dezesseis narrativas fragmentadas - designadas por "cortes" ou "contos", pretende uma reconstrução transfigurada da trajetória de uma família camponesa negra goiana. A tessitura narrativa transita na intersecção entre pesquisa documental, memória familiar (transmitida oralmente) e ficção, configurando-se como uma reelaboração artística e crítica do passado.

A estrutura em fragmentos é intencional visto que valoriza a descontinuidade e narrativa em episódios como recurso de escrita e de ruptura com a narrativa linear ao retratar as nuances e contradições da experiência familiar. Nesse contexto, os cortes ou contos exploram temas fundamentais como sonhos, enfrentamentos, dores, traumas e a construção de uma subjetividade coletiva, sempre mediados pelas interseccionalidades de gênero, raça e classe. A condição camponesa, a negritude em um contexto regional, frequentemente, invisibilizado e as dinâmicas das intersecções atuam como eixos que estruturam a narrativa.

A organização dos "cortes" ou "contos" se inicia com o conto "A Morte de Turco" - evento simbólico marcado por um momento de perda ao retomar o trauma originário de Estevam e Nenê e culmina com "Histórias e Cafés", uma reflexão sobre o próprio ato de rememorar e partilhar narrativas nas redes familiares. Essa composição estabelece um ciclo morte-narrativa-vida, no qual a prática de contar histórias se apresenta como ato de resistência, reparação, ou seja, uma continuidade como também tributo à ancestralidade na figura de um tio avô, Joaquim.

O trabalho proposto transcende o âmbito estritamente familiar para assumir um caráter de justiça epistêmica e literária em favor do campesinato negro e goiano. Insere-se ainda a experiência da família camponesa negra goiana no cânone literário e no debate histórico, em uma alternativa às narrativas hegemônicas sobre o Centro-Oeste brasileiro à medida que contribui para a visibilização de sujeitos e memórias marginalizadas à luz da literatura feminina, afrobrasileira e produzida no

Norte do Brasil. A proposta se firma, assim, como um exercício narrativo, onde a ficção, aliada à memória, torna-se instrumento para o preenchimento de lacunas, a reelaboração identitária, para a crítica social e produção artística decolonial. Talvez o maior pecado esteja no excesso de descrição do cenário, todavia constitui como um traço da escrita da autora e da própria essência da memória a qual Bosi (1994), citando Halbwachs, afirma que:

[...] O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobrevivesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. (BOSI, 1994, p. 60)

E assim, se construiu o que viemos a chamar de cortes ou contos, essa forma literária de ruptura e de construção de uma via de diálogo decolonial e com ampla possibilidade de debate sobre questões tão caras a sociedade brasileira e amplamente discutida através da forma acadêmica convencional e que ousamos inserir também através da forma de escrita criativa.

2.1 A morte do Turco

Máquinas e vidas se misturam na labuta da roça. Antes do amanhecer, colonos e proprietários já estavam na lida. O café adoçado com a rapadura produzida ali mesmo era acompanhado de queijos, biscoitos, bolos, broas e tantas burundangas que Nenê sabia fazer. E assim, todos partilhavam do que produziam. Homens, mulheres e crianças desempenhavam suas funções diárias, fossem os pequenos tangendo e alimentando os animais, enquanto os adultos se ocupavam dos serviços braçais mais pesados. Havia ali uma divisão social do trabalho, que nem sempre seguia o seu curso normal, sendo que em alguns momentos essa divisão era atropelada pelos rompantes de Chiconá.

Chiconá, a filha mais velha do casal, era avessa aos afazeres domésticos; seu prazer era laçar boi, ordenhar as vacas, cuidar dos bezerros e castrar os porcos. Fazia de tudo um pouco, quando necessitava ia para a lida doméstica, mas o prazer era cuidar do gado. Nesse ritmo, levantava-se antes das galinhas e ia dormir depois delas. O trabalho só cessava em momentos de alimentação, quando o sol fazia a sombra na soleira da janela do velho casarão. Era a hora do almoço e a outra

parada, exceto nos casos de precisar fazer as necessidades, só ocorreria às 3 horas da tarde - era o lanche da tarde.

O trabalho pesado se estendia de segunda-feira até o meio-dia de sábado, sendo interrompida nos domingos e dias santos, ou na eventualidade de um velório ou outra situação que demandasse o cessar das atividades. Seguindo o calendário da vida e da natureza, se plantava, colhia e festejava, num sistema planejado, anualmente, dividindo o tempo do trabalho e o tempo das festas, como se aprendeu com os antepassados. A vida margeada pelos rios Sucuri e Das Almas não se desviava muito dos planejamentos anuais, exceto em tempos de intempéries, secas ou catástrofes naturais que demandavam rever o planejado. A vida e a lida eram engrenadas assim como as engrenagens do engenho.

Era numa dessas tardes de labuta, Estevam tocava os bois para rodar o engenho, enquanto alguns trabalhadores chegavam com o carro de bois carregado de cana. No barracão, outro grupo se dividia na tarefa de engrossar o caldo da cana em um enorme tacho de cobre, enquanto outros já batiam o melado apurado na grande gamela de madeira feita pelo seu cunhado Gabriel, um dos irmãos de Nenê. Gabriel ficou viúvo, ainda moço, com muitos filhos pequenos. Repetiu a história de seu pai Gabriel, também não desposou outra mulher, ficou cuidando dos filhos com a ajuda da irmã Iria. Iria não era boa dos sentidos, mas ajudava a cuidar das crianças. Diante do seu infortúnio e não podendo deixar as crianças apenas sob os cuidados de Iria em casa, passou a desenvolver atividades de produção artesanal de balaios, cestas, gamelas, colheres de pau e tudo que a imaginação lhe permitisse criar. Por causa de seu ofício, ficou muito conhecido na região.

Estavam todos ocupados na lida, quando se viu o levantar da poeira no horizonte; a poeira da estrada indicava que alguém estava chegando e, pela dimensão, já se previa que se tratava de um automóvel, era uma tarde de sol azedo como num prenúncio de um dia agourento. Aos poucos foi avistado um Corcel marrom, cuja cor se misturava à própria poeira da estrada. Era o Sr. Rafael, taxista da cidade vizinha, não trazia um semblante de boas notícias. Foi reduzindo a velocidade para não atropelar a cachorrada que o cercava desde a entrada na porteira principal da fazenda.

Eram três cachorros de muita estima de todos, mas o xodó da criançada era Tupi. O líder era o Leão, um velho pastor alemão que chegou na fazenda com a mudança do compadre Benedito, e por lá ficou mesmo depois da partida do

compadre. Leão era famoso por vigiar a casa, mas também se deixava montar pelas crianças. O Tupi, um *Basset* ensinado, sabia se deitar, rolar e se fingir de morto. Estevam tinha o dom natural de adestrar e assim ensinou seu companheiro as traquinagens para divertir a criançada. E, por último, o Lanque, um cachorro perdigueiro e de pouco contato com humanos, mas um exímio parceiro nas caçadas.

Chicona, com um porrete na mão, saiu ralhando com os cachorros. Gritando:

- Passa cachorro! Passa cachorro! – Era sua maneira de dizer aos cães para se acalmarem.

O corcel foi parando aos poucos e ambos se cumprimentaram.

- Boa tarde, Dona Chica!

- Boa tarde, seu Rafael! Vamos apear e entrar.

- Obrigado, Dona Chica! Estou com um pouco de pressa, mas vou descer para tomar um copo de água para tirar a poeira da goela.

Depois do copo de água Sr. Rafael disse:

- Bem, infelizmente o motivo de minha vinda aqui não é para lhes trazer notícia boa. Até dizem que notícia boa anda e a ruim corre.

Nenê estava à beira do fogão de lenha, cozinhando ervas e raízes para tingir os fios que tecera na noite anterior, parou por um instante, sentiu o vento frio da morte encostar ao seu lado, inclusive balançando o molho de ervas que estava pendurado sobre um varal que ficava acima do fogão de lenha com a utilidade de defumar carnes e ervas. E ali pressentiu que algo muito grave estava por ser descoberto com a chegada daquele mensageiro. Ficou atenta ao diálogo que seguiria.

E o Sr. Rafael continuou:

- Pois Bem. O motivo que me traz aqui não é dos melhores. Vim lhes dar a notícia de que seu motorista foi assassinado hoje de madrugada, no Posto Rio Bonito. Ele estava jogando sinuca quando chegaram dois homens e o chamaram pelo nome. Mal teve tempo de se virar e o crivaram de balas. Os assassinos fugiram, e não se sabe para onde foram, de onde vieram, nem sob as ordens de quem agiram.

Atônita e devastada pela notícia, a família, que agora se reunira na sala para ouvir o triste relato, sentiu como se o peso do céu inteiro lhe houvesse caído sobre as suas cabeças.

A boca de Nenê saía gosto de sangue: o sangue da sua dor e o sangue da vingança que não poderia realizar. Nenê levou a mão à cabeça, coberta por um lenço branco de algodão, e desatou em lágrimas. O choro de Nenê não era apenas pelo defunto. Era um pranto que se estendia pela mãe, pela esposa e pela filha e filho que Turco deixara órfãos. Era, sobretudo, o lamento contido que ela e o marido guardavam no peito desde a morte do próprio filho - uma dor antiga que o novo golpe reacendia.

O motorista assassinado, conhecido por todos como Turco, era uma figura inconfundível. Alto, com seus 1,80m, porte magro (não passava dos 80 quilos) e uma cabeleira ruiva, ele se vestia com camisas de manga curta, algumas coloridas, outras num marrom da cor da poeira das estradas que percorria. Turco distribuía alegria por onde passava, e seu defeito - ou sua sina - era querer amar todas as mulheres do mundo. Nos dias em que não estava na estrada, seu reino eram os bares e cabarés da pequena cidade, onde se tornou um personagem querido tanto pelas pessoas mais velhas quanto pelas profissionais do amor. No entanto, essa mesma vida que o tornava tão popular fora de casa era a fonte de um conflito permanente dentro dela, onde sua esposa sofria, dilacerada pela divisão constante do seu homem com outras mulheres.

Estevam, Nenê e Chiconá trataram então de encerrar os afazeres do dia e se prontarem para o velório de Turco. No caminho, ambos silenciosos, conversavam através dos olhos, lembraram das muitas viagens feitas com Turco no caminhão Ford 1979 de Estevam. Era Turco quem era responsável por escoar a produção de arroz, milho e café para os armazéns das cidades vizinhas. O caminhão era também o transporte na época das romarias da Trindade, Monte Castelo (Capelinha) e Muquém. Destas lembranças rememoraram o dia em que o caminhão quase caiu no Rio Bagagem, ficando pendurado apenas pelas rodas traseiras. Agora restavam apenas as lembranças e o choro não chorado, o choro rasgado e o choro entalado.

Por fim, o Turco encontrou a cama que suas pernas inquietas sempre recusaram: o colchão de terra onde não se precisa mais correr, e o sono do qual não se precisa despertar para outra mulher, outro bar, outra estrada. E assim, naquele fim de dia, a vida seguiu seu balé com a morte.

2.2 José: uma promessa

A memória da mãe era uma ferida que, ainda que cicatrizada há anos, nunca deixou de sangrar no coração de Nenê. Ela se casara tardiamente para os costumes de seu tempo, e sua existência foi marcada por uma constituição frágil e uma saúde sempre debilitada. Moléstias persistentes afligiam-lhe o coração e o intestino, enquanto um eczema teimoso nos joelhos a acompanhou por longas décadas, vindo a ceder apenas na placidez da velhice.

Sua pele, de uma brancura quase translúcida, era um mapa de sua fragilidade. Era possível seguir com os olhos o trajeto azulado de suas veias, que se destacavam sob uma epiderme fina como seda, uma pele que há anos não se expunha à luz do sol, mas marcada por ele. Seus olhos cor de caramelo, fundos e sábios, pareciam guardar em si as cenas de uma existência intensa, carregando consigo toda a dança entre a vida e a morte que a acompanhara desde o primeiro suspiro.

Eram tempos de poucos recursos quando engravidou do seu segundo filho; era o menino que ela e o marido tanto queriam para alegrar seus dias e lhes ajudar na roça. Foram nove meses de muitos cuidados para não perder a criança e, finalmente, nasceu o menino que tanto era desejado; nasceu bem perto do dia de São José e, por isso, foi batizado com o nome do Santo. Era um menino espigado, negro e aparentava saúde vigorosa. Suas características apontavam para um futuro adulto alto e forte, assim como seus antepassados.

O parto foi em casa, assistido pela irmã de Nenê, a Dinha, e por Dona Pretinha, parteira afamada da região. Era uma senhorinha com pouco mais de um 1,50m de altura, talvez fosse até mais alta, mas a coluna quebrada lhe rendeu uma curvatura nas costas, deixando-a corcunda. Era miúda de corpo e com seios fartos, o que deixava as pessoas incrédulas de um corpo tão frágil carregar tamanho peso e ainda agir com a destreza de uma onça. Seus olhos negros e ligeiros mapeavam todo o ambiente e situações; foi esse olhar que avistou um corpo de negro e cheio de belas curvas passando pela sala, como estava ocupada em seu ofício de trazer gente ao mundo, não perguntou para as mulheres quem era aquela moça bonita.

Cumpriu sua função com maestria, ajudou José a nascer. Tão logo realizou o parto e todos os procedimentos, ordenou que se trocassem as roupas de cama e

fizesse a limpeza do quarto, ainda ditou as regras da alimentação e cuidados para com a criança e a mãe durante os 40 dias de resguardo, foi quando Dinha retrucou:

- Dona Pretinha, mas sendo que nasceu foi um menino o resguardo é de 45 dias. Acho que a senhora está começando a ficar caduca.

Foi quando Dona Pretinha respirou fundo para não destratar a branca Dinha e lhe respondeu com toda calma e paciência do mundo:

- Dinha, a senhora me desculpe, mas nessa minha vida desde quando eu prestei para caminhar eu comecei a acompanhar minha avó Berta e ajudar ela a fazer partos, igual ela fazia nas senzalas e nas casas dos ricos e dos pobres ela me ensinou. E o que eu aprendi é que, quando a primeira criança é menino, todos os resguardos da mulher vão ser de 45 dias, sendo os demais homens ou mulheres. Será esse o prazo do resguardo e o contrário ocorre quando a primeira criança é menina o resguardo é de 40 dias e todos os demais também. Mas eu sou só a pretinha que escapou da senzala, a senhora é branca, e deve ter a sua sabedoria, dessa forma eu lhe aconselho a fazer da forma que a senhora acha correto, cinco dias a mais não vai prejudicar, só não pode ser a menos.

Dona Pretinha saiu resmungando do quarto e Dinha ficou resmungando do outro lado. Chegando à sala, foi fazer os acertos com Estevam e viu de relance a moça que cruzou a sala, agora lidava na cozinha com as panelas e foi então que indagou ao marido de Nenê sobre quem era a moça formosa que estava trabalhando na casa.

O dono da casa lhe respondeu:

- É Severina, ajustei com ela para cuidar da casa até a Nenê ficar boa!

A velha parteira sacudiu a cabeça, em sinal de reprovação, pegou seus acertos e as prendas que ganhara em sinal de agradecimento e merecimento por seu trabalho e saiu na companhia do menino Divino, seu único filho, cujo pai, com quem se deitou apenas uma vez, foi o suficiente para lhe deixar o filho como única lembrança; nunca mais foi visto por ali. Pretinha montou na garupa da bicicleta de Divino e fora para seu casebre na posse de terras que ficava em uma grota há uns 15 quilômetros de distância. Aos poucos as duas silhuetas foram se esvaindo da vista de Estevam.

Passados os dias de resguardo e Nenê ainda não restabelecida de sua saúde por completo, decidiram deixar a moça Severina por ali mesmo, e com isso José foi crescendo e ganhando peso e esperteza, respondia bem aos comandos solicitados

e já se iam seis meses estava de dentição e engatinhando. Quanto à moça Severina, já fazia alguns meses que sua saúde não andava bem, era vista vomitando com frequência, desanimada e com seu ventre inchado, achavam que estava com uma verminose das bravas.

Vendo a situação da moça e José já chegando perto dos seus sete meses, Nenê disse para Estevam que seria bom acertar com a moça e enviá-la para perto de seus familiares e assim fora feito. Severina foi para longe e até hoje não se sabe o desfecho de sua doença. Nessa mesma época, Estevam e Nenê resolveram fazer uma breve viagem a cavalo, levaram Chica e José na viagem. Tudo transcorreu normalmente.

Foram a cavalo baio, Nenê com José nos braços e Chica na cabeça do areio; passaram o dia fora, foi uma visita feita a Inhá Bendita, mãe de Estevam, a avó que virou jiboia quando morreu. Voltaram já no entardecer, tudo corria com maior tranquilidade, mas de repente uma cascavel que estava na beira da estrada deu o bote e o cavalo se assustou, levantou as patas da frente e saiu em arrancada, quase caíram todos, mas Estevam conseguiu controlar o cavalo. Chegaram em casa e perceberam José abatido, o que deveria ser o cansaço da viagem. Ele não quis se alimentar e logo adormeceu.

Nenê disse a Estevam:

- José virou o vento, têm que levar para benzer.

Ele respondeu:

- Já passou das seis horas, hoje ninguém mais benze, amanhã a gente o leva cedinho.

No outro dia, José se manifestava pouco e assim se seguiu os dias com sua saúde debilitada, passou a apresentar febre e chorava bastante, até que no sétimo dia virou anjo. O mundo sonhado pelos seus pais desabou, a tristeza os abateu. Todo vestidinho de branco, o caixãozinho feito ali mesmo pelo carapina compadre Ponciano, velaram e sepultaram José no povoado vizinho.

Desde a perda do filho, Nenê passou para um estado profundo de tristeza. A sua vida e seus dias pareciam estar temperados a fel, e seu marido se enterrou na roça para se distanciar da dor da perda de José. Aumentou as roças e os animais em pouco menos de um ano e meio, e viu que não conseguiria dar conta do trabalho sozinho, abriu um lote de sua terra para trabalhar com meeiros. A terra ganhou um ar de vila, com pequenas cabanas cobertas de palhas, em que famílias se

instalavam para trabalhar com plantação de cana-de-açúcar, feijão, milho e arroz. Vieram velhos, moças, rapazes, crianças e adultos de povoados e cidades vizinhas.

E a vida, que um dia lhes fora negada no berço, renascia agora em sulcos abertos na terra, onde a semente da dor de Nenê e Estevam, cultivada com suor no coração da fazenda, germinava em novas vidas e histórias, um jeito rude e sagrado de continuarem a criar o futuro que a morte lhes roubara.

2.3 Chorar era luxo

O sol ainda não havia rompido o horizonte quando Nenê acordou com o cantarolar dos pássaros nas mangueiras. Era hora de pular da cama e iniciar a lida do dia. Ela esticou o braço e tocou o ombro de Estevam, já desperto, mas que fingia dormir, nisso ele era bom, dizia Nenê. Fingia até de morto para escapar dos seus malfeitos, era tão bom que ensinava essa arte para os seus animais, Estevam tinha muitos dons, um deles era adestrar animais. Chumbinho, o cachorro *Basset*, era um exemplo desses. Quando ele ouvia os comandos de Estevam, fazia tudo que se pedia, se deitava, rolava de um lado para o outro, fingia de morto, colocava as mãozinhas na cara em sinal de vergonha.

- Essa noite dormi pouco, os cachorros correram com um bicho grande, pensei ser onça. Disse ela em tom de preocupação.

Estevam respondeu com pouco interesse.

- Há de ser nada, bicho é assim mesmo, gosta de folia, furdunço.

Eram recém-casados, não fizeram festa, precisavam guardar o pouco dinheiro para plantar a roça, a vida não permitia descanso. Embora Estevam já tivesse sua terra, e não trabalhasse mais em roça alheia, exceto nos ajudórios, mutirões e traições, momentos em que ia com gosto, levava seu embornal com a garrafa de cachaça de engenho que seu pai, o velho Silvério, produzia há anos à margem do córrego Quilombo. O casal estava cheio de projetos e planos, já tinham sua terra, terra pequena, mas deles. E isso já os colocava a frente de muitos dos seus parentes, que trabalharam a vida toda e não conseguiriam sair das terras alheias.

Dois anos depois tiveram a primeira filha, mais tarde veio José, o filho homem tanto desejado, que perderam antes de completar 1 ano de idade e ficou enterrado no povoado vizinho, sob uma cruz de madeira que Estevam fez com as próprias

mãos. Eles nunca superaram tamanha perda, nunca esqueceram José, mas o tempo tratou de cobrir a ferida da perda, José aos poucos foi virando lembrança lamento e tiveram que voltar a engrenar suas vidas. Afinal, chorar era luxo, e o campo não perdoava fraquezas, e nem os animais e as roças esperavam.

Às vezes, sentado no pilão, soltando a fumaça do cigarro de palha, com ela fazia círculos e desenhos com os quais sorria. Estavam virava para Nenê sentada aos pés do fogão de lenha e dizia:

- Siô, hoje o José estaria com quantos anos se fosse vivo?

Ela respondia de forma curta.

- Ele nasceu um ano depois que nós nos casamos. Faz a conta aí você que é bom de cabeça.

E assim chegavam a um número.

Os dias, naqueles tempos, eram mais longos; mesmo assim, nunca era o suficiente para tantos afazeres, que costumavam se embrenhar pelas noites afora. De manhã, ordenhavam as vacas; à tarde, capinavam o feijão. Às vezes, quando a colheita era boa, iam pescar no rio do Peixe. Essas viagens eram preparadas meses antes, iam para lá de barraca e ficavam dias pescando, pegavam lambaris, chorões, mandis, piaus, cachorras e iam salgando e secando no sol para não perder. Quando voltavam da pescaria, faziam vários pratos com os peixes salgados, assado, frito, molho e o famoso bolinho de cará com peixe seco e cebolinha. Sem contar nos relatos das aventuras de pescadores, em que terminavam com a narrativa do medo que tinham de dar de cara com o Nêgo d'água, até porque o compadre Cantalício havia poucos anos atrás decepado a mão de um que tentou virar sua canoa.

As romarias eram o único momento em que tudo parava na fazenda, mas se iniciava outro movimento intenso, a viagem para as romarias. As famosas "roupas de sair" saiam dos baús de madeira, geralmente tiradas uns três dias antes da viagem para serem lavadas, quaradas e passadas com o ferro de brasa. Nenê vestia o vestido de seda azul, penteava e trançava o cabelo das filhas. Estavam engraxava os sapatos, colocava toda a bagagem no carro de boi e seguiam viagem para as romarias. Eram dias de festa e trabalho, armavam barracas que se tornavam suas casas temporárias, as igrejas alugavam os lotes para os romeiros ali no cerrado seco e empoeirado aos arredores da igreja, o valor alterava conforme a distância da igreja.

Nenê e as outras mulheres romeiras tinham por festa a igreja e a barraca, enquanto Estevam e os demais homens tinham liberdade para andar nas barracas, dançar e festejar. Numa dessas escapadas, Estevam, na companhia do compadre Manoel, foi parar na rua dos macacos. Chegou de madrugada, na barraca da família, com cheiro de perfume diferente e rastros de batom pelo corpo, o que lhe rendeu uns tempos de resmungos e olhar torto.

Os dias e anos foram passando. O sol sempre nascia de novo. A família foi aumentando, a vida foi seguindo sua dinâmica, as rugas e arengas entre os dois foram diminuindo e, de acordo como o vigor e a força, também foram diminuindo as pequenas contendas do dia a dia, que se resumiam a um copo fora do lugar, um canivete que sumiu, a vida foi aos poucos sendo atravessadas por outras tantas questões que pareciam que o tempo havia voado, mas vez por outra sentados na cozinha, ele com o cigarro de palha na boca e com a fumaça brincando e desenhando, relembrou José.

- Hein, Nenê, se José fosse vivo, com quantos anos estaria mesmo?

Ela fazia as contas e respondia em seguida a quantidade de anos e dizia:

- Mas Deus quis assim, fazer o quê, né?

E assim a vida seguiu, como rio que corre sem nunca voltar à nascente. O tempo, esse lavrador invisível, foi semeando rugas na pele e colhendo lembranças no coração. José, que nunca cresceu nos braços deles, cresceu no pensamento, nos sonhos, plantado num canto da memória como árvore que ninguém vê, mas que toda manhã deixa cair uma folha no silêncio da cozinha. Porque, no fim, eles entenderam: algumas saudades não choram, apenas germinam.

2.4 O primo Jovi

Assim que levantava, Nenê pegava sua xícara esmaltada com um desenho de florzinha e caminhava até a prateleira de madeira, por de trás de umas latas de zinco com pinturas de sabiás, havia uma garrafa, não uma garrafa qualquer, mas uma garrafa de pedra branca que herdou do seu sogro Silvério. E onde guardava sua cachaça. Tirava a tampa da garrafa com a destreza de uma gata e meava a xícara com a mais pura cachaça de engenho a outra metade era café. Café que ela havia plantado no quintal de casa e todos os anos colhia e armazenava na tulha de

tábuas e adoçado com a rapadura que ela ajudava a produzir todos os anos. Em seguida tomava seu café misturado com cachaça. Era remédio antigo, servia para espantar a friagem da idade e dar coragem para enfrentar o dia. E depois desse ritual diário ficava remoendo suas lembranças.

Numa Quarta-Feira de Cinzas. E o próprio dia fazia jus ao nome. Era um dia cinzento, com pouca ventilação e sem vestígio de sol ou de chuva. Dia de se resguardar, a tradição antiga lhe ensinou a respeitar esses dias que davam início a Quaresma e o ciclo de penitências e reflexões sobre os limiares de vida e morte e quiçá almejar uma vida melhor após a passagem terrena. Aproveitando os poucos momentos dedicados ao descanso, Nenê se acomodou na cadeira de balanço de madeira.

Era um assento forrado com um pano que contava sua própria história: uma onça-pintada, serena e poderosa, repousava sobre uma moita de capim à beira de um lago quieto. Árvores esguias e sem vida pontilhavam o fundo da paisagem, enquanto a lua, cheia e prateada, espelhava sua imagem nas águas escuras. Um céu estrelado se abria acima, salpicado por parcas nuvens e pelas silhuetas de aves noturnas que cruzavam o firmamento como lembranças distantes. Naquela cena bordada, havia uma quietude que ela mesma parecia buscar ao fechar os olhos e deixar o balanço suave embalar seus pensamentos.

Num raro momento de regozijo consigo mesma, Nenê deleitou-se da sua companhia silenciosa para recompor os pensamentos e dialogar com sua imagem do passado. Foi nesse instante que veio a memória incômoda, lembrou do seu primo Joviano, o Jovi. Primo criado desde pequeno junto com ela e seus irmãos, às vezes sequer se lembravam dessas distinções de parentesco. Eram irmãos mesmo. Mas o Jovi menino havia ficado no passado e o Jovi adulto não merecia sua atenção e sequer seu perdão. O que fizera a ela e a sua família era imperdoável; jamais poderia restabelecer laços entre ambos. E resmungou consigo mesma:

- Aquele ingrato, gente é bicho ruim.

Mas, como bem dizia Nenê:

- Cabeça e coração de gente e terra que ninguém vai!

E nesse terreno desconhecido, Nenê não conteve as lembranças de sua infância, lembrou do dia em que Jovi saiu para caçada com seus irmãos e, como os calçados eram artigo de luxo, Jovi resolveu ir descalço. Um desleixo que quase lhe custaria a vida. Estavam no meio de um roçado com tocos ainda para serem

arrancados, caminhando dispersos e atentos em busca de alguma caça. Jovi se distraiu, pisou sobre uma touceira de capim com um toco de árvore que se abriu facheado na sola de seu pé. Sentiu quando uma lasca entrou cortando a sua pele e alojou-se na sua carne. E soltou um estrondoso grito de dor.

- Aiiiiiiii! Socorro! Me ajudem.

Os primos voltaram correndo.

- O que foi Jovi?

- Machuquei o meu pé.

Jovi não conseguiu mais andar, foi levado nos braços pelos primos/irmãos para a casa do pai de Nenê, o Sr. Gabriel Gomes, um homem branco, esguio, de orelhas e nariz avantajados que denunciavam sua raiz italiana, cabelos louros grisalhos e olhos azuis, vestia calça e camisa de algodão e calçava uma botina mateira, com chapéu de palha e um canivete na cintura. Já contava os seus 50 anos, acabara de enviudar e tentava dar conta da criação dos filhos e sobrinhos com o apoio da irmã Dinha. Era experiente na lida com pessoas e animais, sabia curar feridas, benzer e fazer chás e unguentos.

Sua sabedoria lhe permitiu avaliar que o acidente com o pé de Jovi não era de solução simples e demandava urgência em levar o rapazola para se tratar na cidade, já anoitecendo e andar por aquelas bandas era risco grande de topar com as onças. E que não eram poucas por ali. Decidiu então chamar Dinha e pediu para que ela fosse ao quintal e colhesse um molho de folhas de fumo frescas e fizesse um banho com um pouco de arnica e mergulhasse o pé de Jovi na água ainda morna para que ele tivesse um pouco de alívio até o dia amanhecer e assim fizeram.

Foi numa noite que parecia interminável que o pé de Jovi, já muito inchado e latejando, não deixou nem ele e nem qualquer pessoa da casa dormir, as candeias e lamparinas passaram a noite acesas, como também o braseiro do fogão à lenha a todo momento era atizado para não apagar. Dinha fez um café para passar a noite e, sentados nos tocos de madeira que serviam de bancos na cozinha da casa, os familiares pernoitaram, tomando café e fumando. Os não fumantes ficavam apenas apreciando o cheiro da fumaça dos cigarros de palha, uns mais fortes e marcantes, outros mais fracos e suaves, a depender do gosto de quem fumava, com exceção de tia Bendita, que fumava seu cachimbo sossegadamente, sentada no rabo do fogão à lenha.

Tia Bendita, a anciã da família, tia de Gabriel e Dinha, era uma mulher beirando os seus 100 anos de idade, conhecida por seus devaneios e rabujas. Ela viu de perto o chicote dos senhores estralar nas costas dos negros; era a última dos mais velhos da família e, por não ter arranjado casamento no seu tempo de moça, ficou beata. Como herdou um pedaço de terra de herança de seu pai, combinou de morar com Gabriel para que ele cuidasse dela em troca de seu terreno. Sua função na família era a de servir de ornamento, resmungar e botar defeito em tudo, passava o dia fumando cachimbo, brigando com a mulher feia que estava presa no espelho e andando pela casa. Sua luta entre realidade e memória parecia um ritual de entreter a morte.

O dia foi clareando e Gabriel chamou o seu filho, João Gomes, e disse:

- Vá buscar os cavalos no pasto! E depois coloque os arreios.

Assim foi feito. Na hora da partida, Gabriel Gomes distribuiu as funções. Evaristo os iria acompanhar na viagem, era o mais letrado e saído de seus filhos. Os demais ficaram de cabeça baixa, porém não era sinal de que concordavam, mas apenas obedeciam. Dividiu os afazeres e as responsabilidades de cada um dos filhos e filhas enquanto estivessem fora. E se despediram

- Até logo! Cuidem do gado e dos outros animais, logo estamos de volta.

Saíram os três na aurora do dia, Tia Bendita ficou com a sua silhueta fantasmagórica olhando sentada embaixo do pé de jaca o desaparecer das três figuras no horizonte. Dinha já dava as tarefas das moças e rapazes e, com sua vassoura de palha, iniciou o ritual diário de varrer o grande quintal da casa. A casa feita de adobe, sobre alicerces de pedras e chão de tijolos rejuntados. O telhado de quatro águas era coberto com as telhas comuns feitas em olaria e as madeiras roliças tiradas dentro das terras de Gabriel.

As colunas de sustentação eram feitas de aroeira e janelas e portas de madeira. Quarto era o que mais se tinha naquela casa; um total de cinco quartos divididos entre os moradores e quem tinha o privilégio de dormir sozinho era apenas Gabriel Gomes. Havia um enorme salão abraçado por dois quartos de cada lado e ainda conjugado na casa. mas fazendo divisa com a cozinha, havia o quarto menor dividido por Tia Bendita e Maria Pretinha.

Maria Pretinha acompanhava Tia Bendita desde que chegou à casa de Gabriel. Não se sabia ao certo a origem da relação: uns diziam que Maria Pretinha havia recebido alforria e, por não ter para onde ir, ficou morando na casa do pai de

Tia Bendita; quando este morreu, ficou sob a tutela de Bendita e acabou se tornando uma incógnita a relação das duas e explicar a origem era o que mesmo importava. O certo é que as duas dividiram não só uma vida, mas a tarefa de enganar a morte.

No romper do dia, Gabriel Gomes chegou com Jovi na cidade e foram direto para farmácia do Zezé Farmacêutico. Zezé avaliou o pé de Jovi e disse para Gabriel que ali era caso cirúrgico, e que só no hospital para resolver. E disse para Gabriel.

- Cuide logo do pé desse rapaz senão pode dar uma gangrena e ele não resiste.

O hospital mais perto era na cidade de Goiás. Gabriel avaliou a dificuldade de deslocar a cavalo, tendo uma reserva de dinheiro no bolso, decidiu fretar um táxi para levar os três até a antiga capital.

Na praça da cidade encontraram Antônio Baixinho, dono de uma Ford Furreca que trabalhava com fretes diversos; contrataram, então, o serviço do chofer. Combinado e acertado o preço, Jovi e Gabriel foram na boleia com Antônio Baixinho e Evaristo na carroceria, chegaram já de tardezinha no Hospital de Caridade, o médico avaliou a situação de Jovi e decidiu por interná-lo para o tratamento cirúrgico e os outros dois homens se hospedaram em uma pensão nas proximidades.

Feito o tratamento e já passados quase 5 dias, retornaram para casa, numa nova peregrinação em um tempo e lugar de conduções e transportes sofridos. Chegaram em casa e Gabriel deu a ordem aos demais para que cuidassem de Jovi enquanto ele não desse conta de cuidar sozinho e disse que dali ele só iria embora completamente curado. E assim foram mais de 60 dias até o restabelecimento de Jovi com a família cuidando dele. Entre os cuidados médicos Gabriel intercalava o uso de ervas e remédios caseiros, acelerando a cicatrização e trazendo conforto físico e emocional para o doente.

No dia de seu retorno para a casa dos pais, só se via choro e olhos vermelhos. Não queriam que o primo fosse. Essa foi a última visita do rapaz aos tios em sua fase infância-adolescência. Jovi foi para a cidade estudar, e por lá casou e constitui família, vindo a reaparecer anos mais tarde já homem feito. Em nada parecia ser aquele moleque travesso. Era falante e dizia-se homem de muitos negócios vivia de corretagem e compra e venda. Era bem-sucedido no seu ramo, perguntou ao tio se não se interessava em vender suas terras e ir morar na cidade. O tio disse que não, estava bem e feliz no seu lugar e dali só sairia morto. Jovi saiu

insatisfeito, pois era ganancioso e não pesava os sentimentos, na balança do dinheiro, que para ele, agora, era só o que importava.

E não voltou mais por anos, só reapareceria anos mais tarde para ser o protagonista da tragédia que abalaria a vida de Nenê e sua família. Nenê sempre soube que gente é como planta em terreiro antigo: algumas nascem tortas, outras crescem firmes, e há aquelas que, mesmo recebendo sombra, água e cuidado, criam raízes venenosas e deixam galhos que ferem. Mas a terra, essa sim, permanece. Guarda marcas de cada passo, cicatriz de cada afeto, lembrança de cada flor que um dia brotou. Porque o coração, tal qual chão batido de casa velha, nunca esquece quem foi abrigo e quem escolheu ser deserto.

2.5 O retorno de Jovi

O dia já estava indo aos poucos no horizonte, trazendo a calma da noite que foi cortada pelo ronco de um motor estranho. Não era o barulho rouco de um trator, dos carros que trafegavam por ali no dia a dia e nem o lamento familiar de um carro de boi. Era um zumbido novo, um som de cidade que fez Estevam e Nenê erguerem os olhos sob o cercado que protegia a casa. Um Fusca azul, brilhando como um besouro recém-saído do casulo, parou diante do portão. Da janela, Nenê observava, as mãos ainda úmidas da massa de farinha, o coração apertado por um pressentimento súbito, o medo de ser mais um mensageiro da morte.

A porta do carro abriu-se e de dentro saiu Jovi. O primo distante, aquele que anos antes havia partido para a cidade com pouco mais do que a roupa do corpo e um sorriso fácil. Agora, voltava de terno e sapato engraxado, cabelo untado para trás. Nos olhos, o brilho metálico da ambição e, na boca, rajadas do brilho do ouro saíam do seu sorriso falso.

- Prima Nenê, Sr. Estevam! - cumprimentou, abrindo os braços como se aquele fosse um reencontro há muito esperado. Vim visitar meus parentes ricos! Quanto tempo não os vejo!

Estevam, homem sem leitura e mãos calejadas pela terra e cujo fio do bigode valia mais que qualquer documento, mas de coração simples ante a família, recebeu-o com um abraço. Nenê, sempre desconfiada, serviu o café sem perder o sorriso cerrado do primo. Na varanda, enquanto a noite caía, Jovi falou de seu novo

ofício: era corretor agora, um “homem de negócios”. E tinha, dizia ele, uma oportunidade de ouro para o primo. Aquela do cavalo arreado que só passa uma vez na sua porta.

- É uma fazenda em Araguapaz, no Cavalo Queimado, primo. Uma joia. Setenta e cinco alqueires de terra fértil. Água? De todos os lados e abundante. Uma beleza. E o preço? O dono está dando de presente. Uma pechincha para um homem que já tem três fazendas!

- O negócio é o seguinte primo: ele pega essa sua terra aqui, esses vinte dois alqueires, te dá a terra dele e mais 27 mil cruzeiros. Outro negócio desses vocês não acham em lugar nenhum do planeta. Eu vim porque tenho muita estima por vocês e sei que o senhor é um homem de visão de futuro. Se não fosse isso, eu ia trocar era a minha.

As palavras de Jovi eram meladas, sedutoras. Pintou cercas novas, pastos verdejantes, rios fartos e caudalosos. Falou do futuro, da fortuna que seria dos filhos e netos do casal. E no peito do velho agricultor, que havia conquistado cada palmo de terra com o suor de seu rosto, uma semente de ambição começou a brotar. A chance de expandir seu legado. Não era todo dia que aparecia um negócio tão bom na sua porta.

Nenê tentou adverti-lo em sussurros, piscadelas, raspados de goela nas horas que se seguiram a conversa. Mas parecia estar hipnotizado.

- Estevam é meu primo e a gente foi criado juntos, mas desconfio do sorriso desse homem. Tem o dente muito comprido para a boca. Fala demais e não dá tempo de a gente pensar. Toma cuidado para não jogar fora o que a gente lutou para conseguir.

Mas a visão da grande fazenda, o sonho de um império familiar, já havia nublado o juízo de Estevam. Dessa vez não foi Eva entorpecida pela sedução da serpente. Era o marido que estava pairando no sonho da grande fazenda. Já se via enchendo aquelas terras de gado. Ele vendeu uma das propriedades - a das Areias - apurou o dinheiro, assinou os papéis que Jovi colocou diante dele, documentos cheios de letras miúdas as quais, mesmo se fossem grandes, não conseguiriam decifrar. Assinou com o dedo. Passou a propriedade da margem direita para Jovi.

Em troca, recebeu uma letra de câmbio e um documento de gaveta, feito à mão, que cheirava a tinta nova e mentira. Jovi, sabendo da venda da terra das Areias, perguntou o que faria com o dinheiro. Estevam disse que usaria para

comprar gado quando chegasse na nova fazenda. Jovi ainda ofereceu um rebanho que só existia em seu imaginário. Tentou mais uma vez seduzir Estevam. Dessa vez Nenê e Chicono atravessaram. Não deixaram. Disseram que só depois da mudança comprariam animais, pois não sabiam sequer a situação dos pastos.

Prontos para a mudança. A verdade veio como um golpe de machado. A fazenda não existia. Os documentos não valiam o papel em que estavam escritos. A letra de câmbio era um pedaço de papel sem valor. Jovi, o primo sanguíneo, havia-lhes aplicado um conto do vigário.

Estevam, desesperado, tentou reaver o que era seu. Foi à cidade, procurou advogados, implorou a Jovi. A resposta do primo veio não com palavras, mas com a força bruta da lei comprada. Dias depois, a polícia apareceu no portão da fazenda, com ordem de despejo. Jovi estava lá, atrás dos uniformes, o mesmo terno impecável, o mesmo sorriso frio.

Foi a gota d'água. A filha mais velha de Estevam e Nenê. Chicono, uma mulher de sangue quente e coração ferido pela injustiça, viu a família ser humilhada, a terra sagrada dos avós ser roubada por um ladrão de gravata. A raiva, um veneno antigo e potente, ferveu em suas veias. Na calada da noite, pegou a espingarda do pai, carregou-a com a fúria de quem vê todo um legado sendo pisoteado e partiu em direção à estrada por que Jovi passaria. Sabia o horário que viria. Sabia que a justiça dos homens havia falhado. Restava a justiça das mãos.

Seu plano era simples e terrível: uma emboscada na curva escura da estrada, onde Jovi passaria na manhã seguinte. Esperaria ali, como uma onça à beira do trilho, e cobraria a dívida em sangue.

O que ela não contava era com os olhos de sua mãe. Nenê, sentindo a ausência da filha e o vazio onde a espingarda deveria estar, soube imediatamente o que se passava. Correu pela estrada no escuro, os pés descalços sentindo a friagem da terra, o coração batendo mais de medo do que do cansaço. Encontrou a filha agachada na vala, a arma apoiada no joelho, os olhos fixos na curva.

- Minha filha, não!

A voz de Nenê ecoou na escuridão; um sussurro carregado de uma dor mais antiga que toda aquela raiva.

- Você não vai manchar suas mãos com o sangue desse desgraçado.

A filha tremeu, a mira vacilando.

- Ele roubou nosso suor, mãe! Roubou nossa terra! Nos humilhou! Expulsou do que é nosso!

- Se você fizer isso, ele não fica com a terra, mas a gente perde você, minha filha. Nenê disse, aproximando-se e pousando uma mão suave no cano da espingarda. E você se torna uma assassina. E aí, minha filha, a gente perde de vez. A gente perde a terra e você. A nossa honra não tem preço, e a sua vida, a sua liberdade valem mais que todas as fazendas do mundo.

A tensão se quebrou num soluço abafado. A filha baixou a arma, o corpo inteiro tomado por um tremor de fúria e alívio. Nenê a abraçou ali mesmo, na estrada escura, enquanto a madrugada começava a clarear o horizonte.

O Fusca de Jovi passou pela curva, horas depois, ileso. A família perdeu a fazenda, mas não perdeu a dignidade. Mudaram-se para a fazenda da margem esquerda, 52 alqueires que, com o trabalho deles, prosperaram em tempo recorde. E nas memórias que se seguiram, o nome “Jovi” era pronunciado com o amargor de uma cicatriz que nunca fechou totalmente, uma lembrança permanente de que, às vezes, as traições mais cruéis vêm vestidas com o sorriso de um parente.

E o tempo, tecedor silencioso de todos os fios da existência, não tardou a revelar o avesso do manto de Jovi. Anos mais tarde, longe da terra que usurpara, ele encontrou seu destino não sob o céu aberto das fazendas, mas entre as paredes descascadas de um asilo da cidade. Ali, o homem que trocara a seiva dos laços pelo ouro falso da ambição morreu como uma árvore isolada: as raízes apodrecidas de orgulho não seguraram o solo quando veio o vendaval da solidão, e seu tronco, oco de afeto, desmanchou-se sem eco, sem lenço e sem documento. A caridade alheia foi o humilde epitáfio para quem acreditara que a riqueza era um trono, mas descobriu, tarde demais, que, sem a seiva da honra, todo império não passa de um castelo de areia à beira-mar, e a maré do tempo, invariavelmente, volta para levar consigo o que foi construído sobre a traição.

2.6 A ninhada e a brecha

Era um domingo de descanso e de ir à missa. O céu nublado marcava a chegada das chuvas. Nenê, “aziada” com o dia, seguia tangendo os cachorros para ver de onde vinha o canto ancestral da galinha d’Angola, que ao anunciar o seu “tô

fraco, tô fraco”, e os machos se atracando em disputa por seus territórios, denunciava a existência de ninhos ali por perto. Era comum encontrar grandes ninhadas de ovinhos de casca dura e muito saborosos, que eram usados, principalmente, na feitura das burundangas que a menina adorava, e carne da galinha d’angola, um santo remédio para a memória, enquanto o seu sangue tinha o poder de curar bronquites, asma e as diversas moléstias do pulmão.

Atenta, seguiu no meio do capinzal, foi baixando o capim com a mão e tateando como uma gata, pois todos a chamavam assim em razão de sua destreza para descobrir as coisas ou chegar sem ser percebida nos ambientes. Em um troco de madeira oco avistou um ninho com mais de 30 ovos, decidiu que aqueles ovos não iriam ser consumidos e sim colocados sob os cuidados das galinhas que estavam no ciclo do choco.

Colheu os ovos e foi para casa, mas aquele tronco de árvore havia lhe causado um mal-estar que não identificava a origem. Chegou em casa e tratou de deitar a ninhada em duas galinhas em cestas de taboca, ali penduradas no galinheiro. Eram ninhos feitos por seu irmão, Gabriel, que há tempos vivia da venda de cestas, balaios, gamelas e muitos outros utensílios produzidos de fibras naturais e madeira.

Deitou os ovos com a galinha carijó e a galinha de brinco, que eram as que estavam no ponto do choco, na ocasião, num processo que demoraria entre 26 e 28 dias. Voltou para dentro de casa e decidiu fazer um café para comer com o seu bolo preferido, que havido sido feito um dia antes, a brevidade de polvilho. A brevidade tinha sido assada no forno de barro e, na ocasião, também foram assados pães, roscas, manés pelados, broas de arroz e de milho, biscoitos de polvilho, bolachas e o bolo melindro que era preferido de Estevam.

Seguindo seu ritual diário, acendeu o fogão à lenha e colocou água na “rabinha ou beca” de ferro pintada de roxo e ornadas com tulipas amarelas. Depois de fazer e tomar o café, apreciando a sua brevidade, foi até o velho monjolo para colocar milho para fazer o fubá e, no vaivém do dia, seu incômodo com o tronco de árvore apodrecido foi-se esvaindo, assim como a sua azia com o dia.

O dia tão esperado chegou, e começou a saírem pequenas guinés dos ovinhos, só goraram dois ou três ovos, o restante, nasceram todos. Era piado de pequenas angolinhas por todos os lados. Nenê estava satisfeita por ver quantas pequenas aves brotaram daquelas duas ninhadas, em especial na da galinha carijó,

havia nascido ali uma angolinha branca. Era um sinal de boa sorte, de prosperidade. Percebendo que os bichinhos já nasceram famintos, chamou seu sobrinho Antônio e lhe disse:

- Vá buscar um enxadão e vá atrás de uns cupins para dar para as angolinhas comerem!

Antônio, também chamado de Toinho do Bié, era um rapazote negro, alto e magro, risonho e contador de piadas e causos, que gostava de passar os dias ali na roça na companhia da tia e das primas. Gostava era da lida do fumo e da rapadura, mas nas horas desocupadas ajudava a cuidar das galinhas, porcos, vacas e dos animais da fazenda. Pegou o enxadão e foi cumprir a ordem da tia. De longe viu um cupinzeiro que achou ser o ideal, a terra parecia macia, deu dois golpes de enxadão e vieram muitos cupins misturados com a terra, tratou de colocar logo no balde para não fugirem. Deu outros golpes no cupinzeiro e com eles vieram mais cupins, até que encheu o vasilhame.

De volta à sede da fazenda e com o balde cheio de terras de cupinzeiro, Antônio perguntou a tia sobre o local onde havia encontrado tantos ovos. Nesse instante, aquele incômodo do domingo, em que amanheceu “aziada”, retornou ao ter que responder a Antônio sobre o tronco de árvore. Antônio, pasmado, falou:

- Justamente no tronco onde Tio Joaquim machucou!

- Foi lá sim! Estava cheio de ovos e admirei-me de Estevam não ter dado fim naquele tronco até hoje.

Tio Joaquim, o irmão caçula de Estevam, havia mudado para a casa do casal desde o falecimento de sua mãe Benedita Amânsia, era o filho caçula dos 14 filhos do casal Silvério e Benedita Amânsia. Dos 14 filhos, sobreviveram apenas três: Estevam, Evaristo e Joaquim. Havia o quarto irmão, Julião, que na adolescência, aos 14 anos ajudando o pai na lida do curral não conseguiu segurar o laço rosqueado no tronco em que segurava um garrote em adestramento. Julião não conseguiu conter o animal que investiu contra Silvério. Irado com Julião, o pai, para puni-lo, golpeou com pedaço de madeira suas pernas até as quebrar. Julião ficou dias acamado até falecer de gangrena, foi mais um luto chorado para dentro de Benedita Amânsia, que anos atrás havia tido um filho morto ainda dentro do seu ventre em razão de um chute de Silvério em sua barriga.

Joaquim, por já ter nascido diferente, sempre foi poupado do trabalho e da violência do pai; mesmo assim, não escapava, de vez por outra, de ter que fazer

pequenos serviços para ajudar a mãe, Benedita. Numa dessas ocasiões, a pedido da mãe, foi cortar lenha. Nessa empreitada, topou com um tronco roliço e de cerne verde, pensou que aquela madeira daria ótima lenha para o forno de rapadura e, com certeza, por estar verdolengo, também daria excelente cinza para Benedita fazer a dicoada para sabão preto.

No intuito de agradar a mãe, armou um golpe de machado bem alto. Era um machado de pescoço curto e lâmina bem afiada, com um cabo resistente, uma estrutura que se tornava pesada para o franzino Joaquim, rapazote de pernas atrofiadas e corcunda, que sentia muitas dores do reumatismo e do morrote que carregava nas costas desde o nascimento.

De golpe armado, Joaquim não aguentou o peso da ferramenta que lhe fez golpe contrário e o atingiu no calcanhar, abrindo uma enorme brecha na carne e expondo o osso de seu pé. Banhado por um rio de sangue, Joaquim foi socorrido por seu irmão Evaristo. Levado para casa, Benedita estancou o sangue com açúcar e enfaixou o pé de Joaquim. Mandou que ficasse deitado o resto do dia com o pé para cima apoiado em cima de um amontoado de cobertas de algodão e travesseiro.

No outro dia, quando foram levantar Joaquim, perceberam que ele já não se sustentava mais nas pernas. Foram dias seguidos de banhos para cura do pé e, mesmo depois da cicatrização, ele não se sustentava em suas pernas. Foi então que seu pai, Silvério, lhe fez a primeira bengala com um pedaço de cipó retorcido e um nó na empunhadura que até parecia que a própria natureza tratou de esculpir a bengala para Joaquim. Com os anos, vieram outras bengalas, muletas e até mesmo a cadeira de rodas, mas a primeira bengala sempre o acompanhou até o findar de seus dias.

Joaquim nunca andou longe com as pernas, mas caminhou fundo com a alma. Suas brechas no corpo eram apenas portas por onde a sabedoria entrava. Enquanto muitos mediam força pelo passo firme, ele ensinava que há gente que não precisa cruzar estradas para ser caminho.

Foi como tronco retorcido que, em vez de lenha, virou bengala: não serviu para queimar, mas para ensinar a apoiar, orientar e equilibrar. E assim, de sua aparente fragilidade, brotou a força que não se vê, aquela que sustenta caráter, espalha conselhos e deixa sombra boa, igual árvore antiga que, mesmo rachada pelo tempo, nunca deixou de dar abrigo.

2.7 A tampa do caixão de Ponciano

Compadre Ponciano um dos primos mais velhos de Nenê. Era lavrador e carpinteiro. O que lhe rendeu o ofício de fabricar também caixões. Era ele que fazia os caixões de madeira rústica quando morria alguém do Ribeirão de Areias até o Quilombo. Bastava um enfermo dar sinais de piora que lá ia um cavaleiro atrás do velho Ponciano contratar seus serviços. Embora já em idade avançada, não recusava os chamados e sua agilidade no ofício não o deixava tardar nas entregas. Era um homem alto, de orelhas e nariz avantajados, que gostava de se gabar dizendo:

- Herdei dos meus antepassados italianos, os Gomes da Silva de trezentos anos atrás.

De olhos claros e cabelos brancos e ralos que mais pareciam uma fumaça do tempo. Dos muitos filhos que teve, sua prima e comadre Nenê ajudou a cuidar de quase todos, por isso amadrinhou uma de suas filhas, a Justina.

Em razão da idade de Ponciano, Nenê o mesmo respeito que tinha pelo pai. Ponciano gostava de rezar, benzer e cuidar da roça. Mas o ofício que lhe sustentou e ajudou a criar família foi o de tanatopraxista, mas na região era chamado de carapina da morte. Enfiava-se nas matas com um embornal de farofa de carne seca, meia rapadura e uma cabaça de água. Levando consigo facão, serras, machados e “gurpiões” para o ofício da extração da madeira, escolhia com cuidado para não ser tão torta e cheia de imperfeições.

Depois da extração e transporte das toras no carro de bois, tinha o tempo e o cuidado da cura para quando fosse serrar as tábuas elas não lascarem. E assim, nessa rotina diária, cumpriu seus dias. Ora fazendo os caixões, ora extraíndo e cuidando das madeiras, até o dia em que sua própria hora chegou, a morte veio buscar seu artesão. E veio de surpresa, supetão. Estava em sua oficina serrando tábuas quando a dor no peito lhe arrancou o último suspiro, caiu duro no chão, não deu tempo de colocar nem a vela em sua mão.

E para não fugir ao adágio popular “casa de ferreiro, espeto de pau”. Bem na sua hora estava desprevenido, passou a vida fazendo caixões, mas não fez o seu próprio. Correndo contra o tempo e com a intenção de cuidar da passagem de Ponciano, como ele cuidou da de tantas outras pessoas durante toda a sua vida,

Estevam se juntou com os homens da família na tarefa de construir o caixão de Ponciano. Entre o grupo residia a boa vontade e nenhuma experiência, era uma serra, serra. Martelo para lá e martelo para cá. Uma atribulação sem fim.

- Eita que essa medida aqui não vai dar certo! Exclamou um.

O outro resmungava de lá.

- Esta tábuca está lascando, o prego estalou.

E assim, seguiram a noite.

Enquanto isso, Ponciano já estirado e tenro, jazia na sala de pés virados para a porta e em cima de um velho banco de madeira, com velas nos quatro cantos do banco para iluminar o seu caminho para o céu, com uma enorme cruz de madeira guardando sua cabeça para que os demônios não tentassem roubar sua alma e para que, rezando, fosse encontrar Nossa Senhora. Puseram um rosário de madeira nas suas mãos cruzadas; tudo que lhe acompanhava na última viagem era madeira. As velhas resmunguentas desconjuravam:

- Parece até castigo, viveu a vida toda à custa da morte alheia e no dia da sua morte essa confusão para fazer o seu caixão!

Seu corpo guardado, bem protegido, pela horda de mulheres e crianças da família passou a noite em cima do banco de madeira. A noite foi de pouco choro e muitas lamentações. Mulheres rezavam terço, encomendavam a alma e revivendo pequenas lembranças de suas astúcias em vida. E assim a noite foi vencida pelo dia.

Logo pela manhã, o caixão de Ponciano estava feito com pregos entortados, farpas de madeira para todos os lados; mas estava feito. Depositaram seu corpo rígido e gélido sobre o caixão e se preparavam para os ritos finais de despedida dos familiares, pois pelo adiantar da hora não se podia mais esperar muito tempo. Com a chegada das carpideiras, iniciou-se o ritual do choro e lamentações. Vários terços foram rezados e cantados pelas rezadeiras e benzedadeiras. Chegou a hora final, a hora de levar o corpo para o sepultamento no cemitério do povoado. Foi aí que Estevam, deu um passo atrás e sussurrou:

- Eita Diacho! Esquecemos a tampa.

No adiantar da hora, não era mais possível fazê-la. Foi então que se tomou a decisão de cobri-lo com um lençol branco e assim se fez, foi sepultado com o rosto coberto apenas por um lençol de algodão branco. O remorso e o desconsolo tomaram conta de seus amigos, familiares e compadres.

- Vixe Maria! Esquecer justamente a tampa! - lamentou um compadre, batendo a mão na perna.

- Deixar Ponciano levar tanto peso de terra na cara! Não É JUSTO.

Logo ele, tão cuidadoso com o último luxo dos mortos, ser enterrado de forma tão indigna.

O outro sentenciou:

- E se ele vier atrás da gente por causa da tampa?

Passaram-se os dias e os meses. Nas proximidades da casa de Ponciano, começaram a surgir vultos que apareciam e desapareciam sem deixar rastros. O boato se espalhou. O velho havia voltado para cobrar a tampa do seu caixão. O medo foi crescendo à medida que as aparições iam se tornando cada vez mais frequentes. A estrada que cortava seu pequeno sítio passou a ser evitada até que o capim e o mato trataram de cobri-la. Os mais cétricos diziam que não passava de história de Trancoso, mas a maioria atestava a veracidade. Um vizinho afirmava a todos:

- Eu vi, juro. Era ele, de branco, parado no meio da estrada, olhando para cova.

Até que Estevam e Benedito Carreiro decidiram pôr fim ao sofrimento da alma do pobre Ponciano. Estevam propôs:

- Vamos fazer direito o que deixamos pela metade, Benedito. Ele merece o descanso dele.

Fizeram a tampa do caixão, colocaram no carro de bois e depositaram sobre o túmulo do falecido. Desde esse dia não se viu ou se ouviu falar dos vultos aterrorizantes que assombravam os passantes da região. A alma teve o merecido descanso. Nenê agradeceu ao marido a boa ação, embora não acreditasse em nenhum momento que as aparições fossem verdades.

- Fizeram certo, Estevam – dizia ela de forma tranquila - Mas essas coisas o remorso é que faz, quem morre não volta mais aqui não.

E assim, a alma do velho carpinteiro pôde, enfim, descansar e Ponciano, o construtor da morte se encontrou finalmente com ela. A tampa que era a ponte inacabada que o ligava aos dois mundos, finalmente o ajudou a atravessar para a sua morada derradeira. E a alma do carapina da morte seguiu em paz para encontrar Nossa Senhora.

2.8 As mãos que lavavam, as mãos que julgaram

A vida de Maria era um fardo pesado demais para seus ombros já curvados pelo cansaço. Negra e pobre, com vários filhos para criar e um marido que transformava cada volta para casa em um pesadelo. Ele chegava bêbado, o cheiro de cachaça misturado ao ódio, e descarregava em Maria e nas crianças toda a fúria que o mundo lhe devia. As vizinhas anunciavam o perigo:

- Corre Maria! Viram o Zé descendo a ladeira cambaleando.

Era prenúncio de que aquela seria mais uma noite escondida com os filhos.

Maria ganhava a vida como lavadeira de roupas da cidade. Morava na periferia, sua casa de adobe na ladeira denunciava sua condição de abandono. A casa construída com a porta da sala diretamente no limite da calçada e da rua. Rebocada com uma mistura de barro e esterco de gado e pintada de cal misturado com xadrez verde. As paredes eram um misto de partes rebocadas e outras descascadas.

O piso da casa era de cimento queimado misturado com xadrez vermelho. O madeiramento era feito de madeiras roliças e bambus escurecidos com a fumaça do fogão a lenha. A mobília era parca. Na cozinha tinha um pote de água em cima de um toco de madeira, cuja tampa era um prato verde esmaltado com um sabiá pintado ao meio.

Era uma casa simples de portas e janelas de madeira, com um quarto, sala e cozinha. No interior da casa, não havia banheiro, mas, sim, uma latrina no fundo do quintal, embaixo de um enorme pé de manga coquinho, sendo essas as melhores mangas daquele quintal. A água da casa era servida de uma cisterna que também ficava no enorme quintal debaixo de um pé de jambo amarelo. Do lado, um jirau com enormes bacias de pneus. Era ali onde Maria passava a maior parte do dia lavando as roupas das casas das madames da cidade, o que lhe rendia o dinheiro para sustentar seus oito filhos.

Toda a sua existência até então fora marcada por rupturas, fruto de uma relação extraconjugal. Maria não conheceu o pai, sequer teve o direito de saber o nome dele. Sua mãe, uma mulher negra baixinha, de cabelo carapinha, olhos fundos e aguados por choros guardados por décadas, falava pouco e vivia com a cabeça coberta por um lenço branco. Vestia vestidos singelos e de estampas floridas e gola

“v” com dois bolsos, um de cada lado; em um guardava os ganhos da função também de lavadeira; no outro, a tralha de fazer o pito.

Mãe e filha não foram à escola. Não sabiam ler ou escrever; ambas compraram seus terrenos na periferia da cidade economizando anos e anos de trabalho duro. E eram casas similares na sua constituição, casas que denunciavam sua exclusão e abandono. Para que o quintal não fosse invadido pelos vizinhos e crianças, foram elas que caminharam até a matinha perto de suas casas e fizeram a cerca de taboca para lhes garantir um pouco de privacidade. A vizinhança resmungava:

- Preta metida! Se acha melhor que todo mundo, fecha o quintal para se isolar da gente.

Maria se casou no tempo do festejo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ela via naquele casamento a esperança de encontrar alguém com quem dividiria as dores e sofrimentos da vida e o fardo carregado por dois poderia ser mais leve. Mal sabia ela que ali só aumentaria seus infortúnios. Naquele dia Maria assinou sua sentença de uma vida marcada por desprezo e violência. Já na saída da igreja viu que seus dias não seriam fáceis. O marido lhe ralhou:

- Passa para casa para fazer a comida que estou com fome. Essa frescura de parabéns é sem precisão.

Seu marido, embora fosse gente ali do seu bairro, daquela gente sofrida e excluída, era um homem branco e alto que não carregava nenhum símbolo de beleza. A cara ossuda e os olhos esbugalhados não eram atrativos de beleza para nenhuma moça. E já estava no alto dos seus 32 anos e ela dos 15 para os 16. O início do casamento foi o começo dos maus tratos. Ele, trabalhando na construção de estradas, recebia no final de semana. Bastava pôr a mão no pouco que recebia pela semana de trabalho para se embrenhar nos cabarés da cidade e só aparecer em casa no domingo. Sujo, esfarrapado, faminto, com cheiro de perfume barato. Se Maria perguntasse algo, ele lhe estapeava como resposta.

E gritava aos berros.

- Mulher não tem que ter satisfação de macho não, entendeu? Aqui quem manda sou eu. Eu sou o homem dessa casa.

Os anos foram se passando, o sofrimento de Maria aumentou, assim como fora aumentando a soma de filhos sob sua responsabilidade. Trabalhava cada vez mais e o dinheiro, cada vez menos, dava para suprir o básico. Seu companheiro já

não conseguia mais empregos fixos, vivia de pequenos bicos que mal davam para sustentar o seu vício na bebida e, quanto mais sua vida o desgraçava, mais descontava em Maria. Ela olhava em volta e não via saída. Ninguém estendia a mão, ninguém perguntava sobre os hematomas.

A sociedade sussurrava conivente:

- “Marido e mulher eram uma só carne”.

E essa carne de Maria sangrava em silêncio. Maria engolia o medo, porque os filhos precisavam comer. Engolia a dor e a vergonha, porque não tinha para onde correr; sua mãe, já idosa e cansada, lutava para conseguir a tão sonhada aposentadoria. Enquanto isso, no auge dos seus 65 anos de vida sofrida, precisava tirar o sustento no batedor de roupas. Maria se perguntava se havia prisão maior que a sua.

Em uma tarde de domingo, no final do festejo do Divino e das Cavalhadas. Maria, que não via diferença nos dias da semana, pois durante a semana lavava roupas para as casas das famílias abastadas de Jaraguá, nos finais de semana era a vez de cuidar das de sua família. Nesse dia, ele chegou pior que nunca. Gritos, xingamentos e socos, crianças correndo em pânico. Ele gritando pela casa.

- Vou matar todos vocês seus malditos! Praga dos infernos!

Quando ele finalmente caiu na cama, exausto pela bebedeira e pela violência, Maria olhou para os filhos, que, sem outro lugar, se deitaram ao lado do pai adormecido. Olhando fixamente para aquela cena e rememorando a repetição de anos e anos de violência, opressão e abandono e sem ver a famosa luz no fim do túnel.

Nesse instante relembrou de sua avó com seus colares coloridos dos santos no pescoço, lembrou de um desses santos que a avó dizia que carregava o machado da justiça. Nesse instante se lembrou do seu machado de cortar lenha que estava detrás da porta da cozinha. A lâmina do machado brilhou no escuro. Um só golpe, certo. O crânio se abriu, e o silêncio voltou à casa. As crianças dormiam, alheias ao sangue que agora manchava o colchão.

O dia clareou com a sirene da viatura em sua porta. Os vizinhos esconjuravam.

- Mulher maldita! Matou o marido por besteira, um homem bom desses, trabalhador. Tomara que essa vadia apodreça na cadeia.

A outra vizinha, ainda com o olho roxo do soco que tinha levado do marido dias atrás, murmurou.

- Decerto que já estava de olho em outro e precisava se livrar desse coitado. Bem que o padre disse no sermão da semana passada que os fins dos tempos estão cada vez mais próximos.

Maria foi levada para a cadeia e o corpo conduzido para o necrotério onde foi velado e sepultado sob o lamento de boa parte da vizinhança. Os filhos de Maria foram entregues a parentes distantes, pois a avó materna já não tinha mais forças para cuidar de si e a prisão se tornou seu novo lar. Ali com as companheiras, mulheres com histórias de vida próximas a sua e que respondiam por diferentes crimes, mas, principalmente, pelo crime de “vadiagem”.

Ela teceu muitas amizades. Algumas das presas sabiam ler e escrever. No início, escreviam cartas para seus filhos e mãe, depois Maria percebeu que seu tempo ocioso poderia ser usado para aprender um pouco das letras com as colegas que sabiam e assim o fez. Em pouco tempo ela mesma estava escrevendo as cartas.

Sua mãe conseguiu aposentar-se com ajuda do sindicato e, a partir de então, passou a ter tempo para visitá-la aos domingos. No dia visita a mãe levava o macarrão de furinho feito com extrato de tomate e polvilhado com queijo ralado. Maria levava também rapadura de mamão. E dava notícias dos filhos e filhas e das coisas mais importantes que estavam acontecendo lá fora.

Maria perguntava.

- Como estão as crianças?

A mãe respondia:

- Estão todos bem com graça de Deus! Estão crescendo igual abóbora madura no pé.

A mesma sociedade que murmurava a união de marido e mulher como uma só carne foi a que condenou Maria. Maria recebeu uma pesada condenação que a deixou anos e anos aprisionada, sentia que era invisível aos olhos da justiça, viu várias outras colegas entrarem e saírem, mas parecia que, no caso dela, tinham trancado e jogado a chave fora.

Mas Maria não estava completamente só. Estavam e Nenê, seus primos da fazenda, sempre que podiam iam visitar Maria. Mensalmente, mandavam um pouco de dinheiro, comida e um pouco de esperança para seus filhos e sua mãe já idosa.

Enquanto o mundo a julgava, eles lembravam quem ela realmente era: uma mãe encurralada, que um dia decidiu que o preço da própria vida já tinha sido pago em excesso.

O tempo foi passando e os filhos de Maria se casando e constituindo suas famílias. Alguns também passaram a visitá-la e, com o passar dos anos, Maria foi conquistando a confiança ali dentro da cadeia e já conseguia ter um pouco de trânsito dentro daquele espaço tão frio e solitário, mas que de alguma maneira a punia, mas também a livrara da violência do mundo.

Todavia, havia em seu coração um sentimento de liberdade. A liberdade que ela conheceu no dia da sua condenação. As colegas detentas contaram que, no dia da sua sentença, Maria dançou e festejou com um grito de “estou livre!”. Pois ela sabia que a sentença do crime finalizaria com o cumprir dos anos e ali ela viu a luz da liberdade que não enxergava enquanto o companheiro estava vivo.

A vida de Maria sempre fora um rio de águas turvas e violentas, cujas margens eram definidas pela mão cruel do homem com quem se casara. Naquela noite fatídica, as águas transbordaram, e o machado que ela usava para cortar a lenha, tornou-se, por um instante, o machado que podou a raiz de sua própria tormenta. A justiça dos homens, acostumada a ler letras e não a ler almas, viu apenas o crime e a sentenciou a um novo cativo.

Mas as grades da cela que aprisionava eram, para Maria, menos pesadas que as correntes que a aprisionavam em seu lar. A cela de concreto foi a primeira casa onde suas lágrimas secaram sem a ameaça de um soco, os gritos e xingamentos não a alcançavam. E onde suas mãos, antes destinadas apenas a lavar a sujeira alheia, aprenderam a escrever a própria história. A verdadeira liberdade não estava no fim da sentença, mas no seu início: ela havia trocado a prisão invisível do medo e das ameaças pela cela concreta da esperança, e nesse novo cárcere, paradoxalmente, sua alma pôde, pela primeira vez, dançar e ser livre.

2.9 O roçado e o rosário

A vida tirada do suor e da terra exigiam muita além da força física, era um ritual de fé e esperança que se renovava a cada manhã, a cada torrão de terra revirada a cada semente lançada. Plantar era um cerimonial de fé herdado e aprendido com os. Estavam, homem de uma fé inabalável; tinha seus santos de apego e proteção, mas respeitava todos os demais.

Entre suas predileções, estavam Divino Espírito Santo, São Sebastião, Santa Luzia, Santa Bárbara e Nossa Senhora da Abadia. Romeiro fiel, planejava com antecedências as suas viagens aos santuários de sua devoção, todos os anos repetia os seus costumes e arranjos para cumprir seu compromisso de fé.

Não começava nada sem antes conversar com Deus e seus santos de devoção. Era sua maneira de compreender o mundo a sua volta. É o tipo de lição que aprendeu desde pequeno e que vinha de longe, muito longe. A sabedoria ancestral que norteou a sua existência valorizava a vida em suas diferentes formas. Nada na natureza era desprovido de importância em sua cosmovisão de mundo. Era um cientista da natureza, compreendia os seus sinais. Até mesmo as formigas e os insetos foram criados por Deus assim como os humanos. Se está na terra é porque Deus deixou! Dizia ele com convicção.

Sabia como ninguém ouvir a natureza e respeitar seu território sagrado. O canto das cigarras, dos pássaros. A queda das folhas. A forma como as formigas transportavam e armazenavam seus alimentos indicavam se seria um ano bom de chuva, bom para as plantas, se a chuva chegaria mais cedo ou mais tarde. Ou seja, o movimento natural entre os seres da natureza precisava ser lido e compreendido.

Era um movimento de arar a terra com o arado puxado por seus e bois e pedir Deus e aos santos a chuva no tempo certo, sol na medida certa e proteção contra pragas e perdas. Dizia que tudo aquilo era dádiva, e que o que viesse da terra, fosse muito ou pouco, vinha da vontade divina. Durante esse ritual, fazia seus acordos com o sagrado, que geralmente era oferta de uma res aos leilões das romarias, ou mesmo sacas de arroz, milho ou feijão. E comunicava sempre ao padre a sua decisão de forma antecipada.

- Padre, esse ano o senhor pode vir escolher o novilho um mês antes da festa.

Nenê, minha avó, era a pedra firme ao lado dele. Não era mulher de muita fé. Aliás, questionava o tempo todo. Ela dizia que o mundo se fazia com as mãos e que o destino quem escrevia era a gente mesmo, de sol a sol, que essa história de Bíblia

era enganação, pois papel aceita tudo, que nosso espírito era o fôlego e que, ao acabar o fôlego, acabava-se o espírito. Sempre afirmava.

- Nossa alma é o fôlego, acabou o fôlego acabou a alma!

Mas nunca deixou de estar ao lado de Estevam. Respeitava a sua compreensão e relação com seu mundo natureza. Ficava ali, meio de braços cruzados, o rosto tenso, torcia o nariz, passava a mão no rosto, mas respeitava aquele momento como quem entende que o amor também é feito de acompanhar silenciosamente aquilo em que não se crê, mas que se respeita.

Juntos, eles formavam esse equilíbrio estranho entre fé e razão, entre a força do chão e a força da dúvida. Ele acreditava numa força invisível e que ouvia suas preces a cada semente depositada no solo; ela acreditava que cada semente era um cálculo de tempo, esforço e técnicas apreendidas e repassadas de geração em geração. E a lavoura, movida pela fé ou pela técnica, crescia vistosa. O milho erguia seus verdes como bandeiras no vento, logo brotavam bonecas que viravam espigas. E o feijão plantado entre as fileiras do milho forrava o chão com suas folhas e vagens. E quando a colheita chegava, com ela vinham os sorrisos, as cantorias e os mesmos gestos repetidos de gratidão, os mutirões, as traições. E no meio dos campos desabrochavam as conversas, causos e combinados.

- Hein compadre, lembra daquele mutirão na casa do Mané Lopes, ali o forró foi animado.

- Foi mesmo compadre. Manelinho bebeu tanto que achou que estava entrando em casa e foi dormir no curral dos bezerros

A alegria de Estevam residia no fato de saber que mais um ano foi renovado o contrato com o sagrado, e que a colheita abundante que lhe agrava aos olhos serviria não somente aos seus, mas a vizinhos e amigos que viessem a precisar, ou até mesmo desconhecidos. Seu coração era de tal nobreza que não suportava ver a dor do outro e não dividir o seu pão.

Dessa forma, a dinâmica conjugal de Estevam e Nenê pode ser compreendida não como uma antinomia entre fé e racionalidade, mas como um sistema complementar de cultivo existencial. A prática devocional de Estevam atuava como o componente simbólico, lançando as sementes de significado e esperança no solo do imponderável. A postura pragmática de Nenê, por sua vez, constituía o componente material, assegurando, por meio do trabalho, das técnicas corretas aplicadas no manejo da terra e das condições favoráveis para a germinação

dessas mesmas sementes no plano concreto. O fruto primordial desse arranjo não era apenas a safra, mas a resiliência diante da adversidade. A maior lição construída na relação dos dois é a de que a visão de um não anulava a outra mas se complementavam na dura vida camponesa em tempos em que a previsão do tempo e da vida era marcada por calendários na parede, trilheiros das formigas, cantar das cigarras e o rumo dos ventos e nuvens.

2.10 Entre fios e engrenagens: memórias de terra e asfalto

A decisão da mudança não se sabe ao certo como ocorreu. Mas o desenrolar foi o caminhão carregado de móveis, galinhas, porcos e muitas panelas. Estevam e Nenê estavam indo morar na cidade. Trocaram o sossego da fazenda pelo zum zum inquieto da cidade. Trocaram as estradas de terra pelas ruas de asfalto e o có có ri có do galo pelo bang bang do sino da igreja. De cima do caminhão ele dizia:

- Se apressa Nenê! Quando chegar lá até acomodar essas coisas todas o dia já se foi.

Ela juntando algumas cobertas que estavam secando no varal lhe disse:

- Já estou indo! Paciência homem!

Depois o que se viu foi a poeira subir a estrada e os que ficaram acenando com mão.

A primeira noite foi de estranhamento. Muita claridade e as pessoas pareciam não dormir naquele; eram buzinas e zoar dos carros a todo instante. Os pernilongos pareciam ter pressentido a chegada de novos moradores no velho casarão que fora do antigo prefeito da cidade e sua família. O burburinho urbano parecia pesado para quem estava acostumado ao silêncio do campo. Minha avó Nenê, sempre meticulosa, reclamou do clarão que se estendia da cozinha para o quarto em razão de se ter muitas telhas de vidro naquele velho casarão. Meu avô Estevam, homem de mãos calejadas e olhar tranquilo, simplesmente se distraía acendendo e apagando a lâmpada elétrica, pois na roça se usavam candeias e lamparinas e, de repente, apenas com o simples toque na tomada e o click clack tudo ficava claro. As três primeiras noites pareciam intermináveis; depois o cansaço das noites mal dormidas, foram ditando o novo ritmo que seus corpos deveriam obedecer.

Logo quando se perguntava ao casal o que tinha achado da mudança para a cidade, respondiam:

- A gente se acostuma.

Fazer amizades com a vizinhança foi tão rápido como se acostumar com a nova vida urbana. Se encostavam na cerca e logo se iniciava a boa conversa.

- Bom dia, Dona Sebastiana! Como está seu Vicente!

- Bom dia, Dona Nenê! Vicente tossiu a noite inteira, mas também durante o dia fuma feito um Caipora.

E as risadas se seguiam.

Outrora se viam perdidos na lembrança da roça e quando a saudade apertava se levantavam de madrugada e seguiam caminhando pela velha estrada do Lagarto e iam para a fazenda a quem tinha confiado aos cuidados da filha Chica, a Chiconá para muitos. Quando menos se esperava, despontavam na estrada de chão chegavam com o dia clareando à fazenda. Leão e Chumbinho, os cachorros de estimação sentiam o cheiro dos donos de longe, corriam para a estrada para recepcionar os donos.

Em seguida se ouvia.

- Ô de casa! Ô morador! Venha ver quem chegou!

Eram uma alegria que contagiava a todos. Trazia novidades da cidade, doces e balas. Pães e roscas. Em seguida iam para o curral beber o leite fresquinho.

Depois desse ritual sacralizado seguia com os seus cachorros de estimação Leão e Chumbinho para o mato, descia até a beira do rio. Faziam toda a ronda na fazenda; visitavam as roças, o roçado e os agregados. Depois do almoço estendiam a rede debaixo das mangueiras e ali descansavam. Não permaneciam mais de dois ou três na roça, logo retornavam para a cidade. Vinham inspecionar pessoalmente o trabalho nas roças, a feitura da rapadura, a colheita do café e feitura do polvilho e da farinha. Mas já haviam se moldado ao novo modo de vida que a aposentadoria podia lhes proporcionar.

Minha avó, se acostumou as novelas, ao crochê e a bater seus bolos no liquidificador. O tear e suas rodas a acompanharam também. Instalados numa área coberta anexa a casa e de frente para rua, ali na sua oficina funcionava trabalhando intensamente. Recebia encomendas, produzia peças para si e para venda. Vez por outra se ouvia batidas na porta e quando se abria a pergunta frequente.

- É aqui que mora a Dona Nenê tecedeira?

Para nós, crianças, o tear era um bicho de madeira que produzia o som parecendo grito de um frango enquanto minha avó nele trabalhava. Para ela, o tear

era o companheiro de anos de ofício e confidente de muitas histórias. Ela tecia panos grossos, finos, brancos, coloridos, listrados, de xadrez; fazia roupas, cobertas, tapetes, panos de cozinha e ainda vendia para quem desejasse. E meu avô consertava as rodas de fiar que rangiam como alma penada eram um renc renc incessante. Às vezes, quando o vento entrava pelas frestas, eu jurava ouvir vozes antigas sussurrando nos fios, mas eram as engrenagens empoeiradas ou secas pedindo cuidado.

A transição não parecia ter sido tão difícil para o casal, mantinham na cidade algumas práticas e costumes que levaram do campo para a cidade como a criação de galinhas e porcos, pequenos plantios no próprio quintal e nos quintais dos vizinhos e uma fornalha de lenha na cozinha de casa onde faziam seus bolos e cafés e se sentavam ao redor no período da tarde para rememorar o passado.

2.11 Os causos de João Cigano

Toda cidade pequena tem seus personagens, que acabam se tornando personagens folclóricos. As narrativas de suas vidas e sobre suas vidas são marcadas por aventuras ou desventuras, desbravamentos e decepções. Mas lá estão eles e elas, figurando e floreando os imaginários e estórias dessas cidades. Uns por sua extravagância, outros por sua inocência ou pelas suas deselegâncias.

Outros tantos, por sua valentia e destemor e assim sucessivamente. Um desses tantos nomes que era sempre lembrado nas rodas de conversa e nas manhãs preguiçosas de domingo em família era o João Cigano, o risonho andarilho de dente de ouro, cabelos nos ombros, óculos escuros à maneira de Reginaldo Rossi, vestindo camisa vermelha de mangas compridas as que dobrava até a altura dos cotovelos. Com o pescoço ornado de cordões de ouro, relógio Oriente em um braço e pulseiras e anéis que enfeitavam os braços e mãos, usava calça de linho passada de quina e bota de boiadeiro.

Para completar o figurino, o cinto com grande fivela com desenho de cavalo e um chapéu de couro estilo americano em sua cabeça. Era uma figura de fácil reconhecimento que, por onde passava, espalhava histórias como quem joga sementes ao vento e elas brotam e se espalham.

Distantes no modo de enxergar a vida e viver as experiências que ela os proporcionava, João Cigano e Estevam estabeleceram uma relação de amizade que se estendia por décadas. Ninguém soube ao certo como tudo começou. Mas se sabe das muitas histórias que os dois tinham para contar. Quiçá o elo que forjou a amizade entre pessoas tão distintas fora a própria exclusão à qual sempre foram sentenciados.

Estevam, o homem sério da roça com as mãos marcadas por calos que contavam mais histórias do que ele próprio, e sua fala era mansa, mas firme. Mesmo já no auge dos seus 70 anos e já morando na cidade, gostava de cultivar o imenso quintal e cuidar da criação de porcos e galinhas. O imenso quintal era cheio de árvores frutíferas: mangueiras, goiabeiras, cajueiros, abacateiros, jabuticabeiras, laranjeiras, limoeiros, limeiras, mexeriqueiras, pé de fruta do conde, jambeiros, ao velho pé de ciriguela e suas pequenas plantações que ia ocupando seu tempo ocioso. Ao passo que Nenê, sua companheira de toda uma vida, dedicava seus dias no ofício do descarçar³, cardar⁴, fiar⁵ e tecer⁶ uma parte do algodão colhido na fazenda.

A casa de Estevam e Nenê era receptiva e aconchegante aos visitantes. Amigos, conhecidos, familiares e parentes vinham visitar o casal. Também era parada obrigatória para João Cigano que estando pelas redondezas vinha trazendo alegria com seu fusca alaranjado e suas muitas anedotas.

Ah, o fusca do João Cigano! Aquele fusca parecia ter saído de um desenho animado. Cheio de fitas coloridas e panos de chitão floridos. Cheirava a estrada, poeira e cravo-da-índia. Quando o motor chiava na curva do Bar da Dona Lena, todos se anteviam. “Lá vem o João Cigano!”.

João descia com seu chapéu enfeitado de penas coloridas, o sorriso cintilando com o dente dourado, e atrás dele vinham três companheiros - cada qual mais enfeitado que o outro - ajudando a descarregar tachos, painéis, colheres de pau, lençóis, toalhas, panos de cozinha e até pequenas estatuetas que ninguém sabia se eram de barro ou de sonho; sua bagagem era feita de cores e alegria.

³ Descarçar o algodão é o ato de passar os caroços com as fibras sobre um mecanismo conhecido por descarçador, que consiste em um banco de madeira com uma moenda centralizada e movido por duas pessoas separa o caroço das fibras.

⁴ Cardar é o processo pelo qual se limpa as fibras com a carda que é uma ferramenta geralmente feita de madeira com dentes de metal cuja função limpar as fibras e uniformizá-las para em seguida serem fiadas.

⁵ Fiar é o ato de transformar as fibras em fios, através de fusos ou rodas.

⁶ Tecer é o ato de transformar os fios em tecidos.

Descia e já ia cumprimentando e abraçando a todos.

-Boa tarde, meus amigos! É uma satisfação minha rever vocês com vida e saúde.

Estevam, meu avô respondia:

- Boa tarde, João! Entra e se acomoda com seu povo.

Minha avó se aproximava examinando as peças de seu interesse cuidadosamente, em seguida perguntava:

- Quanto custa Seu João?

Ele respondia ligeiro o valor e partir daí se iniciava a turra pelo preço e no final as duas partes saíam ganhando.

Mas o que realmente deixava a visita especial não eram os produtos que negociava em troca de ovos, galinhas, polvilho, farinha, leitões e um pouco de dinheiro. Eram os “causos”.

Depois do café forte com bolo de fubá, biscoito de polvilho e pão de queijo, João começava: “Vocês já ouviram a do padre que se apaixonou por uma benzedeira?” ou “Na última lua cheia, vendi um gato por lebre num povoado que acredita em alma penada”. Todos riam. Até Estevam, que ria com o corpo todo, sacudindo os ombros.

Numa dessas visitas, o cigano contador de prosas e causos chegou com os olhos mais acesos que de costume. Sentou-se, tomou um gole do café de Dona Nenê e começou a história da égua.

- Eu tava com umas éguas para vender, coisa boa, firme. Cheguei num povoado lá pelas bandas de Niquelândia. Aí vem um cabra me perguntar: “João, essa égua tem defeito?” E eu respondi com toda a sinceridade que posso ter: “Se tem defeito, tá na vista.”

Todos ficaram em silêncio.

- O homem olhou, puxou a égua, passou a mão no lombo, deu uma volta... e comprou.

- Mas e aí? - perguntou Estevam.

João inclinou a cabeça para trás e riu de forma intensa, provocando um som que reverberou pela varanda.

- A égua era cega, homem! Cega dos dois olhos! O defeito estava na vista mesmo, ué!

Todos riram, até Dona Nenê, desconfiada com a visita dos ciganos. Era sempre silenciosa e sisuda. Nessa hora, deu uma boa risada e disse “estou vendo a hora que seu João vai pro céu só pra contar história para São Pedro”. As visitas sempre terminavam com os ciganos tocando seus instrumentos musicais e entoando cantigas de catira e músicas caipiras tão apreciadas por Estevam.

A amizade entre João e Estevam era dessas que não se explica com lógica, não se sabe ao certo onde e como começou, mas o que víamos era que João coloria e trazia movimento para a estabilidade de Estevam, e que Estevam lhe trazia a sensação de paragem que nunca conheceu em sua vida caminhante. Um era raiz, o outro era vento.

Mas juntos, faziam sombra, feito árvore que acolhe andorinha. E enquanto houver estrada, tacho para vender, café quente e coração aberto, João Cigano vai voltar. Com novas histórias. E talvez, com outra égua e suas tramas de encanto e maravilhas que só ele sabia dar ao narrar seus feitos.

A relação entre Estevam e João Cigano foi forjada não pelas semelhanças, mas por um fator externo comum: a experiência da marginalização. Ambos, embora ocupando lugares existenciais opostos. Estevam, o homem negro e enraizado no campo, e João Cigano, o nômade, andarilho. Tanto um quanto o outro, socialmente periféricos e excluídos do modelo de sociedade que aparta grupos ou indivíduos.

Foi nesta periferia compartilhada que se formou um mutualismo afetivo: a raiz de Estevam oferecia chão firme e seguro ao cigano; e o vento e as andanças de João, por sua vez, levava o novo o desconhecido para que sempre esteve enraizado em seu local de origem, Estevam via o outro lado do mundo pelas narrativas de João.

2.12 As novelas de Nenê

Dos muitos pertences daquele velho casarão verde situado detrás da antiga estação rodoviária da cidade. Na rua Graciano Costa Vasconcelos, o que se destacava era a TV. Era uma daquelas TVs enormes, de tubo, preta e branca, com o brilho meio baço e o som que chiava às vezes, como se reclamasse da idade. Embaixo, o transformador zumbia sem parar, espalhando um calor morno pelo canto da sala. O móvel da TV era quase um altar, e nela reinavam o Chacrinha, o Clube do Bolinha, os Trapalhões, O Sítio do Pica Pau Amarelo..., mas quem mandava

mesmo naquele pequeno mundo era a novela, Feijão Maravilha, Selva de Pedras, Ti Ti Ti, Cambalacho.

Na casa em que morávamos com meus avós e tios, nos anos 1980, tudo girava em torno daquela sala de piso verde e gelado e sofá vermelho de courvin, coberto com capas de chitão feitas pela costureira, Jessy, que morava do outro lado da rua. A casa da vó Nenê e do vô Estevam era a única da rua com televisão. E isso não era pouca coisa, era para poucos, os mais abastados daquela época que podiam ter TV, e tinha muito além da TV. Tinha geladeira, fogão a gás (de orelhinhas), liquidificador e chuveiro elétrico, o que a maioria da população considerava utensílios de casa de rico.

O pôr do sol dava indícios da quebra diária da nossa rotina doméstica; às 6 horas em ponto, parecia que um sino invisível soava pela vizinhança. As portas rangiam, chinelos raspavam no chão de terra batida, e logo vinham chegando: as mulheres com os filhos no colo, os maridos cansados do serviço, os adolescentes que fingiam não gostar, mas que se deixavam levar pelo enredo, e todo esse movimento sinalizava o desconforto iminente para as crianças da casa, que tinham que ceder seus assentos para as visitas.

Uns se acomodavam no sofá, outros em cadeiras de madeira, e os mais atrasados? Esses ficavam de pé ou se apoiavam nas janelas, espiando a novela como se fosse um milagre de imagem em meio à escuridão, pois era ordem de Estevam que se apagassem as luzes para economizar a “força”.

A antena escama de peixe no telhado fazia o que podia. Vez ou outra, algum menino era mandado lá fora para dar uma viradinha na antena que ficava presa a uma enorme vara de bambu, ao grito de dentro:

- Mais um pouquinho para esquerda! Parou! Volta!

- Agora sumiu tudo, está só o chuvisco! Dá mais uma mexida! Isso! Pará!

Mas bastava a vinheta da novela começar para um silêncio sagrado se instaurar. Era como se o mundo parasse por aqueles minutos. A minha avó se sentava sempre no mesmo canto do sofá, aquele lugar que era seu trono e que ninguém ousava querer usurpar-lhe, de óculos preto, colado com cola *Durepóxi* no meio e nas pernas e com o olhar colado na tela.

Ela sorria, se emocionava, reclamava da vilã, suspirava pelo mocinho, odiava os bandidos e trambiqueiros, tomava o nome dos personagens que não agradava para se referir a pessoas pelas quais tinha diferenças, dizendo: *aquela dali é a Dona*

Pombinha pura. E nós, crianças, mais atentos aos rostos adultos do que à história da novela em si, aprendíamos ali o valor do tempo partilhado, da solidariedade ao abrir nossa casa e dispor do nosso conforto e privacidade para com nossos vizinhos que não tinham as mesmas condições que a gente.

Naquele tempo, a novela era mais que um programa de TV. Era a nossa ponte com o mundo. Era assunto para o dia seguinte. Companhia. Motivo de reunião, de começar ou esticar uma conversa durante uma visita. E minha avó, com sua paixão por aquelas histórias, foi nossa primeira contadora de casos, mesmo sem dizer uma palavra, bastava o brilho nos olhos dela quando a novela começava.

Hoje, quando lembro da casa cheia, do cheiro do café que vinha da cozinha, da voz da minha avó pedindo silêncio na hora do capítulo, percebo que aquela sala era o verdadeiro centro do mundo. Um mundo onde se reunia gente de todo tipo, unida por uma tela tremeluzente e pela vontade de sonhar.

A televisão no casarão da Rua Graciano Costa Vasconcelos operava, assim, como um dispositivo de agregação sociocultural singular. Sua programação, particularmente as telenovelas, funcionava como elo comunitário, um repertório comum de narrativas e símbolos que transcendia as barreiras socioeconômicas do bairro.

A grande TV de tubo e caixa de madeira gigante, um artefato tecnológico não se limitava a transmitir ficção. Era um objeto que unia as pessoas, a vizinhança. Um momento de contemplação em que não havia hierarquia entre os telespectadores que assistiam cada capítulo religiosamente. Na penumbra da sala, estavam todos concentrados no desejo de ver a mocinha e o mocinho chegarem ao ápice e vencerem os vilões que atravessavam seus caminhos. Desta forma, o ritual diário, unia os vizinhos e na coletividade partilhavam seus anseios e desejos de vida que viam representados em personagens tão distantes, mas que lhes permitiam sonhar através de cada cena assistida.

2.13 O baile e o velório

Era época de política em Goiás, fim de campanha para governador, e o povo andava agitado com o último baile da candidatura promovido ali no rancho do PMDB, quase em frente à casa da minha avó. Na mesma tarde, o primo dela,

Reginaldo, faleceu. Um homem já em idade avançada, meio esquecido até pelos próprios filhos, um senhor já com quase oitenta anos, baixinho, viúvo e que morava numa casinha humilde nos arredores da cidade de Rianópolis em Goiás.

Foi aí que começou o rebuliço.

Não havia onde colocar o morto. Nenhum dos filhos quis abrir a própria casa para o velório. Um dizia que a mulher estava doente. Outro dizia que a casa era pequena demais para caber o caixão e as visitas. Outro dizia que por morar mais afastado do centro da cidade o morto não iria receber nenhuma visita. Outra desculpa era dada. Seguiu-se uma série de justificativas para não receberem o corpo do próprio pai em suas casas.

Não havendo outro local para realizar o velório, meus avós se compadeceram com a situação do falecido. O defunto foi parar na sala da casa da minha avó. A sala das novelas. Nunca negaram abrigo nem para os vivos, muito menos para os mortos, e Reginaldo, o finado, tornar-se-ia, mais à frente, o fantasma pioneiro do velho casarão. Seguido por outro vizinho que, também não tendo onde ser velado, foi parar na sala da casa de minha avó.

A casa se encheu de gente, tornou-se o evento da vizinhança; até mesmo as meninas do cabaré da esquina compareceram. Velas, flores brancas dos quintais vizinhos cobriam o morto. Rezadeiras, benzedadeiras, comadres e café preto compunham o cenário do velório. E do lado de lá, no rancho do PMDB, e as caixas de som bumbavam o forró ao som dos melhores discos de vinil da época. Ouvia-se Luiz Gonzaga - Riacho do Navio, Elba Ramalho - Festa do Interior, Dominginhos - Isso Aqui Tá Muito Bom, Sidnei Lima - Viajando Com Meu Amor e tantos outros sucessos da época. Os homens armavam as mesas, as moças ensaiavam vestidos e penteados. O cheiro das flores do defunto e o cheiro de festa se misturavam no ar da noite quente do cerrado.

Minha irmã mais velha e minha prima estavam prontas para ir ao baile. Não perdiam um. Era o último da temporada, o último da campanha. Era o último. Elas tinham se arrumado a semana toda, tinham até feito roupa nova com a costureira Isabel, pintado cabelos e unhas. Só que, naquele dia, minha avó bateu o pé:

- Ninguém vai para baile com defunto na sala!

Minha mãe reforçou:

- É falta de respeito! Logo compadre Reginaldo, que queria tão bem as duas, daqui ninguém saí!

Mas bastou anoitecer para que as duas se trancassem no quarto, se maquiando às escondidas, e esperando uma brecha no luto. E essa brecha veio logo. O velório começou a esvaziar. Primeiro, sumiram os netos. Depois, os filhos. Um a um foram escorregando pela porta afora, disfarçando a saída com frases do tipo “vou ali tomar um ar”, ou “só dar uma passada no rancho”. Quando nos demos conta, sobraram uns três filhos mais conformados, meus avós, meus pais e a gente, que era criança e não entendia direito aquele vaivém entre caixão e festa.

Foi nesse clima surreal que minha irmã e minha prima, num salto ousado, pularam pela janela do quarto, que dava direto para a rua, e foram para o baile. Com o vestido rodado, sandália nova e sorriso no rosto, abandonaram o defunto e foram dançar a última noitada da campanha. Mas o que ficou marcado mesmo foi o entra e sai dos familiares do falecido. Dançavam, riam, brindavam no baile, depois voltavam à casa, enxugavam uma lágrima, olhavam o corpo com um ar de quem lembrava que havia um dever e, então, viravam os pés de novo rumo à festa. Era um revezamento entre o choro e o forró.

Naquela noite, o morto repousava solene, enquanto a vida insistia em dançar. Talvez ele mesmo, lá do além, tenha dado uma risada. Naquela noite, a morte e a política dançaram um fandango em Goiás. Numa experiência vivenciada entre o grotesco e o sublime de um Goiás que misturava luto e festa como quem mistura café com cachaça, sem meias medidas.

2.14 Terra e rancor

Estevam, Joaquim e Evaristo cresceram com Joaquim vivendo as aventuras e desventuras de uma marcada pela mão violenta do pai Silvério. Dono de engenho, sanfoneiro afamado da região, sorridente nas festas, bebia, cantava e dançava. Em casa parecia não conhecer o Silvério festeiro e sanfoneiro, era violento com a esposa e os filhos.

A esposa Benedita Amânsia de Sá, por pouco não nasceu na senzala, mulher negra de traços fenóticos bem-marcados, cabelo crespo, corpo robusto, quadril largo, fumava seu cachimbo enquanto cuidava da lida pesada da casa. Amânsia carregava nos olhos a memória dos que vieram antes e nos gestos, a força de quem

sobreviveu onde outras se calaram. Era Nanã encarnada, moldada em barro do sertão e em coragem que não se dobra.

Já seu marido Silvério, era um homem negro, cabelo liso, baixinho e faceiro. Com Amânsia teve 14 filhos, somente três sobreviveram às violências do pai. Depois dos filhos crescidos, quando Amânsia acreditava que conheceria alguns dias de paz, Silvério levou a amante e seus três filhos para dentro da casa para conviver com a família. Benedita não aceitou. Foi morar em um rancho perto da casa de Estevam na companhia de Joaquim, o filho paraplégico.

Evaristo se casou com uma viúva e foi fazer a sua vida fora dali. Os anos se passaram, a segunda mulher não suportou as pancadas e foi embora com os filhos. Silvério morreu sozinho feito bicho acuado. A terra foi dividida entre a viúva e os três filhos do casal. Estevam ficara com o quinhão de Amânsia e Joaquim com a responsabilidade de cuidar de ambos até o fim de seus dias. Evaristo sentiu-se prejudicado e não mais falou com o irmão mesmo morando sete quilômetros de distância um do outro.

Os anos se passaram Evaristo sentiu mais uma vez o frio da morte aproximar – se de sua vida quando a esposa teve a vida ceifada com um balaço de calibre 12 pelo próprio genro. Evaristo, que já tinha vendido a terra e gasto o dinheiro, morava numa humilde casa nos arredores de Uruceres; era uma figura folclórica do lugar e muitas histórias se contavam sobre sua teimosia e ignorância. As brigas com vizinhos por causa do barulho das crianças, pelos animais adentrarem seu quintal, contava-se que não escapava da panela uma galinha que cruzasse os limites do seu quintal.

Dentre as muitas histórias que surgiram em torno de sua personalidade e figura valente, um dos mais contados foi o que ocorreu na abertura da primeira venda do povoado. As prateleiras cheias de mercadorias e um movimento grande de entra e saí na venda de Onofrinho. Evaristo não resistiu; a curiosidade se espalhou por seu pequeno corpo curvado e suas mãos calejadas e encurvadas pelo cabo da enxada. Foi lá visitar. Logo, viu uma barra quadrada de cor laranja brilhante, chamativa. Pegou e pagou achando ser um pedaço de doce, imaginando aqueles doces coloridos, com sabor de laranja que só se viam nas barraquinhas dos festejos.

Evaristo levou aquele pedaço de encantamento na boca e, quando deu a primeira mordida, a moça do balcão olhou assustada e soltou um grito:

- Seu Evaristo, não coma, isso é sabão!

Evaristo retrucou.

- Pensei que fosse doce, agora vou comer para aproveitar meu dinheiro e devorou toda a barra de sabão.

Ao seu irmão Estevam, não se referia pelo nome, mas o chamava de Lobão. Trinta anos se passaram, Evaristo sofreu uma queda e quebrou o osso da bacia, em razão da idade não houve cicatrização óssea. Não tendo outro parente, Estevam o levava para sua casa em Rianópolis. Embora não andasse, Evaristo se arrastava pela casa, ameaçava todos com sua muleta, só não arriscava com Nenê que, embora não falasse nada, impunha-se apenas com seu olhar.

O tempo passou, mesmo convivendo os três irmãos juntos, não se viu perdão, apenas alegações e ofensas cotidianas, até que um a um todos finalizassem os seus dias. No entanto, no meio dos rancores e das dores, as recordações de quem assistiu uma pequena parte dessa relação que herdara conflitos geracionais, vez por outra, são lembradas em forma de anedota nos encontros familiares, o que, em certa medida, é o retrato de uma família atravessada por memórias ancestrais, violência, resistência e laços que, mesmo partidos, continuam amarrados pela lembrança.

Amânsia e sua família nasceram fora da escravidão, mas herdaram a violência escravocrata que não findou com os troncos e senzalas, mas transmutou-se em uma arquitetura íntima da dor, onde o açoite ancestral ecoa como silêncio afiado entre as paredes domésticas. O corpo negro, outrora mercadoria no mercado público, converteu-se em propriedade afetiva nos lares.

Esta “economia do trauma” opera através de uma moeda invisível de sofrimento: o mesmo gesto que outrora negava humanidade agora disfarça-se de afeto condicional e proteção, herança envenenada com as cordas do chicote. O que se transmite entre gerações não é memória, mas anatomia do poder: uma organização relacional em que uns aprendem a comandar e outros a servir e obedecer, reencenando diariamente o drama original da subjugação em mesas de jantar e camas conjugais.

As paredes da senzala, embora caídas, foram reerguidas através do sofrimento físico e psíquico que se construiu na cultura de dominação de corpos, em particular os corpos das mulheres negras e nos filhos que geram e na reprodução da violência paterna. Amânsia, diferente de Maria que ousou ser presa para ser livre, viveu uma vida condicionada a prisão do lar e só saiu dela já quase no

final da sua vida, levou consigo Joaquim, que as perdas não alcançavam o chão, mas a mente viajou o mundo. Joaquim por sua vez, também se tornou uma das heranças familiares que foi repassada ao meu avô, depois a minha avó e minha mãe.

2.15 Broa de latinha

Nenê estava na cozinha, ao pé do fogão de lenha de cimento queimado em tom de vermelho, e com seu vestido de gola “v” com lenço de seda amarelo com desenhos de ramos e arranjos na variação de diversos tons de amarelo amarrado na cabeça, o sol já virava na soleira da janela mostrando o movimento das horas e iluminando os ingredientes que ela havia disposto sobre a mesa.

Era dia de fazer bolos, pães, bolachas e a famosa broa de latinha, uma receita que aprendera com sua avó e que sempre e muito apreciada pela família. O forno de lenha já estava aquecido, e o cheiro da madeira queimando se misturava ao aroma das massas, do café e da erva-doce que ela havia decidido acrescentar desta vez.

Com as mãos levemente enfarinhadas, Nenê começou a misturar os ingredientes em uma tigela grande:

1. 2 xícaras de arroz cru de molho da noite para o dia;
2. 1 xícara de leite azedo (ou coalhado);
3. 1/2 xícara de açúcar (a gosto);
4. 2 colheres de sopa de manteiga ou margarina;
5. Angu de fubá ou arroz cozido para dar liga;
6. 1/2 colher de chá de sal;
7. 1 colher de sopa de fermento em pó;

Como era de rotina, Nenê acordou cedo. Pegou o arroz que havia deixado em cima do jirau fermentando e começou a socar o arroz no pilão; em seguida, peneirou a farinha do arroz, acrescentou 1 xícara de leite azedo, 1/2 xícara de açúcar, 2 colheres de sopa de banha de porco, uma xícara de arroz cozido que havia sobrado do dia anterior, 1/2 colher de sal, 1 colher de fermento e uma generosa colher de sopa de erva-doce, que dava um toque especial à broa.

Misturou tudo com cuidado, até a massa ficar homogênea, e então despejou nas latinhas de sardinhas e de extrato de tomates untadas com banha de porco,

ainda sobrou um pouco da massa preparada e, não tendo mais latinhas disponíveis, colocou a massa enrolada em folhas de bananeiras; em seguida, colocou para assar no forno de barro que já estava assando pães, petas, pães de queijo, roscas, mané-pelado enrolado nas folhas de bananeira que Estevam alegremente chamava de “manés vestidos” por estarem envoltos nas folhas de bananeira.

Esse momento de preparo de bolos e pães envolvia todos os membros da família na preparação do que eles chamavam de burundangas. Nessa ocasião, Estevam usava sua criatividade para moldar as massas, fazia pães em forma de jacarés, sapos, pássaros e se divertia junto com as crianças, mas não podia faltar também o famoso melindre, uma bolacha feita com polvilho doce, ovos, açúcar e banha de porco que, depois de assada, esfacelava-se ao toque das mãos e se derretia na boca com café quentinho.

Animais e pessoas transitavam pelo grande quintal rodeado de mangueiras, bananeiras, abacateiros, laranjeiras e jabuticabeiras. Joaquim, com sua bengala de madeira, dava passos vagarosos e tentava espantar as galinhas que ficavam à espreita, esperando cair no chão pedaços de massas, bolos, farelos e cascas de ovos. Ralhava com os animais ao mesmo tempo em que tentava estabelecer um diálogo com eles, dizendo:

- Vocês não estão com fome, joguei milho para vocês agorinha. É pura danação.

De nada adiantavam seus esforços para afastar as aves; vez por outra, uma ave achava restos no chão, apanhava com o bico e saía correndo e outras corriam atrás para tentar tomar o que conseguiu com tanta insistência.

Foi nesse momento que ouviu um barulho vindo da sala. E gritou por Estevam. Ela deixou a massa de lado e correu. Sua sogra, Sá Benedita, estava no chão, pálida, segurando o peito.

Estevam, assustado, perguntou:

- O que foi, mãe?

Sá Benedita não conseguia falar, apenas respirava com dificuldade. Nenê e Estevam a levaram para o quarto, desesperados, enquanto alguém saiu correndo para chamar Dona Maria rezadeira para ver se descobria que mal era aquele. Eram tempos em que médico era luxo para poucos e quem resolvia a maioria das doenças eram benzedadeiras, rezadores, curandeiros e, em último caso, um farmacêutico.

Dona Maria rezadeira veio o mais rápido que pode; fez preces, chás, cortou uma pontinha de cabelo de Sá Benedita, colocou fogo e passou a fumaça em seu nariz, e nada deu resultado. Sá Dita continuava ali, imóvel, olhando para lugar nenhum, nunca mais se levantou. Ficou acamada, fraquinha, cada dia mais quieta, até que, três dias depois, partiu em silêncio, enquanto a família velava por ela.

Os bolos que foram preparados foram servidos durante o seu velório; naquele dia fatídico, em que Sá caiu em doença, quem assumiu a responsabilidade pela continuação do preparo dos bolos foi sua neta Francisca, já mocinha, mas muito pegada com Sá Dita, a qual veio visitá-la tempos depois em forma de jiboia. A broa de latinha ficou como lembrança daquele momento tão triste, pois era uma das burundangas mais apreciadas pela vó Bendita.

E todas as vezes que Nenê fazia a broa de latinha, recordava a sogra sentada embaixo do pé de manga sabina, em um banquinho feito de tábua com pés de madeira roliça e com a bengala de madeira de lado, com um pedaço de broa em uma mão e o café quente na xícara esmaltada na outra e dizendo:

- Sá Nenê, essa broa está muito boa!

Assim como a broa de latinha, que nasce da transformação lenta do arroz em molho e da fermentação paciente, a vida de Sá Benedita foi uma alquimia silenciosa de resistências e sabores. Seu corpo partiu, mas sua memória impregnou-se na receita como o aroma da erva-doce que perdura na massa assada.

Cada broa que Nenê preparava, desde então, era mais que um alimento: era um ritual de permanência em que os ingredientes simples da terra se transmutam em testemunho afetivo. Naquele instante em que as mãos amassam a farinha e o forno aquece as latinhas, repete-se o ciclo sagrado que une cozinha e altar: o mesmo fogo que coze o pão é o que purifica a lembrança, transformando perda em sustento e saudade em oferenda cotidiana.

A broa tornou-se, assim, a metáfora perfeita do amor que sobrevive à morte: massa crua que se transfigura em alimento quente, memória amarga que se adoça no paladar do tempo e receita, que continua a ser passada adiante, como tudo que verdadeiramente importa.

2.16 Histórias e cafés

Joaquim vivia naquela cadeira de rodas já havia muitos anos. Dentro de casa, ainda perambulava segurando sua bengala de madeira, mas longas distâncias não se atrevia a caminhar. Era com auxílio da cadeira de rodas que se locomovia por distâncias maiores, vivia em um quarto adaptado exclusivamente para ele, com cama, mesa, um filtro de barro, vaso sanitários aos pés de sua cama, tralha do pito junto a um tamborete de couro do lado cabeceira da cama, rolo de palha de milho, pedaço de fumo de corda e pequeno canivete de cabo preto que já tinha a lâmina curvada, gasta pelo tempo e pelas repetidas picadas de fumo diária.

Seu tórax trazia a imagem de um homem forte, robusto, embora fosse corcunda; as pernas atrofiadas pela doença; os braços fortes, pois os exercitou a vida toda se arrastando e se erguendo. Era um homem sábio e de riso fácil; a sua deficiência não lhe tirou a alegria de viver. Mesmo com limitações físicas, ajudava pequenas tarefas do dia a dia. Aqui e acolá, equilibrava-se na bengala, avançando devagar, como um caranguejo cansado.

Em verdade, a maior de suas tarefas era a de nos observar e nos distrair; tinha uma capacidade narrativa e entretenimento com suas histórias capaz de nos manter sentados ao seu redor por horas seguidas, suas histórias cheias de representação e exemplos marcaram nossas memórias.

- Era uma vez... Ele começava, e então parava, olhando em volta com ar de quem espera algo. Acendia o cigarro de palha e perguntava.

- Cadê o café? - perguntava, levantando a sobrancelha. – É bom vocês fazerem um café para o velho esquentar a goela.

Já sabíamos que ali se estabelecia a barganha. Ninguém ouvia uma só palavra das suas lendas sem antes ter posto a água para ferver e moído os grãos frescos no moedor de café que ficava de frente para a porta do seu quarto. Ele sorria quando sentia o cheiro, os olhos escuros brilhando sob as pálpebras pesadas.

- Era uma vez a Teresa Bicuda, mulher tão má que o diabo tinha medo dela.

Sentávamo-nos ali mesmo no chão ao seu lado, na beirada da sua cama, e ficávamos atentos a cada detalhe a cada onomatopeia que dava vida a seus personagens, suas histórias eram cheias de mistérios, animais falantes, exemplos de vida, ensinamentos.

E até os cachorros pareciam prestar atenção quando Joaquim contava do Coronel Castrinho. Chumbinho, o cachorro que mais nos acompanhava nas nossas

aventuras, deitava-se do lado e ficava olhando, como se entendesse cada palavra de tio Joaquim.

Depois contava as histórias do Pai da Mata, gigante de pés virados que carregava os desobedientes para nunca mais voltar, inclusive, indicava até a gruta e a árvore em que ele ficava, local aonde não poderíamos ir.

- O Nego D'Água, sabem? Vive nos rios e lagos. Se você vir um fio de sangue na água, é sinal de que ele está perto.

Ele gostava de pausar nos momentos mais tensos, erguendo a caneca de café com ar de mistério, bebia o café e dizia.

- Bota mais um pouquinho dessa tiquara para o velho.

Íamos correndo buscar mais café ansiosos pela continuação, inquiríamos.

- E aí o que acontece? - alguém sempre perguntava, impaciente.

E assim, a noite se estendia sem que déssemos conta das horas. Tio Joaquim ficava mais sombrio, suas narrativas ganhando tons de verdade, quando ia contar sobre lobisomens, mulas sem cabeça, exemplos do tempo da quaresma.

- O Lobisomem, meus filhos, não é só lenda. Conheci um homem que virou. Era um sujeito quieto, mas nas noites de lua cheia, sumia. Até que um dia o acharam no mato, todo ensanguentado, com os dentes afiados, nu como veio ao mundo. Diziam que ele tinha feito pacto com o Coisa Ruim, e só quebraria o encanto depois que ele fosse ferido com lâmina. Mas depois que ele se desencantou, adoeceu e logo morreu.

Nós, de braços entrecruzados, já pensávamos no medo que nos atormentaria na hora de ir tomar banho no banheiro que era fora do corpo da casa, e Joaquim bebericava seu café, satisfeito. As histórias de Joaquim eram muito mais que história, era seu mundo imaginado, sua fuga e a viagem ao desconhecido que suas pernas nunca permitiram alcançar, não sabia sequer assinar seu próprio nome, mas o dom da oralidade lhe permitiu transmitir suas experiências e conhecimentos através de suas narrativas fabulosas e cheias de vida.

No fim da vida, quando a tosse o consumia e já não conseguia segurar a caneca sozinho e já cansado de contar histórias, nos dizia.

- Meninos, já é hora de dormir, porque a noite é para os vivos descansarem e as almas andarem, e assim encerrava nossa sessão de entretenimento do dia.

E assim, quando o último suspiro de fumaça de seu cigarro de palha se dissipou no ar, compreendemos que Joaquim não partira. Apenas se transmutara

em um de seus próprios personagens. Talvez seja ele agora o Pai da Mata, guardando segredos nas grotas da memória. Ou o Nego D'Água, sussurrando lendas nas correntezas dos rios que jamais pôde visitar.

Suas histórias, criadas a partir da cadeira de rodas que se tornou sua nave e que lhe permitiu viajar para além dos limites do quarto, o cachimbo mágico que transformava fumaça em imagens e o café a poção de encantamento. Cada resquício que possa ser o fio de sangue na água nos lembrará dele, cada sombra na lua cheia carregará seu olhar esperto. Joaquim tornou-se o lobisomem que finalmente se desencantou - não pela lâmina, mas pelo último gole de café frio.

E nós, que crescemos aos pés de sua cama-cátedra, somos seus livros vivos, as páginas onde suas palavras continuam a ecoar, sempre que nos reunimos voltamos a ser as crianças que rodeavam sua cama para ouvir ele nos contar: “Era uma vez um homem sábio que transformou saudade em lenda e partiu sem nunca ter saído do lugar...”.

3 O TEAR E O TEMPO: MARIA PINTO LEAL

A seguir, a jornada entre *O tear e o tempo*.

O silêncio na sala era pesado e cheio de palavras não ditas, mas entendidas, interpretadas. Um soluço por cima do sussurro ocasional e do choro contido, as lágrimas minavam no canto dos olhos da esposa e das filhas. A casa estava cheia de gente, gente da cidade e gente da roça, gente da família e gente amiga, gente

desconhecida, gente curiosa. Havia muita gente sobre os corpos daquela quantidade de gente havia um mar de roupas coloridas, claras, escuras, opacas. Pessoas iam e viam, rodeavam o caixão, iam na cozinha, no alpendre, se encostavam ao pé da garrafa de café e da bacia de zinco coberta com pano de prato branco e recheado com carne moída.

Essas gentes transitavam pela casa curiosas em buscar os detalhes da vida na velha casa de quintal farto de árvores fruteiras. Outros se sentavam na calçada de frente para rua, contavam piadas, faziam seus cigarros de palhas; outros contavam suas façanhas, outros tantos, mais compungidos, prestavam as condolências e sussurram memórias no ouvido da viúva e dos familiares.

No centro de tudo, repousado numa urna simples de pinho banco, estava o corpo do meu avô. As flores ao seu redor murchavam lentamente, vencidas pelo calor e pelo peso da despedida. Embaixo do caixão, um vasilhame com água e folhas e flores de laranjeira se misturava ao odor das rosas murchas, águas de colônia, desodorantes e cremes que impregnavam a sala. Quem passava na rua enxergava a ponta dos pés calçados de meia preta do defunto, os mesmos pés que caminharam descalços os caminhos das Romarias de Monte Castelo, Muquém e Trindade.

Num canto, afastada do epicentro da dor, sentara-se a minha avó Nenê. Vestida em um singelo e triste vestido de florezinhas amarelas já bem apagadas e com um lenço na cabeça. Ela enxugava as lágrimas que lhe viam com um lenço de bolso cinza, e de longe, parecia uma ilha de quietude no meio daquele oceano de luto agitado. Seu rosto não parecia reconhecer o intenso movimento de gente, não parecia estar naquela sala, ali estava apenas seu corpo físico, parecia estar vagando no mundo das memórias, das memórias felizes e das tristes também. Seu rosto era um mapa de serenidade, mas em seus olhos, profundos e de cor amarelo caramelizado, habitava uma inquietação que nada tinha a ver com o rosto. A sua era uma quietude ativa, vigilante, às vezes, curiosa.

As mãos enrugadas e branquinhas descansando pelo seu colo. Sobre as florezinhas amarelas de seu vestido, destacavam-se seus dedos finos e nodosos. Eram dedos que contavam história, marcados por trabalho, risos e lágrimas, encontros e despedidas, alegrias e luto. Os traços tatuados, as finas cicatrizes que os fios que na vida precisou esticar, tingir e tramar foram deixando nas articulações há muito inchadas pela vida do trabalho metuculoso do tecer. Seu corpo era o duplo

vivo do tear, que agora emudecera noutra cômodo da casa, como se também vivesse o luto. Corpo e tear testemunham um tempo e traziam memória de uma vida, de uma casa, de um tempo.

Com o passar das horas, a tensão aumentara, ainda havia muita coisa sem nome. Por isso, uns conversavam, outros choravam, homens contavam piadas, rezavam terços e ladainhas, outros trabalhavam, de modo especial algumas mulheres, na cozinha, preparavam chás, cafés, comida para os que iam chegando. Olhar de Nenê foi tomado pelo vazio, o que não impedia que os seus dedos se movessem levemente. O movimento não se comparava a um tremor senil ou um tique de nervosismo. Era um movimento deliberado, quase imperceptível: o polegar encontrava o indicador, puxava um fio invisível, a palma da mão batia suavemente um padrão imaginário no ar em um ritmo ancestral, nesse código silencioso pelo qual seu corpo falava.

Nesse movimento que ultrapassava a barreira do sensível, Nenê cardava, fiava, tecia e costurava as peças da história no terreno da memória que só ela poderia acessar. Cada tecido, cada peça guardada naquele cofo de lembranças que agora lhe transbordara, como ela passara a pensar em si mesma desde que soube que estava velha. Enquanto mexia os dedos, via-se tirando as peças no mofado cofo, e era possível notar mudanças leves no seu rosto, o nascer de um sorriso retificado, uma tristeza que vinha como lágrima e que a fazia torcer o semblante, marcado pela dor que a assolava. Ela, como se despertando, olhava os netos e netas, as filhas, irmãs, cunhados, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, irmãos, amigos, olhava para o rosto gélido do marido, seu semblante torcido pelas dores da doença. Depois desses breves instantes a observar os seus com os olhos amarelos, voltava a cardar, fiar, tecer, costurar; revirar baús com os movimentos dos dedos. Naquele dia, não tecia linho, nem algodão, nem lã; tecia a sua existência, os dissabores e as parcas alegrias. Tentava alinhar o que via com o que lembrava, desalentava a alma tentando unir os fios soltos daquela despedida num padrão que só ela, na sua serenidade inquieta, sabia faltar: o dia de amanhã, sua vida de viúva, e sentiu um alívio que subiu ao olhar, como curiosidade, *o que é a vida depois de uma morte?*

Eu olhava sem entender o que faziam os que foram chegando em carros, em carroças, em cavalos, a pé, se acomodando no grande quintal, dentro da casa, na calçada. As portas foram ficando poucas para o trânsito que se instalara dentro da

casa, vez por outras, os zunidos das panelas batendo na cozinha, o cheiro de café e alho se misturando e ultrapassando as paredes da cozinha.

Era período do duro frio goiano e muitas pessoas vieram preparadas para enfrentar o frio que cortava os ossos durante a madrugada. Cruzavam o quintal, descobriam as goiabas, cajus e seriguelas, só hesitavam em subir no pé de fruta-do-conde, que era rodeado pela coroa de cristo. Do mesmo modo, entravam na casa com passos medidos, um ritual antigo e imutável, sinal de respeito para com o morto e sua família. Dentro da casa, o ar estava parado e pesado, carregado pelo cheiro do café forte que fervia incessantemente na cozinha e pelo perfume nauseabundo das flores que já começavam a murchar sobre o corpo. A urna era simples, mas dava dignidade ao morto, e rompeu com uma prática de fazer o caixão do morto durante o velório, com madeiras rústicas e unidas com grandes pregos no quintal da casa do morto.

O corpo do avô repousava no centro da sala de estar, vestido com roupa nova e formal que não fazia parte do seu uso habitual, que eram as calças de tecido de algodão feitas por Nenê e as filhas. Os tecidos das calças eram feitos com capricho, alguns tinham os xadrezinhos miúdos, outros riscados coloridos. As camisas de percal eram feitas pela costureira Gessy ou por Dona Izabel do Lazinho.

As mãos cruzadas sobre o peito numa pose que lhe era estranha em vida. A quietude que o envolvia era quebrada pelos murmúrios dos visitantes – sussurros de condolências, recordações truncadas, cachorros latindo na rua, crianças brincando no quintal e comentários sobre a sua boa vizinhança e a fartura para com os amigos nos tempos da colheita.

Minha mãe e minha tia, as duas filhas do casal, minhas tias-avós, tomaram a frente dos serviços da cozinha. Divididas entre a dor e a obrigação, minha mãe parecia mais firme e minha tia, eu via, estava tomada pela sensibilidade e pelo choro, mas a elas cabia aquela tarefa, cuidar daquela parte tão necessária, naquele momento, que era a tarefa de manter a cozinha funcionando e não deixar faltar comida para as pessoas que ali estavam, para acompanhar o velório. Suas vozes, um tom mais comedido que o normal, apesar de firmes. Não se misturavam às vozes dos visitantes; as suas eram vozes objetivas, direcionadas, expressando comandos e tomando as decisões do que seria feito e como se faria.

Discutiam a quantidade de açúcar no bolo, a necessidade de pegar utensílios emprestados nos vizinhos, e como os marcariam para não se perderem, discutiam

organização das cadeiras emprestadas dos vizinhos, discutiam as pequenezes do evento. A dor era expressa nos movimentos rápidos de seus corpos, que iam de um lugar para o outro da casa, lavando banheiros, varrendo e recolhendo os farelos de pão espalhados pela fornalha de lenha, no afã de alimentar a todos, de manter as aparências de uma casa que perdeu seu eixo.

“O café está pronto?”, “Alguém pega mais uma garrafa de água na geladeira?”, “Quem foi que trouxe aquele arroz doce? Precisamos agradecer”. O luto delas era ativo, barulhento, ocupado, e deixava à mercê do vazio que se instalara dentro da casa.

Eu, sentada num sofá de pezinhos de madeira e couro sintético em tom de vermelho encostado em um canto da parede da sala, observava. Ali observando e guardando cada detalhe. Parece que eu não tinha relevância alguma naquele cenário, que eu observava sem participar, sem saber. Não sabia que aqueles eram nossos costumes, meus costumes, marcados por encontros, desencontros e por travessias. Eu estava mais interessada em registrar a textura da luz do entardecer atravessando as fendas de madeira da janela da sala, iluminando partículas de poeira que dançavam lentamente no ar, iluminavam a casa suja, que não poderia ser varrida enquanto o morto não saísse em cortejo até o cemitério.

O som abafado dos passos no piso verde de cimento queimado, o que eu não sabia se era verde, nem se ele estava desgastado pelo tempo. O modo como as sombras se alongavam, engolindo os cantos da sala, enquanto o dia morria lá fora. E, acima de tudo, observava a avó, que ali estava com o corpo em um canto, com o espírito se ausentando para o passado, revivendo tristezas e alegrias.

Nenê permanecia imóvel no seu canto, na cadeira de madeira que sempre usou para costurar na Singer de pedal. Eu queria ocupar o lugar dela na máquina, e costurar as colchas de retalhos, emendando pedaços de tecidos que sobravam dos seus vestidos, de suas filhas e netas até formar colchas, porta-travesseiros ou para fazer saias coloridas iguais às das ciganas que, vez por outra, acampavam em frente à praça da Igreja de São Sebastião. Nenê dizia que eu esperasse, que eu teria, algum dia, as minhas próprias colchas de retalho a costurar.

A atmosfera que havia se instalado na sala sofreu uma mudança com a chegada de um grupo de homens mais velhos, vizinhos de sempre, mãos calejadas e rostos queimados de sol. Cumprimentaram a minha avó com um aceno grave de cabeça, que ela retribuiu com um piscar de olhos, quase imperceptível. Um deles, o

Seu Armindo, senhor dos seus 65 anos de idade, pai de 10 filhos, com poucos dentes na boca, vivia da pesca e das doações que recebia da comunidade. Ela era benzedor afamado, respeitado e bem requisitado e, ao mesmo tempo, temido. Parou diante do caixão, coçou o queixo e disse para todos e menos para alguém em particular:

- Eita! Hoje é um dia muito triste para mim, perdi meu amigo e meu melhor vizinho. Me ajudou muito nessa minha vida. Lembro de quando me levava para ajudar na roçagem dos pastos em sua fazenda; ali, a gente trabalhava e brincava muito. Era homem alegre e de muita brincadeira, gostava muito de trabalhar, mas também gostava muito de brincar.

- Lembro-me do dia em que fomos roçar a beira do rio; quando chegamos aos agregados em desespero, tentando desatolar a vaca Fortuna sem conseguir, a vaca já com barro e água na metade, esse meu amigo entrou sem pensar naquele lamaçal e não sei de onde tirou tanta força que quase sozinho conseguiu tirar a vaca para fora do atoleiro. Talvez nem fosse a força, mas sabedoria, porque esse homem era sabido e jeitoso com tudo nessa vida.

A palavra “força” estrondou na sala amarelada pelos raios do sol da tarde, como um trovão contido. E então... aconteceu. O tempo se partiu e deixou Nenê do mesmo lado que eu.

A minha avó se tornou a imagem central daquele momento e foi ampliada pela cena dos dedos frenéticos de tear, das mãos que costuram, emendam, remendam e refinam peças da vida, dos sentidos, das emoções e dos nossos caminhos. Todo o cenário percebido até então, o barulho dos copos de vidro batendo uns nos outros, as xícaras em uma bacia de água se batendo umas nas outras, o zumbido insistente da mosca, as conversas dos visitantes... tudo. Tudo começou a se dissolver.

Eu sentia como se alguém estivesse girando um botão invisível, abaixando o volume do mundo. As cores se embaralharam, as formas se tornaram borrões.

Só restava ela, no centro da cena, imóvel e imensa.

Só ela permanecia nítida, em altíssima definição e opulência.

Os olhos melosos e fundos e que, vez que outra, mostram curiosidade, até então percorriam a sala com uma serenidade vigilante, pararam. O leve movimento dos dedos congelou por uma fração de segundo. Algo mudou por trás daquela máscara de tranquilidade. Não era dor, nem saudade.

Era algo mais profundo, uma conexão instantânea com um fio do passado que fora puxado pelo comentário casual. O que teria vindo à tona naquele terreno tão alheio à percepção que eram as memórias da minha avó? Por qual razão uma palavra tão casual quebrou todo aquele estado de transcendência em que Nenê estava imersa?

Ela estava lá e eu estava lá, tentando vê-la. Mas o seu olhar mais uma vez perdeu o foco no presente. Esvaiu-se das paredes da sala e de todo aquele cenário que a compunha. Parecia ter encontrado o fio de uma meada na palavra força.

A palavra “força” funcionou como um gatilho, a sua respiração foi mudando. De um estado de quase imperceptibilidade, encheu os pulmões daquele ar repleto de odores que se fundiam com o passar das horas e suspirou fundo, um sopro leve que parecia vir de muito longe.

“Fuuuuuuu ...”, disse.

Nesse silêncio de emoções, naquele instante, o ambiente mergulhou num vácuo acústico, como se o tempo tivesse esquecido de respirar. A memória transbordava, as cenas silenciosas e vivas, cenas presentes, perenes e intocáveis que só a ela pertenciam; memória evocada não por palavras, mas, sim, por presença, sensações e sopro. Não foi um salto brusco, mas um deslizar suave, como um fio de seda sendo puxado de um novelo há muito guardado; o fio de algum ser de outro tempo marcava a saída de alguma caverna. O presente dissolveu-se nas bordas da minha percepção, e o passado, vívido e tangível, emergiu daquele olhar perdido, tecendo-se a partir do silêncio.

Nenê olhou para mim e senti neste olhar um calor; era um calor diferente, um calor de vida, juvenil. O sol de final de tarde de inverno goiano batia a pique na terra do quintal, criando ondulações no ar que subia do chão, poeira. O cheiro de flores murchas, café, se misturava ao cheiro dos escapamentos dos carros que iam chegando e das fumaças dos cigarros que se espalhavam por todo o ambiente.

Ao longe, ouvia o som que era de um machado. Um *toc, toc, toc* ritmado, preciso, incansável. E cada golpe era um estampido seco que ecoava nos fundos da casa, um batimento cardíaco de esforço puro. Deixei o olhar de Nenê e saí na porta de cozinha. Vi minha mãe cortando os galhos secos do abacateiro para fazer lenha.

Eu lembrei de uma cena que não vivi, acontecimentos passados e repassados nas longas horas de contar o passado, conversas dentro de casa, ainda na fazenda, quando a noite chegava e a única diversão era prosear e contar a vida,

reunidos na cozinha comendo queijo fresco e comendo rapadura, enquanto a fomalha nos aquecia.

Das cenas criadas a partir do ouvir os mais velhos, estava a do avô jovem, homem forte, vestido de camisa e calça de algodão, depois de um dia de labuta na roça, fazendo coivaras, escavando e plantando a terra. Do outro lado da mesa, estava a minha avó, iluminada pelo fogo, contando sobre os cuidados da casa, dos animais, das crianças; e ouviam-se os acontecidos na lavoura. Vi que era ela que plantava as sementes do algodão nos arredores das roças; depois, esse algodão era colhido e seu destino era o descaroçador, a carda, o fuso, o tear, a máquina. Vi que lá estava ele, jovem. A camisa de mangas arregaçadas, colada às costas pelo suor, delineando os músculos das costas que se tensionavam e relaxavam a cada movimento. Os braços, fortes, que o Seu Armindo lembrara.

Não a força abstrata de uma lenda, mas a força concreta e suada que plantava, abria roças, colhia, lidava com o gado, cortava a lenha que mantinha o fogo do fogão de lenha. Seu rosto, sério e concentrado, gotas de suor escorrendo pelas têmporas, o cabelo escuro grudado na testa, rosto magro. Ele parou por um instante, enxugou a testa com o antebraço e olhou para a varanda.

E na varanda, sentada no degrau de madeira, com um vestido claro e simples, não a mulher de luto, mas a moça de rosto sereno e mãos ocupadas na roca. Nenê puxava os rolinhos de algodão cardados no cesto e os transformava em finos fios que virariam tecidos, cobertas, panos de copa e cozinha, roupas e uma infindável utilidade.

Naquele tempo, os dedos não se ocupavam em tecer o ar e tramar as memórias. Embora o movimento fosse o mesmo. O ritmo, o mesmo. Ela olhava para ele, e não havia tristeza naquele olhar.

Havia uma observação insistente, daquele momento, daquele homem, daquela força que era tanto dele quanto dela, pois a força dele estava na lâmina da enxada, da foice, do enxadão e do machado, no tanger dos bois no arado ou no carro e a dela, na paciência infinita de fiar os fios.

Ele a viu olhar e, por um breve instante, a seriedade do trabalho deu lugar a um sorriso rápido, um clarão de dentes brancos num rosto queimado pela incessante luta entre ele e o sol; ambos só paravam quando a noite intervia; se a lua fosse clara, meu avô vencia. Um sorriso só para ela. Um aceno de cabeça quase

imperceptível. E ela, sem pressa, retribuiu com um leve inclinar de cabeça, os dedos nunca parando, o fio passando, a lançadeira movendo-se num vai-e-vem hipnótico.

Era aquela força que ela via que eu via. Não a força para a morte, mas a força para a vida. A força que construiu a casa, que levantou as paredes, que plantou o campo, que gerou o filho e as filhas. A força que agora, no comentário de um velho amigo, ecoava no salão abafado do velório, não como uma lembrança saudosista, mas como uma verdade palpável, um fio dourado e forte no grande tear da memória dela.

A evocação não foi longa. Durou talvez o tempo de um suspiro, de um curto suspiro. Mas quando o som do mundo presente voltou a preencher meus ouvidos, um som carregado de murmúrios agora mais alto, o choro de uma das tias na cozinha, era Tia Nêga, ela tinha estima incalculável pelos meus avôs, pois foram eles que lhe deram a mão e ajudaram a alimentar os seus doze filhos.

A minha avó piscou lentamente, como quem volta de uma longa viagem. Seus dedos, que haviam parado completamente, retomaram seu leve movimento, tecendo novamente o presente, mas carregados ainda do peso da memória. Não havia palavras expressas ou qualquer outro ruído de sua boca. Mas seu silêncio, sua memória, tinham se expressado pelos seus gestos. E eu, a neta que observava, tinha registrado aquele momento: a verdade não estava nas palavras barulhentas da dor, mas nos silêncios eloquentes daquela que tudo observava e tudo guardava, tecendo uma tapeçaria invisível e eterna. A vida.

O mundo da minha avó menina era pequeno, escuro e cheirava a fuligem de lamparina a querosene. Aquele cheiro impregnava tudo: trapos que serviam de coberta, roupas que ficavam penduradas em um varal de madeira roliça por cima da cama rústica de madeira e o colchão feito de tecido de algodão e recheado com palhas de milho, o esconderijo preferido dos percevejos, cor amarelo final de tarde. O cheiro penetrava os dias e noites da casa construída de pedras e adobes, a cobertura feita com madeiras roliças e telhas comuns, com portas e janelas feitas com retalhos de tábuas.

Ali o frio era o primeiro sentimento da manhã, o frio que ressecava os lábios até sangrar e desenhava mapas e labirintos nas pernas e braços. Não o frio cortante do inverno lá fora, mas um frio úmido e persistente que subia do chão de terra batida e se enrolava nos seus pés descalços assim que ela saltava da cama, procurando, ainda semiadormecida, o calor do colo que já não existia.

A mãe fora um clarão breve em sua vida. As lembranças do colo dela se resumiam a fragmentos contados pelos irmãos e irmãs mais velhos. Uma lembrança difusa de uma febre alta, de tosse rouca, palidez e barriga inchada eram as últimas recordações maternas. O que seguiu depois foi assistir à partida do caixão da mãe, feito de madeira ali da casa mesmo, levado sobre o carro de boi assoviando estrada afora.

Depois desse assovio, reinou na casa o silêncio.

Um silêncio diferente de todos os outros, um silêncio de amor, um silêncio que tinha peso, o do desejo por momentos que não foram ainda vividos, um buraco de mãe, que ocupava o espaço onde outrora havia respiração, um cantarolar baixo, uma presença que não fora vivida. Aos sete anos, a menina aprendera que o mundo podia ficar vazio de repente, não só vazio, mas também mais frio e amedrontador. A orfandade não era um estado civil, era uma sensação física, um frio constante na espinha, uma fome que não era só de comida, um pedido de um abraço que não poderia ser correspondido.

Quem preencheu parte daquele vazio foi Benedita, a Dinha, a irmã mais velha. Com 12 anos, Dinha deixou de ser criança para se tornar um poste rígido e sério; os ombros estreitos eram forçados a suportar um peso que não era seu. Não havia mais tempo para brincadeiras ou histórias à beira do fogão, a boneca de pano com cabeça de louça e as tralhas das brincadeiras de cozinha deram lugar a realidade. Dinha se tornara mãe sem parir. Dinha também não pariria, nem se casaria. Era mãe criança, mãe seca, mas a mãe que seus irmãos e irmãs conheceram.

O rosto de Dinha, comprido e cheio de sardas de infância, ganhara linhas tensas de preocupação adulta, rugas de mãe lhe marcaram a testa. Ela era a que dava banho, fazia a comida, cuidava das crianças e criações, cuidava da casa, a que cardava, fiava, tecia, costurava e remendava as roupas de todos da casa, a que impunha ordem no caos da pobreza com mãos firmes e um olhar cansado; temida e amada, Dinha foi mãe, foi tia, foi avó sem nunca se casar. Dinha foi mãe posta, como se dizia.

E foi Dinha quem levou Nenê pela primeira vez para o canto do tear. Não como uma iniciação à arte, mas como uma condenação à sobrevivência.

- Anda - disse a irmã, a voz rouca da falta de uso doce. Já não podes ficar só a brincar e correr por aí. Estás crescendo; precisas começar teu enxoval. Noiva sem enxoval não é bem-vista, é tida por preguiçosa.

O tear era uma estrutura rude de madeira áspera, que ocupava o canto mais sombrio da casa. Parecia um animal adormecido, cheio de dentes (os fios da urdidura) e de segredos. Ao seu lado, repousava o fuso, um simples pedaço de madeira torneada que, para as mãos da menina, parecia um tronco pesado e desajeitado.

- Assim - ordenou Dinha, colocando o fuso na mão direita da irmã mais nova e um punhado de algodão mal cardado na esquerda. Tens de puxar e torcer ao mesmo tempo. Sempre no mesmo sentido. Se parares, o fio parte. A grossura da linha vai depender da sua agilidade em puxar e acalmar a fibrado algodão.

- Lembre-se: linhas mais grossas, tecidos mais grossos, usados para fazer tapetes, cobertas, bacheiro de cavalos, calças para roça e de outra maneira. Enxoval faz com linhas mais finas, que é bom para fazer camisas, saias, vestidos, cueiros de crianças, para fazer crochês e tudo que for mais delicado.

Os dedinhos branquinhos e rechonchudos de Nenê, que ainda demarcava seu lugar de criança, não entendiam a linguagem da resistência e da tensão. O algodão escapava, o fuso caía, o fio quebrava vezes sem conta. A frustração quente brotava nos seus olhos, mas Dinha, ora acalmava a menina, ora esbravejava; nessa lida e luta com o fuso e com a roda, Nenê foi vendo seus dias serem ocupados pelo ofício da tecelagem. Assim como as moiras, Nenê tecia, media e cortava o fio da memória e da vida.

Era um ir e vir que parecia não ter fim; o processo se repetia dia após dia. O peso do fuso na sua mão era o peso da sua nova vida, uma vida mais pesada, não era como o peso das pedras. Era o peso da obrigação, da perda, da expectativa silenciosa que acompanhava seus dias e noites. Cada vez que o deixava cair no chão de terra, ecoava como uma pequena derrota. Mas a menina teimosa, alimentada por um resquício de orgulho que a pobreza ainda não conseguira erradicar, pegava nele novamente. Aprendeu a ler a textura do algodão com as pontas dos dedos, apalpando, alisando os fios; sentia o ponto exato de tensão antes de o fio se partir, a criar um ritmo próprio, lento, mas constante. O fio que produzia era irregular; uns fios grossos, outros finos. Um testemunho tátil da sua luta. Embora

os fios ainda fossem irregulares, inconstantes para ela era o produto da sua lida e da sua luta.

E naquele ato de criação, cardar, fiar e tecer, por mais rudimentar que fosse, havia um vislumbre minúsculo de poder, a criação, o transformar que ela precisava de agora em diante apenas aprender a dosar.

Anos depois, o tear rudimentar foi substituído por um maior, feito pelo seu irmão Gabriel e seu cunhado Benedito, artesão de madeira e bambu, que produziam rodas, fusos, descaroçadores, teares, balaios, cestos, gamelas, colheres, pilões, carros de boi e a encomenda que demandasse o talhe preciso dos dois.

O som do tear tornou-se a banda sonora da sua infância, adolescência e vida adulta. Um som monótono e hipnótico: o *clunk* seco do batente sendo empurrado, o sussurro da lançadeira passando de um lado para o outro como um peixe prateado a deslizar na água, o rangido ritmado dos pedais sob os seus pés descalços, que agora alcançavam o chão com firmeza. Vez por outra esses rangidos eram quebrados quando se untava o tear com sebo de gado, mas o uso era tão constante que mal se passava o sebo e ele era derretido e gasto com as batidas dos pedais e dos pentes. A lançadeira, apelidada por Nenê de “canoinha”, parecia ser encerada tamanha capacidade de deslizar sobre as tramas de linha enquanto ela tecia.

Era um som que enchia a casa, que afastava os fantasmas do silêncio. Ela tecia para não ouvir o eco da tosse da mãe, o choro dos irmãos mais velhos e o lamento do pai que nunca mais se casou. Tecia o seu enxoval, tecia para vender no povoado e ter dinheiro e sua independência, tecia para esticar os dias e evitar a noite fria e sem a presença da mãe aos pés do fogão à lenha barreado com a terra branca do córrego Engenho Velho. Sua vida foi sendo preenchida pelos finos fios que havia apreendido a fiar e que lhe trariam fama de uma tecedeira caprichosa. Já não tecia apenas tecidos, mas tecia a sua dignidade, seu lugar no mundo.

As suas mãos, outrora desajeitadas, branquinhas e rechonchudas, tornaram-se extensões perfeitas da carda, da roda e do tear. Moviam-se com uma eficiência inconsciente; os dedos dançando entre os fios percebiam, instantaneamente, qualquer irregularidade, qualquer quebra; sabia como fazer a emenda perfeita na quebra. O movimento das mãos se tornou inconsciente, aquelas mãos pareciam ter criado vida própria enquanto o tear tornou-se o seu refúgio e a sua prisão.

Era o lugar onde a sua carência se transformava em resiliência, onde a dor da perda era tecida em padrões de perseverança e insistência consigo mesma. Nenê

tecia belos e finos tecidos enquanto fiava a própria vida. O tear era o seu mundo. E o mundo era aquele som, aquele movimento, aquele cheiro de madeira encerada e fio de algodão cru, tingido com tinta ou ervas e ferrugem, aquele era seu mundo entramado.

CRASH!

Seus olhos marejaram de saudades, o som da xícara que se estatelou no chão da cozinha, aquele som violento e agudo, foi um golpe de faca no tecido denso do passado que, no momento, ela tentava tecer em seus pensamentos.

Não era possível saber ao certo se foi uma xícara, um copo ou um prato que escapara das mãos de alguém na cozinha e desfizera-se em cacos no chão de cimento queimado. O silêncio barulhento do velório foi quebrado pelo silêncio da escuta e percepção para que pudessem compreender aquele baque, depois de aferido ser apenas um fato corriqueiro da cozinha, o rito fúnebre seguiu.

Eu, que estava tão profundamente mergulhada na memória da minha avó, que quase sentira o frio da terra sob os pés e o peso do fuso na mão, estremeci. A sala do velório voltou a focar-se com uma nitidez crua. A luz oscilante das velas que dançavam sobre o vento que corria da sala para a cozinha, o cheiro pesado das flores, das colônias das pessoas, do cigarro e das bebidas que se espalhavam pelos cômodos da casa.

E a minha avó se reconheceu de novo a seu canto, seus pensamentos, suas memórias e lamentos.

Ficou em mim a sensação de que o som do vidro quebrado golpeou o fio da sua memória tão bruscamente quanto uma lançadeira que corre nas tramas de tecido. Ela piscara os olhos, lentamente, como quem acorda de um sonho muito profundo e precisa se reorientar, como alguém saindo do seu estado de êxtase. Os seus dedos, que durante a recordação súbita haviam permanecido absolutamente imóveis, como se estivessem a segurar o fuso imaginário, retomaram o seu leve e contínuo movimento no colo. Tecendo o ar, tecendo o passado, tecendo o presente.

Ela ergueu ligeiramente a cabeça, e o seu olhar melancólico, agora totalmente no presente, encontrou o meu por uma fração de segundo. Não havia surpresa, nem confusão. Apenas um reconhecimento silencioso, como se soubesse exatamente onde a neta tinha estado, o que tinha visto; éramos duas viajantes da memória, cúmplices de nossas memórias. Um quase imperceptível aceno de cabeça, um passar de testemunho, como quem entende, sem palavras, que certos

caminhos não precisam ser explicados. E assim, sem alarde, a memória dividiu seu curso.

O ar no velório tinha adquirido uma consistência própria, espessa e melancólica; velas, cafés, choros, perfumes e os murmúrios já não eram apenas de pesar, mas também de cansaço, à medida que a noite se arrastava, o frio entremeava os ossos. Eu continuava no meu posto, observando, meu refúgio no sofá antigo e muito disputado durante o período das programações televisivas, deixando que os detalhes do ambiente preenchessem o silêncio interior que a história da avó havia criado.

Meus olhos percorreram a sala, e olhei a grande TV de tubo, agora coberta por uma colcha de chenile. Pensei que seria um ato de extremo despeito qualquer objeto que trouxesse um ar de alegria naquela casa pelos próximos dias, sete pelo menos. Nenê não deixaria ninguém ouvir música, nem assovios ou qualquer manifestação dessa natureza, a voz de todos ficaria baixa e respeitosa.

Olhei as paredes e vi as fotografias, as imagens da Sagrada Família e de Nossa Senhora da Guia, os quadros pintados à mão de minha mãe e minha tia em uma tela e de meus avós em outra. Esses objetos não estavam cobertos, pelo contrário, eram peças de um museu silencioso, que se juntavam as memórias e aos devaneios de Nenê. Eram retratos que remetiam ao passado e que agora ornavam o presente.

O verde desbotado das paredes, outrora um verde alegre com chapiscos de tinta colorida, como era a moda da época, contrastava com o chão cinzento da poeira dos pés dos transeuntes de um dia e uma noite de lamentos. Eram pinturas antigas, um passado meio que presente, com molduras de madeira decoradas com papel dourado e representações realísticas e meticulosamente colorizadas à mão, um ofício quase extinto que emprestava às imagens uma qualidade onírica e frágil, de uma composição de cores e dores familiares tão antigas quanto as imagens, mas silenciadas pelo bem da família.

As tintas de óleo suaves, aplicadas sobre o papel, davam rubor às faces das minhas ancestrais, bochechas coloridas e rostos maquiados que em nada retratavam o rosto queimado pelo dia a dia nas roças, nas produções de farinha, rapadura, fumo ou na secagem do café. Nossa Senhora da Guia, rodeada de anjinhos e com seu azul celeste flutuando entre as nuvens, quebrava aquele ar pesado de dor e aproximava o rito fúnebre do ideal de salvação e proximidade com

o transcendente. Aquelas imagens-museus preservavam instantes de um passado distante e presente.

Meu olhar deteve-se num deles, pendurado um pouco mais alto que os outros, como que exigindo reverência; era a Sagrada Família, logo abaixo, representando a Sagrada Família terrena, estavam meu avô e minha avó, retratados de meio corpo, bem-vestidos. Meu avô, de terno e gravata, o que acredito que acontecera apenas naquele dia, era uma representação idealizada do homem de bem, e minha avó, com colar e brincos de ouro formato de arroz e vestido de seda vermelho, o que já era mais próximo do traje de festa dela.

O casal representado de forma imponente e solene distorcia daquele casal que lutara tanto para se estabelecer na vida e conquistar o respeito dos próprios parentes. O colarinho branco da camisa contrastava violentamente com a pele negra; e bem reforçada nas tonalidades da pintura. Seu rosto magro era sério, quase severo; barba feita e bigode bem aparado, e olhos fixos em quem os capturava naquela pintura com uma intensidade que transcendia o tempo, desafiando quem quer que olhasse e não duvidasse daquela imagem vida. Era uma expressão que não era de raiva, mas de determinação pura, uma firmeza que os acompanhou por toda a vida.

Solenidade que contrastava com a cena que se dispunha na minha frente, meu avô, já em sua rigidez morte no caixão de pinho, vestido de camisa branca, com as mãos cruzadas no peito e segurando um terço. Na sua mão esquerda ficou a marca da aliança de casamento que ostentou por toda sua vida. Do lado minha avó, corpo presente e alma viajante, chorava silenciosamente enquanto tecia o ar com as mãos, e na mão esquerda usava as duas alianças, pois a tradição diz que o viúvo ou viúva é responsável por carregar o peso das duas vidas até o final de sua vida, ou quando contrair novo matrimônio.

As imagens entre pintura e realidade abriram uma fenda no meu olhar. Enquanto decifrava cada detalhe daquela imagem, senti uma presença ao meu lado. Era Dona Juliana, uma vizinha antiga, amizade enraizada, quem ajudava como diarista na lavagem da roupa dos irmãos acamados de meu avô, os tios Joaquim e Evaristo. Seu rosto era um mapa de vincos profundos e Leite de Rosas, vestida em seu vestido azul de ir aos cultos. Dona Juliana mancava da perna direita em razão de problemas no joelho, mas era o esteio de sua família; o marido, acamado, o pouco que recebia de aposentadoria não dava para sustentar uma família tão

numerosa. Era preciso complementar a renda prestando serviços de faxina e lavadeira para a vizinhança.

Dona Juliana também ficou em silêncio por um momento, talvez ela própria a viajar no tempo das fotografias, ou no tempo dos outros e no seu tempo, aquele tempo que construíram na convivência e na relação de trabalho, que acabaram por considerar amizade. Depois, inclinou-se para mim e, com a voz, entoou uma confissão carregada de uma intimidade de décadas.

- Dona Nenê me contou muito sobre a vida dos dois, minha filha - disse ela, a voz baixa, mas nítida, cortando o murmúrio ambiente. Me contou de quando foi se casar com seu avô e do descontentamento que foi naquele tempo, do quanto sofreram com o descaso da família, que considerava aquele casamento uma afronta, um escândalo.

Onde já se viu moça branca casando-se com rapaz preto? Embora fosse de família pobre, era branca, e aquele, bonito, forte, mas... negro. A família ardeu em insatisfação, mas, palavra de homem não se quebra; o pai dela já tinha dado a palavra dele de que aceitava o casamento. Os irmãos dela olhavam torto, descontentes com a cor do cunhado, quase não faziam menção ao casamento. O povo é muito preconceituoso, mas, com o tempo, os dois venceram; mas foi um custo, minha filha. Não queira saber.

Pausou, suspirou profundamente. Um suspiro saiu do seu peito fundo como um *iceberg* que se desprende da geleira, e o seu olhar suavizou-se, fixando-se no retrato com uma ponta de admiração e respeito. O respeito construído na relação de trabalho-amizade e das confissões das tardes em que passava ali no quintal da casa lavando roupas e conversando com Nenê. E continuou a falar.

- Mas veja bem, na vida a gente precisa ter paciência e sabedoria. Dona Nenê teve essas e tantas outras qualidades, e olha no que deu; foram mais de 50 anos de casado, se não fosse a morte ter atravessado o caminho dos dois iriam viver muito mais tempos juntos. Então, minha filha, a vida é assim, cheia de pedras no caminho e calos nos pés dos apertos que a vida nos dá; mas a palavra é sabedoria e paciência e com o relógio da vida tudo se encaixa no seu devido lugar.

Como eu tinha ficado em silêncio, sem reação, ela afastou-se, arrastando a perna que já doía pelo tempo em que estava ali de pé se lamentando. Com seu caminhar, Dona Juliana não arrastava somente o peso físico, mas o peso do tempo;

não só o tempo cronológico, mas o tempo emocional, o tempo das perdas e das lembranças. Deixou-me sozinha com o eco de suas palavras.

Continuei ali, imóvel, como quem tenta decifrar um enigma antigo. As palavras de Dona Juliana não eram apenas conselhos, denotavam metaforicamente cicatrizes abertas, bordadas com paciência, resistência e resiliência de mulheres que enfrentavam as violências com silêncios que denominava por paciência. Olhei para o retrato de minha avó Nenê e meu avô, e pela primeira vez vi além da moldura: vi os silêncios, os risos abafados, os dias de sol e os de tempestade. E me perguntei se eu teria, um dia, a mesma coragem de viver cinquenta anos com alguém, ou se o tempo me levaria antes que eu aprendesse a esperar.

Eram palavras soltas no ar, algumas me soavam cortantes; fui tomada por uma indignação que me feria silenciosamente; arestas cortantes atravessavam meus sentimentos. Palavras proferidas por Dona Juliana que funcionaram como uma chave, girando numa fechadura invisível no tempo. E, então, como quem desperta de um sonho antigo, senti uma lágrima escorrer, não de tristeza, mas de reconhecimento.

Em Dona Juliana e minha avó Nenê, e em tantas outras mulheres da minha linhagem, havia uma força que não se gritava, mas se fiava; urdia, tecia e costurava em silêncio, um silêncio renomeado de paciência, de espera, um silêncio que soava como o estampido de uma bala de rifle. Uma força que resistia ao tempo, às ausências, às dores que não ditas, não choradas, não nomeadas.

O som ambiente do velório, os sussurros, os passos, o tilintar de louça começaram a desvanecer-se; foram-se esmaecendo até se tornar um zumbido longínquo e irrelevante. Sentia como se estivesse me afastando lentamente daquele plano, adentrando um outro labirinto das memórias familiares. A cor drenou da sala, as pessoas tornaram-se dorsos oscilantes. O único ponto de foco, de cor vibrante e detalhe nítido, era o retrato oval na parede, do casal de avós.

Aos poucos retornei ao presente, como quem retorna de um mergulho profundo. O retrato ainda me encarava e, pela primeira vez, senti que ele me convocava. Não para repetir a história, mas para compreendê-la. Para dar nome às dores não ditas. Para costurar, com minha própria linha, um novo tecido de memória. Mas algo em mim havia mudado. O retrato na parede já não era apenas uma lembrança: era um chamado. Um convite para escutar os silêncios, para decifrar os enigmas, para aprender a esperar.

Nesse instante, a palavra “escândalo” transformou-se num vento forte que soprou através da moldura, não para destruir a imagem, mas para lhe dar vida. As pinceladas de tinta a óleo começaram a agitar-se, a fluir, a recombinar-se. O céu azul começou a cintilar com a luz de um sol real. Os rostos sérios no retrato moveram-se ligeiramente, havia naquelas imagens um vestígio de sorriso, sorriso de quem resistiu aos que julgavam, condenavam ou mesmo proferiam palavras de violência sobre eles e sobre nós, os filhos e os netos.

A moldura oval já não era uma fronteira; era uma porta do tempo que se abria; a narrativa, a minha consciência, a memória que ali estava guardada foram sugadas para dentro dela, transportadas pela força das palavras ditas por Dona Juliana. O presente dissolveu-se e o passado, vivo, intenso e carregado de uma tensão elétrica, envolveu-me por completo. Eu conseguia enxergar através daquele quadro, via a parentela e seus preconceitos por detrás das pinturas e expresso na vivência em família, vi a vida de meus avôs e a de meus pais, a minha sob aquele peso.

Eu parecia não estar mais na sala de velório. Mas estava no mesmo lugar, décadas antes. Sentia o peso da convivência para o casal, mas, ao mesmo tempo, sentia o cheiro da fumaça saindo do fogão à lenha, do leite e do café fervendo e das palhas de coqueiro que cobriam aquela casinha, um pedaço de sonho construído às margens do córrego das Areias. Sentia a brisa fresca do dia amanhecendo, ouvia o cantar dos pássaros e o barulho da água caindo da bica. E à minha frente, o casal do retrato não era mais uma imagem estática, era uma imagem-vida, imagem-sonho, imagem-resistência.

Eram pessoas de carne e osso, paradas não por uma pose, mas por uma hesitação carregada de significado, diante da mão de um pintor ambulante de romarias. Também via a reprovação daquele pintor, que observava o casal, balançava a cabeça em sentido de reprovação, mas não dizia nada. A tensão entre eles não era de desconforto um com o outro, mas com o mundo que os observava, um mundo que resmungava seu preconceito velado ou escancarado através da palavra “escândalo”.

A brisa que senti na sala e que me levou para aquele no rancho de palha, às margens do Córrego das Areias, tinha uma atmosfera fresca e não mais o ar pesado do velório; já não cheirava a flores murchas, mas a poeira de estrada seca, esterco de cavalo e doces cheiros de mangas, cajus e goiabas do quintal. À noite, antes

gelada e desolada como um véu de luto que não se desfazia, cedeu espaço a um amanhecer radiante.

Revoadas de pássaros riscavam o céu azul como da pintura do quadro de Nossa Senhora da Guia, as galinhas cacarejando e saindo dos galinheiros a procura de comida, os porcos grunhindo impacientes a espera do trato. Os cavalos corriam soltos diante da casa, e o ar se enchia de vida, vida que renascia com o novo dia, como se a memória tivesse o poder de ressuscitar o mundo, e eu havia ressuscitado aquele mundo onírico idealizado através da narrativa que ouvia de minha avó, minha mãe e agora de Dona Juliana.

Ali, longe do mundo e distante dos preconceitos, na vila mais próxima havia poucas casas; a maioria delas de adobe ou pau a pique, alinhada ao longo de uma rua única e poeirenta. O ar de vilarejo cheio de olhares taxativos, línguas afiadas como navalhas e pessoas sempre à espreita em busca de começos de conversas, que rendiam grandes fofocas.

Senhoras sentadas na porta da rua fazendo seus bordados, crochês ou mesmo fiando, outras apenas conversando e enrolando seu cigarro de palha, todas sempre com notícias fresquinhas para serem divulgadas. Visualizava meus avós apontando na estrada de poeira de carro de boi ou carroça e aquelas senhoras todas atentas ao verem o casal cruzar a cidade e comentarem sobre a vida dos dois e como aquele casamento foi contra a vontade de muita gente da sua família.

A família dela vivia na Fazenda Engenho velho. Os irmãos e irmãs, agora todos casados, ficando apenas Dinha, Iria e o pai Gabriel na casa sede. A mãe morta há muitos anos, o pai, mesmo tomado pelo silêncio da dor, continuava trabalhando junto aos filhos. Era considerado o esteio dos filhos e filhas.

Inácia, a irmã anterior ao caçula Tito, casou-se com um próspero comerciante de Ceres, o que tinha de próspero tinha de safadeza. Era visto, constantemente, passeando pelos bordéis das cidades vizinhas, mesmo sabendo que quando chegasse em casa ia ter que acertar as contas com Inácia, que descontava o ódio fazendo gastar o dinheiro do armazém com luxos para casa e para ela e o filho, o que em pouco tempo o levou à falência, não pela ganância de Inácia, mas por negligenciar o próprio negócio.

Tito, Gabriel, João e Josefa eram todos casados, mas Iria, que desde pequena parecia viver em outro mundo, não havia se casado; era “ruim dos juízos”. A casa enchia de alegria no domingo com a chegada dos filhos e filhas, agora não

era só Nenê a desposar uma pessoa de cor, sua irmã Josefa havia se casado com Benedito, o “o Carreiro” e Gabriel havia se casado também com Maria, uma mulher negra e de cabelos lisos, que chamavam de Maria Tapuia.

A família havia se pintado em cores, mas o preconceito continuava a existir. Mesmo nos almoços de domingo, o momento que seria para comemoração e alegria, um dos irmãos que havia se casado com uma mulher branca da capital resolvia ser o entretenimento do dia, soltando todo o seu repertório de piadas.

Não perdia a oportunidade de ofender os cunhados e a cunhadas, sequer o tempo moldou o seu caráter, já na velhice repetia as mesmas piadas com as sobrinhas, sobrinhos e quem cruzasse o seu caminho e fosse a vítima da vez. Nasceu, cresceu e morreu destilando seu ódio de raça através do que chamava de piadas.

A minha avó, por sua vez, quando ia aos domingos almoçar na casa dos sogros, era tratada com diversas cortesias; era como se a nobreza os visitasse. Já idosos, morando às margens do Córrego do Quilombo, o casal de idosos vivia às turras e muitas brigas em razão do álcool e das traições do meu bisavô, mas todas essas contendas se desfaziam com a chegada dos meus avós, afinal não era qualquer visita, era Dona Nenê, filha do compadre Gabriel Gomes.

Era momento de alegria e de respeito. Ao findar do dia, Benedita Amânsia, Silvério e Joaquim ficavam na porteira do sítio observando meus avós desaparecerem, na estrada de terra batida, por fim. Quando avistavam apenas suas silhuetas sombreadas pelo sol do fim do dia, reiniciavam suas contendas que se estendiam noite afora.

Mas eles construíram-se à margem de toda a desaprovação. Era a coragem de andar, de atravessar a rua principal do vilarejo de cabeça erguida, de ir às festas de mãos dadas, de enfrentar as piadas de família em todos os encontros, suportando o peso dos olhares. A coragem de construir a sua própria casa, com as suas próprias mãos, num terreno afastado dos parentes de ambos, com madeira que ele serrou e aplainou até altas horas da noite, com seu machado, serrote, seu gurpião e sua força. A coragem de criar um mundo novo onde o único padrão que importava era o do seu próprio afeto.

O casamento foi tão simples que quase não foi um evento. Realizado num dia de terça-feira, no cartório de Jaraguá. Depois, seguiram para casa de Gabriel Gomes, que serviu um almoço e a cachaça de engenho para os presentes. Ela

calçava um sapato preto com tamancos e vestia um vestido branco, feito com tecido de algodão que ela própria tinha fiado, tecido e costurado em sua máquina pedal.

Ele usava camisa de tecido fino e calça de algodão, uma botina nova e um canivete com bainha de couro na cintura. Após o almoço, o casal seguiu para sua nova vida, montados no cavalo baio, e os que ficaram foram cuidar dos roçados, as mulheres ficaram a cuidar da casa e fabricação de farinha e polvilho, o dia transcorreu normalmente, pois era um dia de lida, e não de festejo.

Naquele ano, o tempo em que as águas foram abundantes, as roças que já estavam plantadas agradeciam o tempo com a beleza do verde que se espalhava pelas plantações. Chuva e sol pareciam ter sido dosados para que o plantio e colheitas fossem bem-sucedidos. Enquanto lá fora a chuva caía em abundância, os dois se aqueciam ao pé da fornalha de barro e tomando café; nem os bichos se arriscavam de seus abrigos. Enquanto isso, a enchente nas vazantes trazia a fartura de peixes que eram fáceis de serem pescados nas redes.

E os dois aproveitaram todas as oportunidades daquele momento; os pés de algodão cresciam e florescia no quintal da casa. As abóboras, quiabos e jilós brotavam por todos os lados. Aquele foi um começo banhado de chuvas e promessas que os dois souberam aproveitar. O sabor do daquele primeiro café coado juntos era uma memória que ela guardaria para sempre. Amargo, forte, feito por suas mãos em uma rabinha esmaltada na cor roxa e com decorações florais enfumadas pelo fogão a lenha.

Um toque no meu ombro, firme e real, trespassou a barreira do tempo como uma agulha. A cena desvaneceu-se, o cheiro do café, dos peixes, do leite fresco e da chuva molhando a terra dissolveu-se no ar.

- Toma, menina. Um café. É para espantar o sono.

Era uma das minhas tias avós, tia Nêga, segurando uma xícara esmaltada fumegante. O seu rosto estava marcado pelo cansaço e pela preocupação.

Eu pestanejei, desorientada. A madrugada se estendia impiedosa, mas a luz suave e artificial do velório permanecia implacável. O som não era o da água da chuva caindo e nem das galinhas cacarejando, mas um murmúrio contido da sala cheia de gente de luto; o cheiro de começo de vida havia dado lugar ao cheiro de lírios, de café fresco e de luto.

Voltei a olhar para a parede. O retrato oval ainda estava lá, mas agora era apenas isso: uma imagem antiga e colorida à mão. Os rostos eram sérios outra vez,

presos no tempo; o vestígio de sorriso, um truque de luz e tinta. Aceitei a xícara de café com as mãos pelo frio cortante da madrugada.

O calor do café era real, reconfortante. O sabor, quando lhe dei um gole, era familiar, moderno, nada como o amargo e forte daquele primeiro café partilhado há décadas e colhido do quintal da casa do sogro Gabriel, pilado, torrado e moído pelas mãos de minha avó. A minha avó, no seu canto, fitou-me. Desta vez, o seu quase sorriso não era uma memória pintada. Era real, e era para mim.

A noite havia cedido lugar à madrugada, trazendo consigo uma mudança sutil no ar. O calor abafado e poeirento do dia, que havia se estendido pela noite, carregado do lamento contido dos visitantes, cedeu lugar a uma frescura repentina, uma pausa dos transeuntes. Muitas pessoas haviam ido para suas casas dormirem e ficaram poucos amigos e alguns parentes.

Um silêncio diferente pairava sobre a casa, um intervalo de respeito entre as últimas palavras de consolo e o cansaço profundo que se seguiria. Foi então que ouvimos o primeiro som: um estalido suave, toques que anunciavam uma chegada na calha de zinco da cozinha.

Era a chuva. Chuva surpresa. Chuva em julho? De onde veio essa chuva?

Começou tímida, pingando das beiradas do telhado, marcando um ritmo lento e irregular. Depois, ganhou coragem, transformando-se num manto contínuo de água que cantava uma canção ancestral. As gotas escorriam pelo telhado e encharcavam o quintal cheio de fruteiras, distorcendo a luz dos postes da rua, e arrastavam os lixos das calçadas; aquele temporal lavava a terra, mas lavaria as almas? Era prenúncio de salvação.

A casa foi tomada pelo cheiro de terra molhada, um cheiro fresco, suave, contrastando com o frio da madrugada que nos gelava os pés e as mãos e atravessava nossos ossos. Um cheiro arquetípico, primordial, que falava diretamente à alma antes mesmo de chegar ao cérebro. Cheiro de humidade que acorda as minhocas, de vida subterrânea agitando-se, que acorda as sementes para germinarem. Era o cheiro do campo depois da seca, da promessa de renovação, do ciclo eterno de vida e morte que a cidade jamais conseguira reproduzir.

As conversas na sala pareciam ter cessado definitivamente, como se o próprio som da chuva impusesse um novo nível de recolhimento. As pessoas olhavam para as janelas, abertas, agradecidas por aquele instante ressignificado, pela promessa de vida que vinha com a chuva. Mas foi a minha avó quem reagiu de

forma mais intensa. No seu canto, imóvel há horas, ela pareceu despertar de um transe.

A sua coluna, até então perfeita numa postura de resignação, arqueou-se ligeiramente, como se um peso tivesse sido retirado ou colocado sobre os seus ombros. Os seus olhos, que observavam o vazio com uma clareza perturbadora, fecharam-se.

E então, ela inspirou.

Não foi um suspiro comum. Foi uma inspiração mais forte, que transbordou através do cheiro de terra molhada que inundou o ambiente, um fresco naquele ar pesado que percorreu o dia e a noite. Os seus ombros levantaram-se, o peito expandiu-se sob o tecido do vestido amarelo triste. Como ato de revitalização de suas forças.

O cheiro da chuva e da terra molhada era a essência de vida; era o cheiro da sua própria história, que atravessava as suas narinas, um cheiro carregado de memórias. Lembranças do começo de vida se misturavam com a aura nostálgica trazida por aquele evento natural.

Os seus dedos, que teciam o ar sem parar, aquietaram-se momentaneamente, repousando sobre o colo. Naquele instante, o tear imaginário parou, a lançadeira (cainha), parou de deslizar pelo tecido mnemônico e deu lugar a concentração e percepção da sua realidade existencial.

Toda a sua atenção, toda a sua existência, estava voltada para dentro, para a paisagem que aquele cheiro desencadeava. Aquele não era um cheiro entre muitos, era a trilha sonora olfativa da sua vida adulta, a sinfonia constante dos seus dias de luta e triunfo na terra que conquistaram à custa de muito trabalho e economia.

A chuva continuou forte, ventos, trovões e uma imensidão de enxurrada parecia querer levar tudo. Para as pessoas que ali estavam, era apenas barulho da chuva. Para ela, e agora para mim, que a observava fixamente, era o *click* de um projetor que se ligava. O cheiro de terra molhada tornou-se o combustível, a faísca para que pudéssemos viajar no tempo, passear pelas memórias, reconstituindo os fragmentos de vida.

Dessa vez, a transição não foi um mergulho brusco, mas uma dissolução. A sala do velório, com as suas sombras tristes e o seu ar pesado, começou a ir se distanciando como o navio se distancia do farol; as imagens foram perdendo suas formas e cores. As pessoas tornaram-se fantasmas translúcidos, depois manchas de

luz, depois nada. O único ponto real era o rosto da minha avó, os seus olhos fechados, as suas narinas ainda ligeiramente dilatadas pela inspiração forte. As mãos foram se levantando do colo e reiniciando a sua incansável tecelagem de vida e morte.

E então, estávamos nós duas em um novo mundo que se solidificou à nossa volta, eu fui arrastada com ela. O rugido da chuva não vinha mais de uma calha de zinco, deu lugar a um céu vasto e azulado com nuvens branquinhas feito o algodão em que Deus brincava de fazer desenhos com elas, uma imagem que se estendia sobre um mundo de verde infinito.

Estávamos na beira do Córrego das Areias, diante da “sua” terra, de suas plantações, seus animais, suas rodas e seu tear; no quintal, os algodoeiros haviam florescido, dado sementes cobertas pelas fibras branquinhas que agora enfeitavam a paisagem da casa rancho. Não a propriedade próspera, a fazenda maior e estabelecida que eu conhecera na minha infância, mas a terra no auge da sua fertilidade, no apogeu do seu suor, era o seu começo de vida.

A chuva caía em cortinas prateadas, lavando as folhas largas do café, encharcando a terra vermelha dos caminhos, fazendo os riachos transbordarem com um som de água furiosa. O cheiro era o mesmo - a terra molhada - mas aqui era mais intenso, misturado com o cheiro do verde das lavouras e plantas, com o cheiro do esterco dos currais, com o aroma do café fresco colhido antes do temporal.

E ela estava no meio disso tudo, dominava a cena com maestria. Não a viúva vestida de amarelo triste, mas a mulher no vigor dos seus 25. Vestia um vestido de algodão simples, remendado num joelho, encharcado, molhado da água da bica, onde lavava as roupas da casa e se refrescava. Um lenço colorido cobria o cabelo; os cabelos, ainda no vigor de sua juventude, espalhavam o brilho do amarelo dos fios que contrastavam com o amarelo do sol, seu olhar admirava toda a vida que via ao seu redor. Os olhos cintilantes que admiravam toda aquela beleza, presença que estava a seu alcance, contrastavam com os olhos fechados do velório. Os olhos abertos e cheios de vitalidade eram os mesmos que percebiam a água que escorria pelo seu rosto, lavando o suor e a terra das horas de trabalho.

Ao seu redor, a vida se movia. Os homens trabalhavam nas roças; gado pastavam ao redor da casa; galinhas, patos, perus e galinhas-d'angola ciscavam o quintal. No seu ventre, crescia o primeiro fruto da união dos dois. E meu avô, não mais o homem sério da fotografia, mas um jovem na plenitude da sua força, lidava

junto com os companheiros na roça, aparecia em casa só nas horas de se alimentar e dormir. Aquele era o seu começo de vida.

Ela admirava com os olhos da memória, e o seu olhar percorreu a terra que era deles; a casa rancho, os animais, as roças, os amigos, os vizinhos. Sua expressão não demonstrava cansaço, mas uma satisfação radiante cheia de esperança e de sonhos. E tudo no seu tempo abençoava a vida do casal, era a chuva no tempo certo, a estiada para as colheitas, o fecho de um ciclo de trabalho, a promessa de mais uma colheita.

Os cheiros da terra, o cantarolar dos pássaros, os brulhos dos animais, da água escorrendo na bica. Toda essa orquestra que regia a sinfonia dos seus dias que dava significado a sua existência. Era o triunfo sobre todos os olhares atravessados na vila, sobre todas as piadas cruéis dos parentes, sobre todos os desafios que haviam enfrentado para estarem ali, os calos que brotavam das mãos eram marcas da sua resistência e imponência sobre seus sonhos e ideais de vida.

Ela estava de volta a sua casa. Aquele era seu universo, o que havia criado para si e que ninguém ousasse a movê-la dali. O cheiro da terra molhada era testemunho, do suor derramado, das batalhas travadas, dos dias de lamentos e dos dias de alegrias. O som chuva, insistente na calha de zinco, era um ruído metálico e moderno que começou a sobrepor-se ao som mais suave da água na vegetação da memória. Aquele mundo verde que se estendia pelos campos agraciado com o azul do céu e o branco algodão das nuvens desenhos de Deus começaram a desbotar, a se cobrir de névoas até desaparecerem completamente.

A imagem da minha avó jovem foi sendo substituída pela silhueta frágil e vestida de amarelo triste da viúva na sua cadeira. O cheiro da terra molhada permaneceu, mas agora era apenas um cheiro vindo de fora, não o aroma totalizador de um mundo inteiro. Era o cheiro do quintal de terra contrastando com o cheiro do asfalto molhado que ressaltava o cheiro do óleo e dos pneus dos carros que se misturava ao cheiro das flores murchas, do café e dos cigarros de quem estava ali desde a tarde e precisava se manter acordado.

Dos olhos de minha avó escorriam lágrimas. Era como se a própria umidade da memória tivesse ficado presa neles. Nesse instante, sem dizer uma palavra, levantou-se amparada pelas filhas, foi até o banheiro e, depois, até a cozinha; encheu uma xícara de café quente, foi até a dispensa, abriu uma lata de zinco e tirou lá de dentro uma garrafa de pedra branca que havia ganhado do sogro a muitos

anos atrás. Na garrafa, havia cachaça do engenho que minha avó misturou ao café e tomou em três goles. Em poucas palavras disse:

- É para espantar a friagem.

Voltou em passos lentos para a cadeira e ali sentou e seu olhar se abriu novamente rumo ao infinito. Os seus dedos retomaram o seu movimento quieto no colo, tecendo novamente o ar do presente. Mas algo tinha mudado. Havia uma alteração naquele curso que eu ainda não conseguia decifrar. Havia agora uma camada de paz por cima dessa dor, a serenidade de quem revisitou o lugar onde foi mais feliz e mais completa. Ela olhou para a chuva lá fora e, depois, para o corpo do marido no centro da sala. E num gesto tão furtivo pôs suas mãos sobre as mãos entrecruzadas do meu avô; nesse instante, as duas alianças em seu dedo anelar da mão esquerda pareciam ter ganhado vida; brilhavam como uma luz que clareia um caminho. Quiçá iluminassem o caminho do perdão e a despedida.

Novamente seguindo os vestígios do olhar lançado ao infinito de minha avó, eu mais uma vez fui tragada por aquele mundo revisitado e que tinha seu próprio ritmo.

Contemplava aquele tempo, que se abria no olhar de Nenê. Ele tinha uma cadência entoada pela natureza e não pela vida barulhenta e corrida pelo relógio, como era na cidade. O ritmo dos dias e das noites que nasciam e morriam sobre a copa das árvores, dos algodoeiros e dos cafezais.

O ritmo da chuva e da estiagem determinando a hora de plantar, de capinar, de colher. O ritmo de quem acordava com o primeiro canto do galo e dormia quando os causos se acabavam ou o cigarro de palha terminava. A vida na roça era rotina uma silenciosa e repetitiva, escrita com suor sobre lançado sobre a terra e fé das pessoas do campo de que “na terra se plantando tudo dá”.

Os mutirões ou traições eram os pontos altos, os capítulos da fraternidade e solidariedade dos vizinhos. Dias antes da plantar ou da colheita do café, ou mesmo de fiar o algodão, ou caso as pastagens necessitassem ser roçadas, a notícia corria: “Vai ter mutirão na casa do seu Antônio!”.

De madrugada, o cheiro de lenha queimando e de café coado já pairava sobre a casa, os bolos assando nos fornos de barro, e o corre-corre para se ajeitar tudo antes dos primeiros fochos de luz do dia. Homens, mulheres e crianças chegavam a pé, a cavalo, em carroças, carros de bois, bicicletas. As ferramentas:

enxadas, foices, peneiras, rodas, cardas, arcos iam se chegando junto com as pessoas, ferramentas que ganhavam vida junto com a vontade coletiva.

A fé no plantio, a fé na terra, a fé nos santos e Deus, pois, “plantar era um ato de fé”. Enquanto alguns companheiros abriam as covas, outros jogavam as sementes e outros cobriam, esse ritmo marcado e cadenciado dava agilidade em um tempo em que a tecnologia maior era a força humana. O som surdo das enxadas cortando a terra era um tambor primitivo. Mulheres e crianças tinham suas funções na divisão social do trabalho; vinham atrás, depositando as mudas frágeis de café, seus pés descalços afundando no solo úmido e fresco.

O ar ficava carregado do cheiro de terra revirada.

As conversas se tornavam musicalidade, algumas se transformavam em canções específicas desses momentos, das piadas que ecoavam para quebrar a monotonia do esforço. O almoço era uma festança sobre mesas improvisadas de madeira roliça (jiraus) postas à sombra das árvores: feijão, arroz, farofa, carne de porco, tudo regado com cachaça forte e histórias exageradas, histórias de caça, de pesca, do encontro com onças, lobisomens, mulas-sem-cabeça, assombrações etc.

A colheita era outra cadência; o grupo se reunia novamente e, agora, com a tarefa de fazer a colheita, reunia-se para colher o arroz, o feijão, o milho, o café, o amendoim; todo o trabalho era novamente dividido para dar agilidade a colheita. O som da colheita mistura o som da alegria coletiva com o som das sementes e dos grãos caindo nos panos de colheita, nas peneiras, nos baldes de zinco. O chiado dos grãos e sementes funcionavam como instrumentos das músicas da canção coletiva cantada pelas vozes coletivas. No final do dia, as mãos estavam ásperas e calejadas do dia de trabalho, e o cansaço era uma coisa boa, solidária.

Era sabido que, de todos os mutirões, os mais esperados eram o da moagem da cana e das fiandeiras, pois nesses o poder de determinação das obrigações era das mulheres, eram elas que estabeleciam as regras que comandavam as rodas, os tachos, as gamelas. A colheita da cana e a moagem eram feitas pelos homens, e até mesmo o serviço de apurar o melado; mas quem estava ali dizendo quais doces seriam feitos eram as mulheres e, no final de tudo, elas ainda preparavam a caipirinha com a cachaça de engenho para servir de aperitivo para a farofada de galinha do final da tarde.

Nos domingos e dias santos, a fé e o descanso se encontravam. Às vezes a rotina era quebrada pelos festejos locais ou mesmo era uma pausa de alguns dias

para festejar nas romarias. Era a oportunidade de vestir as melhores roupas, usar os melhores calçados, expor os dentes cobertos com ouro, os brincos com formatos de cabacinhas ou de grão de arroz que eram de ouro e heranças de família era o ápice da vida social campesina e, ao mesmo tempo, o encontro com a cultura da cidade, que nem sempre era respeitoso.

A missa era longa, os padres vinham de cidades vizinhas em jipes cobertos pela poeira das estradas, alguns já chegavam de mau humor em razão das viagens desgastantes, mas a procissão seguia colorida e vibrante, com flores, cânticos e a promessa de um almoço comunitário depois. Era um respiro, um lembrete de que havia beleza e devoção além da lida dura do campo.

A essa altura, a barriga de minha avó já havia despontado; era o filho do meio, o segundo filho; a primeira foi minha mãe. Num tempo em que era vergonhoso comentar sobre intimidade, as pessoas percebiam a gestação quando a barriga crescia, os poucos comentários sobre o assunto eram raros e bem sutis, ainda sendo mulher casada, de respeito. Ele proibiu-a de fazer trabalhos mais pesados, e ela aceitou sem questionar muito, pois ainda era nítida a partida da sua mãe e não queria tomar o mesmo destino e deixar filho pequeno para ser criado pelos outros.

Continuou seu ritmo, só que mais no interior da casa, tecendo roupinhas minúsculas enquanto vigiava o mundo sob a sombra do alpendre. O parto foi longo e difícil, na cama de casa, com a ajuda de uma parteira experiente e das rezas das mulheres mais velhas e de sua sogra e da irmã mãe Dinha. Quando o choro do menino ecoou pela casa, a alegria tomou conta do lugar; era o filho tão sonhado por meu avô.

O menino era perfeito, graúdo, robusto, era um menino negro, olhos grandes e vivos. Aquele menino veio como um milagre, o cumprimento de uma promessa divina, era o sinal de que a luta diária valia a pena, valia a pena enfrentar o mundo e os seus preconceitos.

O silêncio da casa, que só era quebrado com as batidas compassadas do tear e o rangido dos dentes do engenho, agora foi quebrado pelo choro da criança, um choro de vida. José era seu nome; era um raio de sol que iluminava a vida da família, que havia começado em dois e agora eram quatro. José se mostrava esperto e sorridente, logo se sentou, era saudável e cheio de vida.

Aos sete meses, ele começou a arrastar-se pelo chão de terra batida, explorando o mundo, derrubando as vasilhas de alumínio da prateleira. Era a alegria

em forma de criança. Mas então, entristeceu repentinamente e veio a febre. Um calor súbito e feroz que queimou a pele fresca do bebê numa noite. O choro, outrora saudável, tornou-se num gemido fraco e contínuo, buscaram as benzedadeiras mais bem quistas da região, votos aos santos foram feitos.

A febre não cedia com os chás de ervas, com os banhos frios, com as rezas fervorosas da avó. Foi levado ao farmacêutico que medicou, mas não deu esperanças. Foram dias de agonia silenciosa, de noites em claro, ele a segurar a criança febril, ela a rezar com os dedos entrelaçados nas contas do rosário, como se pudesse tecer a saúde de volta para o filho. Uma manhã, o gemido parou e um vento gelado correu pela casa, que foi tomada por uma tristeza sem fim. O silêncio que se seguiu foi o mais aterrador que já tinham ouvido, não havia nem um piado de pássaros. De repente, a rasga mortalha passou sobre a casa anunciando o ocorrido. O terror e o silêncio pesado, absoluto, que entrou pela casa e instalou-se para nunca mais sair, assolou aquela família de tal forma que a dor da perda seria o fardo carregado para o túmulo.

O luto veio com lástimas e choros chorados para fora e para dentro. Cobriu de neblina os olhos de meus avós; era a dor de ter perdido o pequeno José. Não havia palavra que os confortasse e abrisse o coração; estavam em um abismo silencioso que ambos reconheciam, mas não tinham forças para atravessar. Com o passar dos dias, esse abismo deu lugar à força que empreendia nas tarefas do dia a dia, agora sem cantos ou assovios, apenas o barulho dos seus passos a se moverem pelas roças, pela casa, pelo curral e pelo engenho.

O trabalho, outrora uma fonte de orgulho e comunidade, agora preenchia o pesado vazio que se abateu sobre a vida do casal. Era uma fuga inútil. Mergulhados no trabalho como dois condenados, cavando, plantando, colhendo com uma fúria silenciosa, como se pudessem extrair da terra o filho que a ela regressou. Nenê se enterrou no tear ou na horta; passava horas do seu dia procurando trabalho fora da casa, evitando aquele ambiente outrora tomado por alegria e agora uma casa luto. Até mesmo a terra revirada não era promessa de vida, mas lembrança da sepultura.

Tentaram preencher o vazio com o suor e o cansaço físico, mas o vazio era uma coisa sem fundo, que consumia tudo sem se satisfazer. A perda do menino ficara entranhada na terra, no ar, em cada canto da casa que eles tinham construído com tanto amor. Era um luto que não precisava de palavras, porque era demasiado grande para ser expresso.

Era simplesmente *estar*, era continuar, dia após dia, com um pedaço fundamental de si ausente para sempre. Nenê, que havia perdido a mãe ainda menina, foi mais uma vez visitada pela morte que roubara um dos seus bens mais preciosos na terra. A memória luto foi interrompida pelo choro de uma criança; o pequeno chorava de fome, de cansaço e do estresse de estar em um ambiente alheio ao aconchego de sua casa. Tia Inácia chamou a parente para a cozinha para fazer mingau de maizena e depois procurar um lugar onde o colocar para dormir. Aquele choro despertou minha avó, que abriu os olhos e procurou a criança pela sala.

A mão, que repousava no colo, voou instintivamente para o peito, para o ventre vazio onde outrora carregara a vida, parecia procurar por José. A avó baixou a cabeça, seus ombros curvados denunciavam o peso das perdas que carregava ao longo de sua vida: as antigas e a nova, que se fundiam numa só dor infinita. Perdera a mãe, José, o pai, amigos e agora o marido. Lançou novamente seu olhar para um ponto específico, agora a porta da sala, parecia se incomodar com o avançar da madrugada e o prenúncio do novo dia que agora não anunciava o reinício da vida, mas a despedida final.

O peso da noite e da madrugada esvaziou a casa. O cansaço, mais pesado do que a tristeza, levava os últimos visitantes de volta às suas vidas; alguns precisavam trabalhar no dia em que estava para nascer; outros, viajar retornando para seus lares. As emoções que pulsaram forte nas primeiras horas do velório davam lugar a um sentimento de perda não menor, mas, com mais resignação, o cansaço atropelava a dor. O ambiente de vigília aos poucos foi se tornando mais solitário e a sala se esvaziando; a família, já mais contida no choro à custa de preces e chás, já se aproximava do caixão e ressaltava as suas qualidades.

As tias avós e vizinhas já arrumavam a cozinha para o preparo do café da manhã, já planejavam o almoço. A minha avó resistiu a noite sentada na cadeira ao lado do caixão, agora já expressa mais presença na sua nova e repentina realidade, sacudia uma fralda sobre o rosto do meu avô espantando os mosquitos que se aproximavam do caixão. A chuva deu lugar a um chuvisco persistente, e o cheiro da terra molhada começava a se misturar com o aroma do café fresco que alguém tinha acabado de passar e começado a servir às pessoas que haviam pernoitado ali.

Observá-la de longe já não me satisfazia; senti a necessidade de me aproximar, de demonstrar que a minha também se entrelaçava às suas memórias de

forma irresistível. Aproximei-me, aproveitando um momento em que a sala estava praticamente vazia, puxei outra cadeira de madeira e me sentei ao seu lado. De forma sutil, ajeitei a mecha de cabelo que escapou do lenço que cobria os cabelos. Minha avó não era dada a toques e carinhos dos netos; sua relação de afeto era demonstrada nas notas de cruzeiros que nos dava para comprar refrigerantes e roscas, mas aproveitei aquele momento para afagar seus cabelos e tatear suas memórias com as minhas mãos.

Ela não se moveu, mas senti a sua consciência voltar-se para mim. O ar ao seu redor parecia mais denso, carregado com o peso das memórias que havíamos revivido juntas.

Hesitei por um momento, depois estiquei a mão e cobri a dela, que repousava sobre o colo amarelo triste do vestido. O choque foi físico e ela afastou um pouco a mão, mas depois cedeu. Em sua fragilidade, havia uma abertura para que eu pudesse acariciá-la. Não era apenas o contraste entre a minha pele lisa e a dela, era a textura de uma vida inteira sob os meus dedos, a pele branquinha e sensível que ficava marcada ao menor toque, era uma pele que externava histórias de vidas tecidas e costuradas com sua força, sua sabedoria e sua capacidade de enfrentar sem dizer uma palavra. A sua mão era fria, pesada, uma coisa feita de substância e história, não de carne e osso. Era um mapa em relevo, topográfico, de uma terra conquistada a muito custo, de uma família construída e mantida com sua persistência e sua paciência impaciente.

O aspecto da pele da minha avó era de uma sensibilidade como se fosse um papel de seda, a brancura deixava à mostra as veias que percorriam seu corpo, eram veias azul salientes e o branco da pele manchado com manchas do tempo e do castigo do sol. As veias não eram somente uma constituição física de seu corpo sensível e envelhecido; eram rios de histórias, testemunhos de sua vida e de suas vivências. Os dedos com articulações que pareciam nós, eram resultado do movimento repetitivo, de tensionar fios, de apertar ferramentas, de enterrar sementes, de desleitar as vacas; eram nós que denunciavam uma vida dedicada ao trabalho, até mesmo a diversão era dedicada ao trabalho.

Havia calos que não eram mais temporários, eram esculturas construídas com o uso contínuo de ferramentas que moldaram a pele morta e a tornaram esculturas do tempo; as mãos tinham certa curvatura que parecia estar presa ao cabo da enxada, da foice e do enxadão; havia uma memória de trabalho naquelas

mãos agora tão frágeis. Fiquei perdida, na leitura daquele mapa mundo, tentando decifrar aqueles registros do seu labor. E, então, ela moveu-se.

Foi um movimento lento, quase imperceptível. A sua mão, sob a minha, virou-se, palma para cima, oferecendo-se. Era um gesto de entrega, de confiança. Os seus dedos trêmulos, o que denunciava a ação do tempo sobre seu corpo, enquanto se abriam, revelando o centro daquela paisagem, onde as linhas da vida, do destino e do coração se entrelaçavam num emaranhado profundo e complexo. Nesse instante ela se abriu ao diálogo e disse:

- Uma vez uma cigana leu a minha mão e disse que eu iria viver muito e que ia ser uma vida muito sofrida, mas que eu ia vencer. Disse que eu iria ficar viúva. Olha aí, seu avô morreu. Eu não acredito nessas coisas, quem sabe da vida da gente é Deus. Mas ela disse isso para mim. Mas foi só coincidência. Afinal de contas, para quem que a vida não é sofrida?

E num gesto de abertura me disse:

- Vamos ver a sua mão. Abre aí!

Pegou minha mão com suavidade e disse:

- Que mão macia, Maria! Mas também não faz nada, passa o dia brincando debaixo dos pés de manga, no meu tempo a gente não tinha essas regalias.

Continuou segurando a minha mão e observando as linhas, aí disse:

- Essa linha aqui, dizem que é da vida, a sua está cheia de garranchos é sinal de que a vida para ser difícil, tem que estudar Maria, se eu tivesse estudado talvez não tivesse sofrido tanto. Mas no meu tempo mulher só aprendia a assinar o nome, de todo jeito a gente ia casar e ajudar o marido, e cuidar da casa. Estudo no meu tempo não valia de nada.

E então, o seu dedo indicador, ele próprio curvado e marcado, esticou-se e apontou para uma cicatriz particularmente notável. Um risco branco e fino, antigo, que cortava horizontalmente a base do polegar, trespassando linhas e calos como um rio cortando um desfiladeiro. E disse:

- Foi no facão, ajudando seu avô a limpar o fumaço. E continuou. Esse corte foi fundo, sangrou demais, seu avô correu na casa da Sá Dona, ela veio, estancou o sangue com pano e benzeu, aí cortou o curso, mas eu fiquei muito tempo sentido esse corte, acho que acertou nervo, nervo é uma coisa muito sensível na gente, Maria.

Percebi naquele momento a conexão entre dois mundos, o meu e o dela. O dela marcado pela sentença de uma vida dura, o meu destino, embora cheio de garranchos, eu poderia transformá-lo com minha ação, estudar.

O som do chuveiro lá fora transformou-se no zumbido de insetos num campo de fumo sob um sol abrasador. O cheiro de café e terra molhada dissolveu-se no aroma acre e picante das folhas de fumo verdes e suculentas. A visão da sala escura do velório desfocou-se, substituída pela claridade ofuscante de um dia de trabalho no auge do verão.

A transição não foi um mergulho, mas um *ser* transportado. A sua mão na minha já não era a mão fria de uma viúva; era a mão quente e suada de uma mulher no vigor dos seus trinta anos, segurando o cabo áspero de um facão, a cicatriz na base do polegar uma linha vermelha e recente, latejando com a pulsação do esforço e do calor.

E eu estava lá com ela, na roça, pronta para trabalhar, mas de outra forma, usando a caneta, escrevendo a sua história.

Aquele momento de abertura e toque entre mim e minha avó foi um dos momentos mais marcantes da minha história com ela. Foi a partir dessa experiência que tive a percepção do quanto ela tinha sido fundamental para que eu estivesse ali, foi através das suas lutas, da construção da sua família em um tempo árido para as mulheres, e por minha mãe e minha tia, terem reproduzido o seu modelo de vida que ela abria ali para mim, a oportunidade de fazer diferente, de romper aquele ciclo.

A mão da minha avó, com a sua cicatriz-facão, não era um simples artefato de trabalho vida. Era o instrumento de uma maestrina, a condutora de uma sinfonia de ciclos que regiam não apenas a sua vida, mas o próprio ritmo da terra. A memória desdobrou-se não como uma cena única, mas como um manual poético e sensorial, uma enciclopédia viva do fazer, do viver e do ser.

Navegando pelas memórias da minha avó a partir do toque em suas mãos, reconectei-me com a cena de sua infância, iniciada com a marca da perda materna e a substituição por Dinha, mãe irmã, mãe posta, e a semente do algodão que brotava junto com a sua infância, e que conduziu os ciclos de sua vida, que apareciam todos ao mesmo tempo, e eu ia tentando organizar, dar sequência.

E mais uma vez eu estava diante da lavoura de algodão, o algodoal florido cheio de flores amarelas que atraíam abelhas, insetos polinizadores, diversas borboletas coloridas; era uma cena de beleza e encanto que eu jamais havia

presenciado. O algodão, de copinhos verdes e bolas que pareciam nuvens, desenhos de Deus, algodão doce, algodão sonho.

Eu estava ali diante de sua matéria-prima. A via acompanhando cada fase criteriosamente e com o olhar e o cuidado que só ela tinha: o plantar das sementes negras e miúdas na terra adubada, a germinação tenra sob o sol cuidadoso, o florescer amarelo e rosa que atraía abelhas e, por fim, o estalar das cápsulas, revelando a pluma branca e macia, aquelas plumas que depois seriam transformadas em fios, tecidos, roupas e várias outras peças. Ela colhia com mãos precisas, enchendo com uma sacola grande e de tecido de algodão feita por ela mesma em sua máquina de pedal, a velha máquina Leonan. Era o primeiro contato, a promessa do fio. Depois, vinha o descaroçar, em que se sentava no banco feito com uma moeda. Uma pessoa se sentava em uma ponta e a outra pessoa em outra, e giravam a moenda com as manivelas uma para um lado e a outra para o outro. A semente se separava das plumas e era guardada num balaio para o replantio; as plumas iam continuar o processo.

Em seguida, as plumas colocadas em uma peneira e batidas com o arco para separar as impurezas que ainda restavam; depois, vinha a cardagem, processo que transformava a pluma em rolinhos fofinhos e prontos para a fiagem.

No terreiro, sob a sombra dos pés de manga, ela trabalhava o algodão bruto com duas cardas de madeira cravejadas de finos pregos de aço. O movimento era ritmado, para frente e para trás, desembaraçando, alinhando, purificando as fibras até se transformarem num rolinho fofinho que dava água na boca só de olhar. Os rolinhos alimentavam os fusos e as rodas de fiar quem sem piedade unia-os forçadamente transformando em fios simétricos e resistentes.

O fiar era a parte que mais me prendia. Sentada de frente, observava a precisão de seus dedos forçando as fibras e apalpando a textura dos fios para que não fugisse à simetria desejada. Lá estava ela, a presença materializada, sentada no banquinho de madeira com encosto para não doer a coluna. Ela pegava delicadamente cada rolinho de algodão, emendava com o fio já pronto e começava a esticar, transformando nuvem em fio. Era um momento mágico.

Havia ritmo cadenciado entre mãos e pés que dialogavam precisamente. O pé movimentava o pedal, a roda zunia e os seus dedos, uma extensão viva da máquina, puxavam e torciam a fibra com uma precisão infinita. Era um ato de alquimia: da matéria bruta e informe nascia o fio, contínuo, resistente, que seria

tramado e tecido. O barulho da roda não me incomodava; era como uma música, uma melodia entoando a transformação do algodão em fios.

A arte de tecer exigia das tecelãs precisão matemática e arquitetura, pois precisavam contar os fios e planejar os desenhos, os riscados, para que nada desse errado. Era o momento que exigia mais concentração, atenção e cuidado.

O tear de madeira tinha uma cobertura específica para o desenvolvimento das atividades de tecelagem; lá ficava a urdideira encostada numa parede; era um retângulo grande com olhais feitos da própria madeira que se esticavam e contavam os fios, separavam cores e texturas. E ela esticava, fio a fio, a base do tecido, com uma tensão perfeita, medindo, alinhando, passando cada fio por seus olhais meticulosamente. Era a teia sobre a qual a história seria escrita.

O processo continuava; ela passava as linhas urdidas para o tear. Em seguida, ela se sentava no banco do tear e, naquele momento, ocorria a simbiose corpo e tear. Os pés trabalhavam os pedais, alternando os fios da urdidura. As mãos lançavam a lançadeira (canoinha) um barco de madeira carregado do fio da trama, de um lado para o outro com um *whoosh* suave.

O batente era então empurrado para a frente com um *clunk* seco e satisfatório, o pente do tear apertando o fio novo contra o tecido que crescia; linha após linha, as passadeiras trançavam os fios e ali nasciam histórias tecidas nas alegrias, dores, expectativas, esperanças, sonhos e lutas da minha avó.

Era um som que não causava perturbação, pelo contrário ansiedade, o *whoosh-clunk* me deixava ansiosa para ver como sairia o tecido, suas cores, texturas, desenhos, linhas. Ou viria daquele movimento ritmado e da canção entoada? O ritmo do criar. Desse movimento incessante, nasciam panos grossos para uniformes, mantas para celas dos cavalos, colchas coloridas para as camas, toalhas para a mesa. Cada peça era um capítulo, um filho do seu trabalho.

O ciclo da tecelagem ocorria no período do descanso da terra, era o período da estiagem; nesse momento eram também desenvolvidas as atividades de produção de farinha e polvilho, colheita de café, fumo, moagem da cana, às vezes uma atividade ocorria concomitante com a outra, ou mesmo algumas se estendiam noite adentro para não perder a produção.

O ciclo do café era marcado pelo nascimento dos cachos de florezinhas brancas que exalavam um perfume gostoso que invadiam a casa e atraía

borboletas, abelhas, besouros mangangás; logo viriam os frutos verdes, depois vermelhos-vivos e amarelos.

A colheita era feita com a ajuda dos vizinhos. Colocavam grandes panos debaixo dos pés de café e sacudiam para os frutos caírem; depois, eram levados para a secagem no terreiro. Depois secos, ensacados e guardados na tulha e, quando se necessitava, pegavam os grãos secos e davam continuidade ao processo que consistia na pilagem no pilão de madeira rústica, torragem na panela ferro ou no torrador manual. Depois eram moídos para o próprio consumo.

O ciclo do fumo consistia na plantação das mudas, na colheita das folhas largas e pegajosas, às vezes cheias de lagartas que precisavam ser arrancadas com as mãos e na secagem nos varais. O cheiro era forte, mas não desagradável como quando se acende um cigarro. Era um cheiro forte que não se misturava com outros cheiros que a fazenda exalava. Depois eram enrolados no terreiro de fumo em rolo com dimensões variadas que dava as características de serem mais fracos ou mais fortes. Os rolos eram feitos num processo que lembrava o fio do algodão, em uma engenhoca de madeira conhecida por sarilho. As folhas untadas com mel e transformadas em cordas de fumo e depois enroladas em um pedado de madeira, em seguida deixado no barracão alguns dias para o processo chamado de cura, finalmente, estava pronto para o consumo e para venda nos comércios da cidade.

O ciclo de produção da cana de açúcar consistia no plantio dos pedaços das mudas, nos cuidados com a capina, na adubagem, no tempo certo e no acompanhamento do crescimento. Depois do amadurecimento, vinha a colheita, ou seja, o corte, momento de atenção e cuidado com acidentes com o podão ou mesmo o risco de abraçar cobras o animal peçonhento quando se abraça o feixe de cana para cortar e amontoar, seguido do transporte no carro de boi tocado pelo engenho movido a bois.

Lá estavam o boi Seguro e o boi Segredo, girando em volta do engenho; o caldo era levado para grandes tachos de cobre e minha avó comandava a feitura de rapaduras, melados, moças brancas; naquele momento, a ordem era ela quem dava e os demais obedeciam sem pestanejar, pois, quem falava era a voz da experiência, de quem nasceu e cresceu conhecendo todo o processo de produção da cana. Só não participava da feitura da cachaça, pois o alambique era responsabilidade do meu avô e do seu pai, Silvério. Minha avó era apenas apreciadora; transgredia a

moral de seu tempo, misturava a cachaça ao café, disfarçado de remédio para amolecer as juntas e espantar a friagem.

E no centro de todos esses ciclos, estava ela. A maestrina. Aos sábados à tarde, a varanda da casa era refrescada pela sombra das mangueiras onde eu a via sentada na espreguiçadeira feita pelo irmão artesão, Gabriel. A cadeira balançava e, enquanto isso, ela transformava os fios que tinha tecido, agora com a agulha de crochê, fazia tapetes, colchas capas de filtro e uma infinidade de coisas. Os seus crochês desenhavam flores, animais, paisagens. As vizinhas traziam seus novelos e agulhas e, sentadas ali na varanda, seguiam com as mãos ágeis crochecendo, a reunião se transformava numa confraria de mãos ocupadas e línguas soltas.

Meu avô corria para a cozinha, coava café, fazia bolo de fubá, peta de polvilho, pães de queijo e vinha todo sorridente agradar as mulheres, pois sabia que sem elas não teria construído sua fortuna. As conversas eram a diversão da tarde, tomando café, comendo bolos, crochecendo e contando histórias, causos, fofocas; aquele era o dia de noticiar os nascimentos, as mortes, os casamentos, as fofocas do povoado vizinho, as reclamações dos maridos, os sonhos para os filhos.

Não se ouvia naquele o *whoosh-clunk* do tear da minha avó; o que regia a sinfonia eram as vozes e os risos das mulheres. Naquele espaço de mulheres, as hierarquias do mundo lá fora dissolviam-se. Ela não era “a mulher do negro” ou “a branca pobre”. Era a tecelã, a artista das mãos que subvertia regras de forma disfarçada, que rompia com padrões do patriarcado usado armas tênues, sua inteligência e perspicácia atravessavam a ignorância do machismo.

As outras mulheres respeitavam-na não pelo seu matrimônio, mas pela sua experiência e sabedoria. Consultavam-na sobre pontos, sobre a tensão do fio, sobre como tirar uma mancha difícil de um pano. Elas admiravam a precisão dos seus movimentos, a qualidade impecável do seu tecido, a complexidade dos padrões que ela criava sem nenhum modelo, apenas com a geometria intuitiva da sua mente. O seu saber era o seu poder, uma autoridade que conquistara fio a fio, e que ninguém podia contestar.

Ela era a guardiã de um conhecimento ancestral, e naquela varanda, sob a sua regência, dos fios que agora teciam a mão com sua agulha já enferrujada pela acidez do suor das mãos e pelo próprio tempo, os ciclos do tear e da vida entrelaçavam-se, criando uma teia tão resistente quanto o pano que produziam.

A memória era vívida, um turbilhão de sensações: fresco na varanda, o cheiro do algodão e do café, o som das vozes e do dia de descanso do tear, o sabor doce do bolo de fubá, o orgulho silencioso no rosto da avó, a mestra no comando da sua orquestra particular. A alegria e o sorriso no rosto do meu avô e o desejo de agradar as visitas que demarcavam o prestígio social que haviam conquistado, o respeito que se formou em torno do casal.

E então, no auge daquele sentimento de comunidade e propósito, senti um toque suave nos ombros e uma mão se estendia à minha frente; toque que me trouxe de volta ao presente.

- Toma, Maria - uma voz suave disse. Para adoçar a boca nesta hora amarga.

Era uma tia-avó, irmã mais nova do avô, Inácia, com olhos bondosos e mãos trémulas pelo jugo da idade. Ela segurava um pequeno tablete de rapadura caseira, rapadura de mamão, a minha preferida.

Peguei e agradei a gentileza.

O sabor doce que rompeu com minha memória-viagem era o sabor do passado, o mesmo sabor que coroava os mutirões, que energizava as tardes de tecelagem. O doce na minha boca e o amargo da perda do meu atuaram como um interruptor. O *whoosh-clunk* do tear desvaneceu-se, substituído pelo silêncio pesado do velório. O frescor da varanda rodeada por sombras das mangueiras transformou-se no ar frio e parado da sala. As vozes animadas das mulheres deram lugar ao resmungo baixo das minhas tias na cozinha.

A visão da avó jovem, confiante e respeitada na sua varanda, dissolveu-se, revelando a viúva idosa e curvada ao meu lado, a sua mão ainda repousando na minha, a cicatriz do facão agora apenas uma marca branca e silenciosa.

O presente reconectou-se com um baque surdo. A rapadura derretia na minha boca, um último eco doce e amargo de um mundo que já não existia, um mundo do qual ela fora a incontestável maestra.

Na alvorada, a casa vazia, poucas pessoas resistiram ao sono e muitos se encostaram em cadeiras enfileiradas, bancos de madeira, camas da casa, restando poucas pessoas. Apenas a família próxima, que era majoritariamente composta por mulheres, permanecia velando o meu avô, os corpos que resistiram ao descanso exalavam exaustão. O meu avô parecia agora uma raiz antiga e tranquila, finalmente

em repouso no centro da sala que ele próprio ajudara a construir. Uma raiz que deu muitos frutos, mas que agora iria repousar no descanso eterno.

Minhas tias-avós, minha mãe e minha tia agrupavam-se num canto oposto ao da minha avó, conversavam baixo, comentavam sobre os últimos dias que antecederam a morte, falavam das recomendações feitas para não deixarem minha avó sozinha, para cuidarem dela, dos últimos desejos alimentares que foram cumpridos, do sofrimento e de como definhou e de como ele ainda tinha vontade de viver, mostravam pesar e mesclavam lembranças da juventude dele e dos seus feitos. A discussão não era sobre a dor, não era sobre a perda. A morte, com sua praticidade cruel, já impunha as próximas questões. O que fazer? Para onde ir? Como seria a vida a partir dali?

Minha mãe disse com firmeza:

- Eu não a deixo aqui só mais tio Joaquim. Não tem condição. Minha mãe herdara a cor, as feições e a natureza forte e resistente de meu avô. Vou mandar fazer um aumento na casa, o quintal é grande, vou vir ficar com ela, vou trazer minha mudança. Aqui está perto dos recursos, do hospital. Não vou levar ela para fazenda longe de tratamento.

- Com esse tanto de filhos que você tem? Como vai fazer? E os bichos lá da roça quem vai cuidar? Seu marido vai fazer o quê aqui na rua? – retrucaram as tias avós.

E minha mãe respondeu:

- Então, qual de vocês virá cuidar dela?

O silêncio reinou, naquele instante, afirmando a vitória da minha no debate e o encerramento daquele assunto. Afinal, qual delas estava disposta a deixar suas casas, seus maridos, suas vidas para se dedicar aos cuidados de minha avó e do tio Joaquim, irmão caçula de meu avô e paraplégico?

Minha avó fingindo não compreender, prestava atenção à conversa que se desenrolara entre as mulheres da família, e deu um suspiro de alívio ao perceber que não ficaria só naquela casa, convivendo apenas com Joaquim e com os fantasmas do passado. Seus olhos, fixos nas mãos ao colo, não se ergueram; mas uma leve tensão percorreu a fragilidade que a compunha. No entanto, o que surpreendeu não foi a tensão, mas o que se seguiu. Seu rosto não contraiu em tristeza ou angústia.

Não houve lágrimas. Em vez disso, uma aceitação resignada, quase solene, suavizou seus traços. Era a expressão de quem escuta um eco de algo já vivido, um argumento antigo e resolvido há muito tempo. Era o olhar de quem já tinha ponderado perdas maiores e tomado decisões mais difíceis.

A discussão das filhas era sobre o futuro, mas, para ela, soava como uma réplica desbotada de um dilema do passado, pois, desde sua infância, quando sua mãe partiu e a deixou, passou a viver sob os cuidados da irmã-mãe. Agora com a partida do marido e já em idade avançada, se via diante do fato a repetição da tutela, do cuidado, dessa vez era a filha mais velha, que passou a ser a filha mãe numa repetição incessante do cuidado como tarefa feminina, de mulheres que renunciavam a muitos aspectos de sua vida para se dedicarem ao cuidado.

A palavra mudança, além de ter mostrado o desconforto das minhas tias avós, parecia ter movido a parede aos olhos de minha avó, uma parede que somente nós duas poderíamos ver e ultrapassar, era a parede do tempo.

Nenê e eu os víamos diante de uma imensidão de caixas de papelão espalhadas pela casa, trouxas de roupas amarradas, camas desmontadas e um vaivém de pessoas levando as caixas para o velho caminhão Ford que era usado para levar a safra para ser vendida na cidade. Havia, naquele movimento, uma dubiedade de sentimentos: a nostalgia que a casa da roça representava e a novidade que a esperava na casa da cidade.

A mesma varanda dos mutirões de tecelagem das tardes de sábado, das reuniões das mulheres fazendo crochês e conversando, mas agora envolta numa atmosfera diferente, do como seria a nova vida na cidade. Embora a cidade fosse bem perto e eles já conhecessem muitas pessoas de lá, a cidade agora era uma outra simbologia, seria o lugar do novo lar.

Ela, séria. De pé, com os braços cruzados, observava o horizonte onde a estrada de terra se encontrava a alguns quilômetros com o asfalto. Realmente, os tempos eram outros; o asfalto cobriu a estrada que antes era cascalhada sempre nas campanhas eleitorais; as pontes de madeira que eram carregadas todos os anos pelas enchentes, agora foram substituídas pelas pontes de concreto.

O seu vestido era simples, limpo e seu rosto estava marcado, não pela idade, mas pela ponderação. Ao seu lado, ele, o meu avô, encostado num batente, olhava para as mãos calejadas e seu rosto desenhava um semblante de contemplação e regozijo, olhava para os campos e sentia satisfação pela sua vista não mais alcançar

os limites de suas terras. Para ele, não era um fim, era um recomeço, era hora de descansar e deixar a terra para os genros tomarem conta.

Afinal, por meio do sindicato dos trabalhadores rurais, conseguiu se aposentar e aposentar minha avó, Tio Joaquim também se aposentou, era hora de os três aproveitarem o resto da vida no conforto da cidade. O silêncio entre eles não era vazio; era denso, carregado de palavras não ditas, de uma decisão tomada juntas.

Acomodados os móveis e pertences no caminhão, ambos entraram na boleia e a imagem que se via era dos agregados sacudindo as mãos. Foram anos de convivência e trabalho juntos. Dona Nenê, sempre muito respeitada pela seriedade com a qual enfrentava qualquer situação, era mulher de poucas palavras e de muita ação.

Nenê, minha avó, não era mesquinha ou desumana; pelo contrário, diziam que ela tinha o coração do tamanho do mundo. Na viagem, Nenê olhava com admiração por aquela estrada toda coberta de asfalto, parecia um tapete de piche, aquela estrada era um luxo para quem viveu anos enfrentando atoleiros, buracos e tantos outros tropeços no caminho.

A viagem foi tranquila e logo já estavam na nova moradia; casa grande, antiga, mas grande e confortável, com muitas janelas. Era ventilada e tinha boa claridade; acomodaria bem os três novos moradores e as visitas. Nenê, minha avó, chegou abrindo portas e janelas, pois tinha fobia de lugares escuros e apertados. Andou pelos quartos e escolheu o do casal e o de tio Joaquim; abriu a porta da cozinha e deu de cara com um fogão à lenha, queimado de cimento vermelho novinho, bem diferente daquele seu fogão de barro do rancho na casa do seu começo de vida. Sentia que uma parte de sua história na roça e na lida teimava em acompanhá-la.

Abriu a porta que dava para o grande quintal e admirou o espaço cheio de frutas e cercado de muro de placas de concreto. Naquele instante estava do batente da porta com as mãos na cintura numa posição de planejamento matemático de como acomodaria suas criações naquele quintal, voltou-se para os carregadores e disse:

- Solte primeiro as galinhas que estão presas no jequi, galinha é bicho fraco, não aguenta muito castigo e o sol está muito quente, as bichinhas já estão arquejando.

Prontamente, os homens que estavam trabalhando na mudança atenderam seu comando e soltaram as galinhas que pareciam não reconhecer aquele novo mundo.

Vendo a atitude das galinhas meu avô disse:

- Eita, Nenê, as galinhas estão desconfiadas, não estão querendo ir para o quintal.

Ela retrucou prontamente.

- Galinha é bicho bobo, logo se acostuma. Você não vê falar que, quando uma pessoa tem a mente fraca, é porque tem miolo de galinha?

Meu avô deu uma boa risada e foi ajudar a descer a mudança e acomodar os móveis. O tear já tinha o seu lugar preparado, uma varanda espaçosa do lado do pé de manga comum, uma mangueira antiga de boa sombra e raízes saudáveis não tinha risco de cair sobre o tear.

A cidade era para os dois uma promessa de regozijo depois de muitos anos de trabalho árduo. Era uma recompensa e um recomeço; mas eles não abandonaram a sua história de vida no campo; levaram memórias e pedaços do campo para a cidade, 10 galinhas, um casal de porcos e dois leitões. O latão de ferro de 50 litros para armazenar leite agora serviria para armazenar alimentos; tachos de cobre e de ferro, enxadas, enxadões, foices, facões, afinal naquele imenso quintal, poderiam recriar a sua miniatura de começo de vida.

Todavia, a mudança seria a oportunidade para os netos e netas estudarem. Havia naquela decisão de mudança não somente a busca por alguns anos de alívio depois de décadas de trabalho árduo, era também a preocupação com o futuro dos netos e netas. A decisão não era entre a terra e a cidade. Era entre o passado e o futuro dele, deles.

Mais uma vez a nossa viagem no tempo foi interrompida por uma nova transição; agora era o raiar do dia e as primeiras frestas do dia pareciam expressar uma urgência, algo que carecia de pressa, não dava para esperar por muito mais tempo. Nesse instante, minha madrinha Vitória, muito católica, encostou no ombro de minha avó, e perguntou?

- Comadre, vocês já conversaram com a irmã Maria e irmã Antônia sobre a passagem do compadre na igreja antes do sepultamento?

Aquelas palavras soaram com tanta força aos ouvidos de minha que ela bruscamente abriu seus olhos voltando rapidamente ao presente. Antes de proferir qualquer palavra, olhou para as irmãs, as filhas e netas. E disse:

- Comadre, foi tudo tão inesperado que a gente não lembrou dessa parte, Estevão era muito católico, devoto e homem de muita fé. Se a senhora puder fazer isso para nós, ficaremos muito agradecidas, vá lá acerte o horário, e se precisar pagar alguma coisa, a senhora nos avise, e Deus lhe pague por ter tido esse cuidado de lembrar desse detalhe.

Eu ainda do lado da minha avó observei o fato de o cuidado das mulheres perpassar a barreira da morte; aquele era o cuidado do corpo e do espiritual de quem havia feito a sua passagem e não tinha mais voz para fazer seus pedidos; mas as mulheres que sempre o rodearam, cuidaram de tudo, até mesmo da sua estada do outro lado da vida. A partir desse diálogo, percebi uma recomposição da minha avó. Ela havia percebido que o raiar do dia anuncia urgência de decisões e a firmeza que só ela tinha, naquele momento, mesmo olhando de soslaio às discussões entre as irmãs e as filhas sobre o que seria feito a partir de então, ela já havia tomado a decisão de sua vida, afinal, sempre foi destemida e enfrentou os percalços da vida de frente. Soube tecer, costurar e remendar seus sentimentos e suas dores. E novamente navegou pelas águas do tempo.

A casa da cidade era um imenso casarão feito de adobe e telha francesa, duas portas de saída para o quintal, que era o equivalente à metade do quarteirão, e cheio de árvores frutíferas e muito espaço onde dava para cultivar a horta, criar galinhas, porcos e plantar pequenas roças de milho, mandioca e amendoim, ainda havia as plantas medicinais como a jardineira, sabugueiro, capim cidreira, boldo.

Era um pequeno sítio no centro da cidade. A porta da sala dava acesso direto para rua e estava de frente para a antiga rodoviária da cidade que, há anos, estava sendo reformada para abrigar a prefeitura da cidade. Estávamos situados a menos de 200 metros da Igreja Matriz de São Sebastião, com mercados e frutarias por todos os lados.

Quando meus avós chegaram, descendo a mudança, que em nada combinava com os ares da cidade, a vizinhança curiosa se prontificou a ajudar para estabelecer relações com os chegantes. Eram camas rústicas, colchões de capim, cobertas de algodão, rodas de fiar, ferro a brasa, pilões, tachos, rodas de fiar, latas de zinco cheias de carne de porco enlatada, sacas de arroz, feijão e milho.

Era como se o campo se estabelecesse sobre a cidade. Ao contrário daquele silêncio que compunha o ambiente fúnebre do velório, a mudança era cheia de conversas, piadas, perguntas curiosas do tipo: O que é isso aqui? Para que serve isso? Cuidado que nesse embornal tem coisa de quebrar!

Era um misto de expectativa e festa; também era a reprodução dos mutirões e traições moldados pelo modo da cidade. Mesmo movidos por curiosidade, os vizinhos se juntaram na tarefa de contribuir com o descarrego da mudança e de colocá-la no lugar. Minha avó, com sua praticidade em resolver as coisas e tomar decisões, deixou as pessoas que ali estavam e foi para a cozinha, pediu para um dos carregadores que buscasse um pouco da lenha que estavam no caminhão e levasse até a cozinha.

Acendeu a fomalha, pegou uma caçarola de alumínio e colocou um pouco de gordura para esquentar; abriu uma lata de polvilho e tirou três medidas e colocou na gamela de madeira; depois colocou sal, despejou a gordura quente. Enquanto o polvilho refrescava, pegou um queijo curado e ralou em outra gamela, retornou à gamela de polvilho, quebrou alguns ovos, misturou o queijo e amassou até ficar uma massa uniforme e lisa. Com a massa, fez rolinhos e colocou nas assadeiras grandes de zinco e, em seguida, abriu a tampa do forno que ficava abaixo da chaminé do fogão a lenha e fez um bule de café.

Minha avó retornou lá para a sala onde as pessoas descarregavam a mudança e as convidou a lavar as mãos e merendar. As pessoas que ali trabalhavam aceitaram o convite de pronto, afinal já eram três horas da tarde e os estômagos já doíam de fome. A partilha de histórias e risadas preencheu o ambiente do alpendre e da cozinha, aquela era a hospitalidade do povo do campo, de se preocupar com a alimentação na hora certa para quem trabalha.

Ela não tinha deixado de ser da roça, tinha, em vez disso, ampliado o seu território. Os laços com a terra não foram cortados, apenas esticados, como fios mais longos no seu tear pessoal. As visitas à fazenda tornaram-se a sua peregrinação, o ritual que mantinha o seu sangue ligado à sua fonte. Era sempre atenta às datas da colheita do café, da moagem da cana, da Festa do Divino.

Acordava antes do sol sair, vestia-se com a mesma simplicidade de sempre, e ele, com a mesma determinação silenciosa, acendia o fogão à lenha, preparava o café, os bolos, os biscoitos, o que ela chamava de “burundangas” para espantar a fome. Nos dias de ir para a fazenda, levantava-se mais cedo ainda; vestia-se com

roupas de manga comprida, colocava um pedaço de rapadura na capanga que estava com dois pares de roupas e sua sandália de dedos; colocava, também, alguns biscoitos e uma garrafinha de alumínio cheia de água; amarrava o seu facão na cintura e descia a pé pela velha estrada do Lagarto que servia de desvio para o povo da roça que não tinha Carteira de Habilitação.

À medida que o asfalto dava lugar à estrada de terra e o ar pesado da cidade era varrido pelo vento carregado de cheiros verdes, ela parecia rejuvenescer. Caminhava a passos largos, afinal, eram mais de 14 quilômetros até chegar na fazenda, no trecho em que a estrada de terra - que era o desvio - encontrava-se com o asfalto. Fazia questão de caminhar às margens, nos trilheiros de terra, pois aquele era seu momento de apreciar esse contato com a terra, seus olhos cintilavam de liberdade.

Sua chegada era festa, de longe se via o seu contorno na estrada, o lenço de seda brilhava junto com o sol e nós, crianças, corríamos para encontrar com ela. Ela sempre levava uma garrafa de Baré que bebíamos na hora do almoço. Seu descanso era pouco, tomava um café com o leite de sua vaca de estimação, a Curraleira, e logo dava início às andanças pelo quintal. Caminhava pelo terreiro de café, enfiava a mão nos grãos expostos ao sol, levava-os ao nariz e fechava os olhos, inalando a alma daquele lugar. Ajudava a peneirar, não porque precisasse, mas porque as mãos precisavam de se lembrar. Avisava que meu avô e tio Joaquim chegariam mais tarde no ônibus da viação Goianésia e que alguém precisava ir buscá-los.

Depois varia os terreiros da casa, andava pelo engenho supervisionando a feitura de rapaduras. Dizia quais eram os tipos de doce que seriam feitos na sua estada a fazenda, e seguia o dia andando e observando os detalhes, as coisas que estavam fora do lugar, os serviços mais urgentes, olhava para o mandiocal e dizia para minha mãe:

- Chica é preciso falar com as filhas do compadre Manoel Lopes para vir num final de semana para gente desmanchar a roça e fazer a farinha e o polvilho da despesa.

Minha avó concordava e as duas estabeleciam um acordo sobre a melhor data para fazerem o serviço. Mas o seu olhar estava sempre no horizonte, a supervisionar tudo com um orgulho quieto.

Agora, minha avó dividia sua vida entre dois mundos. Na cidade, era a Dona Nenê, vizinha de boa convivência, mas de poucas palavras; era reconhecida pela sua arte da crocheteira e da tecelagem. Na roça, era a matriarca, a mãe, tida como a melhor fiandeira e tecedeira da região, suas linhas eram finas e delicadas, dava tecidos e crochês finos, sabia bordar o ponto cruz e os bordados à mão livre, bordava sabiás, flores, frutas, o que a imaginação permitisse.

Mas, em ambos os lugares, havia agora um ligeiro deslocamento. Na cidade, sentia a falta do cheiro da terra, das lavouras, das flores do cafezal, do leite de sua vaca preferida quentinho e tirado na hora. Sentia falta dos mutirões e das conversas e risadas nas tardes de sábado na varanda da casa. Na roça, já não tinha o vigor da juventude e o sol já pesava nas costas; parecia que o sol daqueles tempos estava mais quente.

Era uma estrangeira com passaporte válido para duas pátrias, mas em nenhuma se sentia completamente em casa. A sua verdadeira casa era o espaço entre os dois lugares, a estrada, os trilheiros, os caminhos que os ligavam, e a presença do homem que sempre ia ao seu lado naquelas viagens, ou que chegava um pouco depois.

Ela não pertencia a um só lugar; era feita de travessias, travessias que as acompanharam desde a infância e que, agora, novamente passavam por mais um momento de travessia. O velório marcava a finalização de um ciclo, ali findava mais de meio século de comunhão com o marido, e de agora em diante se iniciava um novo ciclo, a sua viuvez, a responsabilidade de dar continuidade aos cuidados do cunhado paraplégico, as decisões sobre os rumos dos negócios da fazenda, da criação de gado, das lavouras etc.

De repente, despertamos daquele instante revivido; o barulho da carroça e das crianças chegando foi como o despertar do relógio, era mais uma parte da família chegando. Eram quase oito horas da manhã e o momento inevitável se aproximava. Percebendo a urgência das horas, minha avó se levantou, foi até a cozinha e mais uma vez encheu a sua xícara de café e cachaça e dessa vez apreciou lentamente. Aquela dose já não era mais para espantar a friagem da doente, era uma tentativa de aquecer o coração e lhe dar coragem para enfrentar o porvir.

Ela sabia que a travessia não havia terminado, apenas mudado de forma. O marido, no caixão, prestes a se despedir definitivamente, continuaria presente nas

lembranças, nas ferramentas que ele deixara organizadas na casinha dos fundos, nas lembranças da convivência, do trabalho juntos, das pequenas brigas e diferenças que ocorriam. E ela, com o lenço de seda ainda brilhando ao sol, seguiria caminhando entre os dois mundos, como sempre fez, com o olhar atento e a consciência de que valeram a pena seus enfrentamentos aos costumes da época, sua transgressão. Era o sentimento de pertencimento de si, de liberdade em um aprisionador que ela soube atravessar.

Alguns meeiros e agregados que haviam passado a noite no velório pediram licença para a minha avó para rezarem um terço e agradecerem ao meu avô pelo tempo de trabalho juntos. Minha avó concedeu a licença. Iniciaram homenageando e agradecendo ao meu avô pelos anos que passaram juntos, em seguida iniciaram o terço, fizeram as encomendações e cantaram alguns hinos católicos. Em seguida se despediram, pois, a roça não poderia ficar de todo sozinha, as criações tinham fome. Partiram desolados.

O semblante da minha avó parecia ter mudado em agradecimento àquela homenagem havia um leve sorriso no canto da boca, era um agradecimento do último contato com a roça, com seus companheiros de luta diária.

Foi nesse momento de quietude pós-tempestade que apontou na esquina da rua, um fusca laranja; assim que estacionou, eu percebi que não era de nenhum parente; era um fusca todo enfeitado com tecidos coloridos, cheio de detalhes que chamavam a atenção. De dentro saíram mulheres e crianças usando roupas coloridas e lenço na cabeça, também saiu o motorista, homem alto e forte, barriga saliente, camisa de manga comprida abotoada até no meio do peito, o pescoço coberto de cordões de ouro, dedos cheios de anéis de ouro com pedras de esmeraldas, relógio Oriente no pulso, lascas de ouro nos dentes, calça jeans e botas até no meio da canela. Era o João Cigano, que soube da morte do meu avô e veio fazer a visita. Ele parou diante da avó, hesitante, com as mãos entrelaçadas à frente do caixão.

- Dona Maria! Sua voz rouca trouxe um contraste de som para o ambiente. Minhas condolências. Ele era um bom homem. Um grande homem. Um amigo de muita estima e a senhora uma pessoa de caráter inigualável, foram feitos um para o outro, ele com sua alegria e a senhora com o poder de decisão.

- Aliás, Dona Maria, quem sempre segurou as rédeas dos negócios e não deixava ele fazer besteira era a senhora com a sua lucidez. Lembro da vez em que

ele queria vender a fazenda e ir para o Mato Grosso. Já tinha até arrumado comprador, lembra? E a senhora virou uma onça, botou todo mundo para correr, ele ficou zangado muito tempo com a senhora, depois abrandou, viu que a senhora tinha razão.

A avó levantou a cabeça, assustada com a gaitada que João Cigano soltara em cima do caixão de meu avô. Aquele comportamento era desrespeitoso no seu modo de pensar, mas era o jeito do homem; desde quando conheceu João Cigano, era daquele jeito. Seus olhos agora atentos perseguiram os cômodos da casa. Havia uma preocupação nos seus olhos, mas que não poderia ser expressa pelas palavras. Viu que a casa estava novamente cheia de gente. Cochichou no meu ouvido:

- Vê se tem gente no meu quarto, se tiver manda sair e tranca e traz a chave para mim e se não tiver também tranca e traz a chave para mim.

Obedeci à sua ordem e, quando entreguei a chave, ela a colocou dentro do vestido, no peito, como quem esconde um tesouro.

A essa altura João Cigano já tinha contado várias anedotas e causos sobre ele e meu avô. Desde que chegou, não havia ficado calado um segundo, já tinha percorrido toda a casa, o quintal, o quarto de Tio Joaquim, cumprimentado a todos os presentes e sempre destacando as qualidades do meu avô e a bravura da minha avó e como ele controlava os ímpetos do meu avô e não o deixava fazer negócios ruins.

As ciganas, por sua vez, já tinham feito amizade com muitas moças e mulheres, lido mãos e a sorte delas e até ganhado algum dinheiro com as leituras. Logo, foram ao Fusca buscar perfumes, joias, colchas coloridas e panos de prato e começaram a negociar ali mesmo.

Aquele ar de quietude e lamentações foi quebrado com a chegada dos ciganos. Mas nem por isso tornou o momento menos respeitoso, apenas trouxe uma mudança, uma transição e a própria experiência sensorial de que mesmo diante da morte há vida. Naquele instante, eu pude compreender que a vida não se despede, ela se transforma.

João Cigano voltou para o ambiente da sala. João, com olhar piedoso e olhos marejados se deu conta da realidade nua e crua que estava a sua frente. Então, João indagou a minha avó:

- E agora, Dona Maria? Como vai ser? Como a senhora vai fazer? perguntou, e a pergunta ecoou na sala silenciosa, grotesca em sua simplicidade.

A pergunta soava imprópria para aquele momento. Mas ao mesmo tempo necessária: *O que fazer?* Como se a vida, após cinquenta anos de tecido conjunto, pudesse ser simplesmente remendada com um novo plano, um novo *hobby*, uma nova rotina. Minhas tias ao fundo se entreolharam incrédulas com a audácia de João Cigano, constrangidas pela brutalidade não intencional daquela questão. Mas, no fundo, no íntimo de seus pensamentos, já se faziam essa pergunta desde que meu avô fechou os olhos e deu o último suspiro.

Embora a minha avó tenha sentido um certo espanto com a pergunta de João Cigano, ela não estava ofendida, afinal, por mais doloroso que fosse aquele momento, havia necessidade de pensar e planejar o depois, havia as plantações, os animais, a fazenda e a casa da cidade, tudo o que construíram a quatro mãos. A partir dali cabia a ela e mais ninguém decidir os rumos dos negócios.

Mais uma vez seu olhar voltou a se fixar em um ponto, desta vez no rosto do meu avô, e reviveu muitos momentos que passaram juntos no trabalho, nos festejos, romarias, as alegrias divididas com o nascimento dos filhos e as dores que dividiram ao sepultar o filho José. Não havia desespero naquele olhar, apenas um reconhecimento profundo, uma despedida visual que carregava o peso de uma vida inteira, mas que reconhecia como ninguém os ciclos da vida que ela, no seu falar simples, denominava “as voltas que a vida dá”.

Minha avó não respondeu à pergunta de João Cigano com nenhuma resposta objetiva, apenas com um:

- Pois é, né, João, o que eu vou fazer agora?

João Cigano, também não soube continuar o diálogo e se afastou do caixão, procurou abrigo e consolo na roda de conversa entre os homens que havia se formado embaixo do pé de manga comum, perto do tear. Ali sorria, contava suas extravagâncias, tentava vender seus cavalos, oferecia seus tachos e assim encontrou reconforto em sua dor.

Em mais um ato de retorno para si, minha avó olhou as próprias mãos que repousavam sobre o seu colo e sobre aquele tecido amarelo triste em um dia triste. Começou a fazer um movimento diferente do tecer que havia feito desde a chegada do caixão na sala, parecia querer desfazer (destecer) a dor ao desfazer o tecido e reiniciar sua tessitura de vida sem que houvesse tantas perdas.

E mais uma vez nos víamos sobre a névoa do tempo. Ela estava lá, jovem, tecendo e cuidando da casa, dos animais e da filha e do filho. José já engatinhava e a vida engatinhava junto com ele. Um cenário de harmonia e contemplação, e como o corte repentino de uma cena para outra. A cena de harmonia e contemplação dá lugar a uma cena de desespero e dor. Ela, segurando o bebê morto, curvada sobre ele e numa dor infinita. Depois o velório, o sepultamento no caixãozinho branco e depois o abatimento que recaiu sobre a casa.

E depois a cena do recomeço, meu avô trabalhando nos campos e ela fiando, tecendo e costurando, pois aprendeu desde cedo que a vida é feita de ciclos, de se reinventar, o que definia como “as voltas que vida dá”. Eles não superaram a dor, eles a costuraram no tecido das suas vidas e seguiram em frente. E, quando perguntados sobre o segredo da longevidade da vida e da união, os dois pareciam ter combinado a resposta, sempre diziam:

- Ora, a gente foi vivendo.

O tear, agora adormecido e esquecido na varanda à sombra do pé de manga comum. Embora as mãos de minha avó ainda continuassem a tecer o ar, o tempo, as histórias e memórias, o tear estava ali repousando, era momento de repousar. As rodas juntas ao descaroador e carda repousavam em outra varanda, onde ficava o forno de barro.

Sobre o forno de barro, muitas alegrias foram cozidas, assadas e consumidas. O forno construído por meu avô e barreado com a terra do quintal; era mais um pedaço da roça dentro da cidade. Era usado em dias especiais, dias de comemoração. E foi nesse instante que me dei conta de que já estava tecendo o ar como minha avó e, de repente, estávamos nós duas diante do forno fumegante.

Era um dia 2 de agosto de um ano qualquer; naquela data se comemoravam algumas décadas do casamento de meus avós. Lá estavam eles preparando a festa. Logo, filhas, genros, netos e bisnetos chegariam. Vizinhos também foram chegando e o quintal se encheu de gente, uns ajudavam a preparar as galinhas, outros a leitoa, meu avô amansando e preparando bolos, biscoitos, pães, roscas em formatos de jacarés, minha avó cozinhando canjicas, aberéns, arroz doce e pé-de-moleque.

Aos poucos a família ia chegando e a alegria se completava. Meu pai ia na venda do Luiz Mariano, trazia um saco de ráfia cheio de garrafas de refrigerante, e enchia a geladeira vermelha de minha avó com os frascos da bebida que seria consumida durante o almoço.

Logo minha mãe já acendia o fogão à lenha e colocava um tacho de ferro para aquecer; colocava algumas colheres de banha de porco enlatada e pegava a suã da leitoa e fritava até a gordura não chiar mais no fogo. Depois despejava o excesso de gordura em uma lata, colocava mais alguns temperos e acrescentava arroz e guariroba para cozinhar junto com a suã. Quando a água do arroz estava secando, espalhava cheiro verde sobre o arroz e cobria o tacho com folhas de bananeira.

A essa altura meu avô já estava com o forno cheio e já preparando o mané pelado enquanto a minha tia Eva chegava com várias vasilhas de requeijão quentinho dentro de uma caixa de isopor e uma lata de doce de leite. Sobre o doce de leite da minha tia Eva, era branquinho e muito cremoso, derretia como sorvete na boca. E enquanto o arroz chegava no ponto, minha mãe preparava a broa de arroz.

Depois que todos almoçavam, meu avô pegava a vitrola e seus discos de vinil de Luiz Gonzaga, Tônico e Tinoco, Praião e Prainha, Trio Parada Dura, Tião Carreiro e Pardinho e outros mais e colocava a vitrola para tocar. As pessoas dançavam, sorriam, contavam passagens das músicas envolvendo suas vidas. Eles se alegravam com essa vida em comum com família, amigos, agregados e meeiros, amigos. Era um casal que sabia ser anfitrião. Nesses momentos minha avó se abria mais para as conversas, mas sempre mantendo a sua reserva e discrição.

Nessa ocasião ela vestia as roupas mais novas, usava seus brincos e colares, o sapato preto de tamanco, e ele vestia também seu melhor terno de roupa e calçava a botina nova. Tio Joaquim saía do quarto se escorando em sua bengala de madeira; era um homem negro, curvado e muito sábio e gentil. Assim que saía do seu quarto, tio Joaquim se tornava o entretenimento da criançada com suas histórias de assombração, lobisomem, saci, pai do mato, mula sem cabeça. Tereza Bicuda e Coronel Castrinho; tinha também o Nêgo d'água e o Caipora.

Nesse ambiente entrelaçando campo e cidade celebrava-se a vida. Era uma das datas mais esperadas do ano, casa cheia, música, refrigerantes e, como dizia minha avó, muitas burundangas para ir comendo ao longo do dia. Ela festejava, alegrava-se e era uma perfeita anfitriã, mas mantinha sua postura de vigilância e nada escapava ao seu olhar atento, como definia minha mãe: ela era esperta e sutil como uma gata.

Oscilei entre um breve cochilo e num piscar de olhos já havia novamente ultrapassado a barreira no tempo e estava sentada aos pés do pé de jambo branco, quando minha avó saiu na porta da cozinha e disse:

- Maria venha aqui! - Ela estava sentada em uma cadeirinha de madeira que o meu avô havia encomendado na marcenaria do Marcondes, embaixo do pé de manga coquinho, que ficava nos fundos da cozinha.

Ao me aproximar, ela perguntou:

- Você já sabe fiar?

Então respondi:

- Ainda não, vó.

- Então pega aquela roda ali perto do tear e traz um banquinho; vou te ensinar para você me ajudar a fiar esse algodão da comadre Bonifácia. Está muito para mim sozinha.

Obedeci às suas ordens.

- Sentada, ela me ensinou a conectar o algodão cardado nos fios da roda e a pedalar, eu toda desajeitada, mais quebrava a linha do que fiava. Ela com paciência me ensinou a dar o ritmo e a perceber os movimentos entre mãos e pés para que uma não ultrapassasse o ritmo da outra. Aprendi rápido e dali em diante passávamos boa parte da tarde depois que eu chegava da escola ali fiando. Ela sempre silenciosa, mas atenta a tudo que se passava ao seu redor. E em poucos dias ela terminou a empreitada de fiar o algodão da comadre Bonifácia. Tarefa concluídas as duas dividiram a meação combinada e ela foi cuidar de tecer os fios que lhe couberam.

Enquanto isso, o meu avô estava ali perto, às vezes, fazendo bolinhos de inhame, de arroz amanhecido ou de fubá frito; quando terminava de fazer os bolos, levava para ela num prato esmaltado lá no tear e servia com o café que ele tinha acabado de coar. A relação deles na velhice era um monumento à cumplicidade silenciosa. Já não construíam casas ou plantavam cafezais. Construíam dias. Ali ele elogiava os tecidos dela, dizia que queria um corte de calça ou que ela fizesse uma capanga para ele.

E nesses cuidados e encantamentos que os dois construíam nos mais de 50 anos juntos, onde passavam seus dias. Eles teciam a sua velhice com os fios que restaram: a rotina do café, os cuidados, as memórias partilhadas em silêncio. Era um

tecido mais simples, de padrão repetitivo, mas não menos forte. Era o tecido da cumplicidade e da história que construíram a quatro mãos.

Foi então que essa imagem foi rompida com o barulho de um carro chegando à porta; dessa vez, o som do carro soava diferente, não parecia anunciar nenhuma visita chegando. Era um ruído frio. Um ruído com som de despedida. As irmãs Maria e Antônia haviam chegado. A Igreja estava em reforma, impossibilitava que lá se realizassem os ritos finais, mas não as impediu de irem ao encontro do romeiro devoto para lhe darem a bênção final.

A cidade não contava com padre durante os dias da semana, somente aos domingos padre Davi vinha rezar missa. Os demais ritos estavam a cargo das irmãs Maria e Antônia. Irmã Maria, uma mulher negra de estatura baixa, já no alto dos seus 60 anos de idade, era conhecida por sua paciência e serenidade. Irmã Antônia, o contraste de irmã Maria, era alta, voz altiva, também mulher negra e conhecida por sua pouca paciência e franqueza. As irmãs se posicionaram próximas do caixão e iniciaram a encomendação do corpo. A família e os amigos, que estavam dispersos pela casa reagruparam-se em torno do caixão, formando um semicírculo instintivo e desalinhado. Havia uma atmosfera de negociação, onde a vida e a morte agora negociavam sua separação final.

A cerimônia foi breve, uma sequência de orações e cânticos conhecidos que perfurou sua alma e que não poderia ser contida por palavras. A mistura de odores de flores, velas e perfumes assumira a forma de desconforto. As pessoas que ali se encontravam, balançavam a cabeça em uníssono, repetindo améns em meio a gestos rituais, seus rostos demonstravam cansaço e pesar. Para a família, que adia o quanto podia os ritos exequiais, os demais pareciam querer acelerar o momento, pois havia a consciência sobre o fim.

O momento não foi de discursos dos familiares, mas de um até breve. Formou-se a fila da bênção final em que filhas, netos, genros, sobrinhos, viúva e demais presentes pediam a bênção ao morto. Cada um parecia querer segurar o tempo quando tocava nas mãos do meu avô. Era também uma forma de adiar a partida definitiva, sem retorno. Não via estrada de volta.

Através de tudo isto, os meus olhos não se desgarravam da minha avó. Que agora não estava mais sentada ao lado do corpo do meu avô, eles agora não eram somente um do outro, havia uma multidão que os dividia. Esse foi o instante do seu choro mais profundo. Lágrimas desciam, como água molhando as faces enrugadas,

e pareciam aquelas chuvas que molhavam a terra no começo de vida do meu avô. As águas de outrora molhavam a terra para semear; as águas de agora regavam os olhos da despedida. A sua dor rompeu o silêncio que a acompanhou por toda vida. Ela lastimava com palavras a sua perda, mas nenhuma palavra, nenhum gesto, nem mesmo o seu movimento de tecer o ar, tecer o tempo, tecer a vida e tecer as memórias poderiam parar aquele instante. Aquela era a quebra de fio que ela não poderia emendar. Era o nó que ela não conseguiria desfazer.

O ritual aproximava-se do seu final. As irmãs fizeram o sinal. Era a hora. A hora de fechar a tampa do caixão, de separar definitivamente o céu da terra, o presente do passado. As memórias da realidade. Minha mãe e minha tia, as duas únicas filhas do casal, choravam um choro inconsolável. Minha avó se aproximou das duas e disse:

- Só restamos nós três.

E se abraçaram formando um círculo.

O choro que unia as três era como o curso de um rio encontrando o mar.

Ela pisava levemente no chão, não por fraqueza, mas por respeito, cuidado. Ia de volta em direção ao caixão, segurar a mão do meu avô por um último instante. Cada passo era uma página virada, uma memória honrada. A travessia daqueles poucos metros pareceu durar uma eternidade. O ar parou. O mundo exterior cessou de existir. Só existia ela, a viúva, e ele, o marido, na sua última morada de madeira polida.

Quando chegou ao caixão, parou. Olhou para dentro, para o rosto que já não era totalmente dele, mas que guardava a paz que ela tão bem conhecia. Inclinou-se lentamente, um quebrar suave da sua postura sempre ereta.

E então, levantou a sua mão direita. A mão do fuso, da roda, do tear, da lançadeira, do facão, do café coado, do cuidado com os filhos, dos cuidados finais. A mão que tantas vezes tinha tocado aquele rosto, acariciado aqueles ombros, trabalhado ao lado daquelas mãos. E colocou-a, palma aberta, sobre a madeira do caixão, mesmo acima do coração dele.

Não foi um gesto de desespero. Não foi um adeus dramático. Foi um gesto de uma solenidade e uma quietude tão avassaladoras que parecia parar o próprio tempo. Era um gesto de gratidão. De reconhecimento. De conclusão.

Naquela pressão simples da palma contra a madeira, estava tudo: Estava o agradecimento por compartilhar uma vida juntos, pelas filhas, pelo filho,

pelo trabalho a quatro mãos, por enfrentarem de cabeça erguida os desafios da vida, pelo luto partilhado com a perda de José, por uma jornada cheia de obstáculos, mas que souberam resistir, ressignificar, reinventar e celebrar as conquistas e alegrias que também fizeram parte de sua história.

Ela manteve a mão ali por um longo momento, num último contato que não era de carne, mas de alma. Transferindo através da madeira toda a força, toda a resiliência, todo o amor que haviam tecido juntos.

Depois, retirou a mão. O gesto estava completo. Ela não olhou para trás. Virou-se e com a mesma dignidade com que viera, enfiou a mão no peito, retirou a chave do seu quarto e se afastou do caixão, despedindo-se não um marido, mas da lembrança completa do que tinham sido. A tampa pôde ser fechada. Ela já se tinha despedido. O resto era apenas ritual.

Entraram dois homens de terno e gravata pretos e anunciaram.

- Está na hora.

Nesse instante vi a minha avó desabar, o tecido que ela tecia com as mãos no ar parecia ter escapado das suas mãos e ela buscava por ele por todos os lados e já não mais conseguia seguir os fios que tramou com tanta excelência durante a sua vida. Ela não acompanhou o corpo até o sepultamento, ficou ali na porta da sala, olhando o horizonte, olhando o vazio que se abateu sobre seu peito. Enquanto isso, as pessoas que acompanhavam o cortejo foram desaparecendo na rua aos poucos, tornaram-se vultos e restaram apenas imagens fantasmas em sua memória.

O enterro foi rápido, não longo como havia sido o velório. Minha mãe e minha tia ficaram acompanhando a minha avó em casa. O sepultamento marcou o ponto final numa frase longa. A terra que sempre sustentou o meu avô, a terra que ele tanto revolveu, cultivava e agradecia havia se tornado seu leito de sono profundo. As pessoas se despediam jogando punhados de terra sobre o caixão. O som da pá a golpear a terra sobre o caixão era a musicalidade de sua finitude. O silêncio era a orquestra no pequeno cemitério da cidade, quebrado apenas pelo vento que sacudia os pés de manga, cajus e goiabas que sombreavam as lápides antigas.

A volta para casa foi feita em silêncio. Os familiares desciam a pé a longa avenida que cortava a cidade, os visitantes se dispersaram rumo a suas casas e seus afazeres. A casa, agora vazia da multidão do velório, parecia maior, mais silenciosa, respirando aliviada e triste. A casa varrida após a saída do caixão e de

dentro para fora, como manda a tradição, ainda cheirava a café e a flores murchas, mas uma paz estranha começava a se instalar.

A minha avó foi levada pelo braço pelas filhas para seu quarto na hora da saída do caixão. Se movia de um cômodo parecendo procurar por algo perdido. Havia uma carga invisível sobre seus ombros que nem mesmo ela conseguia identificar. Ela dirigiu-se à sua cadeira, a mesma do canto do velório, e se afundou nela com um suspiro que parecia vir dos confins do tempo. Seus olhos fecharam-se por um longo momento, e por um instante pensei que adormecera.

Abriu os olhos novamente.

- Maria, traz aquela caixa de papelão que está na penteadeira do meu quarto! Disse com voz embargada e olhos lacrimejando.

Obedeci de imediato ao seu comando.

Aquele momento soava para mim como de importância que com palavras não conseguia expressar. Ela havia confiado a mim a tarefa de buscar a caixa das memórias.

Abriu a caixa e começou a mostrar os pertences que ali estavam. Um saquinho feito de tecido de algodão e costurado à mão, já carcomido pelo tempo e cheio de fotografias de monóculo antigas. Eram fotografias das viagens, a romaria de Muquém e Monte Castelo. Fotografias já em cores e não como as pinturas feitas a mão dos quadros na parede da sala. Imagens que eternizaram momentos de festividades. Ela olhava fechando um olho e abrindo o outro sempre no rumo da claridade e ia descrevendo a cena das imagens e contando os pormenores. Depois pegou uma embalagem antiga de leite e foi tirando as fotos preto e branco impressas em papel e repetia a descrição de uma por uma, apontava quem eram as pessoas da foto, o grau de parentesco, amizades e compadrio. E foi repetindo a cada nova fotografia revisitada.

Em seguida pegou um saquinho de moedas antigas, já empretecido pelos anos, e explicou que meu avô tinha o hobby de guardar moedas e notas antigas, deixou-me tocá-las; aquele seu tesouro de afetos agora estava ao alcance de minhas mãos, eu não só viajava junto em suas memórias, eu agora as tocava, sentia o peso e o cheiro do tempo. E dentro de frascos antigos de medicamentos estavam seus ouros, brincos, peixes de ouro, alianças, cordões. Cuidadosamente dobradas estavam toalhas finas, tecidas por ela e com bordados em formato de galhos de

rosas com cores vivas eram as suas melhores peças de tecelagem. Eram o seu verdadeiro tesouro.

O cheiro que saía da caixa era um cheiro mofado, mas ao mesmo tempo gostoso de se sentir, estava carregado com a essência de toda uma vida de trabalho. Havia um pano de crivo de uma fineza impossível, cada furo uma obra de paciência e precisão, tão delicado que parecia feito de ar tecido. Uma toalha de mesa de algodão, com bordados complexos de ramos e flores, que contavam histórias de horas infinitas à luz das lamparinas. Uma colcha feita com quadradinhos de crochê unidos um a um pela agulha precisa de minha avó.

Ela não olhou para as peças com nostalgia. Olhou com orgulho, com reconhecimento. Com as mãos que agora pareciam ganhar uma força renovada, ela começou a distribuí-las.

- Maria - você guarda esses retratos, cuida bem deles. Me deu também uma coberta de algodão.

Aceitei de bom grado, sentindo o prestígio que aquele momento me dera, pois eu seria a responsável por guardar as suas memórias, tornava-me guardiã.

Em seguida chamou por minha mãe e minha tia e distribuiu os pertences entre elas. A colcha de crochê ficou com minha irmã mais velha, Rita, quem minha avó criou desde os 7 anos de idade. Ali havia uma divisão de vida e memórias entre mulheres. Não era uma escritura ou testamento. Era a última lição. Ela não estava distribuindo bens, estava tecendo a sua própria memória, garantindo que cada peça, cada fio, cada padrão, se espalhasse e perdurasse nas vidas daqueles que amava. Era à sua maneira de garantir que o tear nunca pararia verdadeiramente.

O passado e o presente fundiram-se num só. Cada história que ela me permitia vislumbrar, cada cheiro, cada som, cada dor e cada triunfo não eram apenas dados para um estudo. Eram os fios que ela me entregara, pacientemente, ao longo de uma vida, e que eu, sem perceber, começara a tecer nas minhas próprias tapeçarias, nas minhas palavras, na escrita, na minha narrativa de vida. Ela não precisou me contar tudo com palavras. Me ensinou a “ler” o mundo. Através dela e dos seus gestos, silêncios e resmungos. A sua vida era o arquivo, e ela, a arquivista silenciosa, acabara de me dar a última chave.

A caixa estava vazia. A sua herança, distribuída. Recostada na cadeira, fechou os olhos outra vez, mas agora com uma expressão de missão cumprida. O

tear da sua vida estava quieto, mas os tecidos que criara vestiriam as gerações seguintes, aquecendo-as, protegendo-as, contando a sua história em silêncio.

E eu, com aquele saquinho de fotografias e a coberta de algodão nas minhas mãos, entendi que a minha tarefa era continuar a tessitura. Percebi que a minha avó era a deusa da minha mitologia de origem, uma deusa de mãos calejadas. Seu templo, a varanda com pés de manga, e seu legado sagrado, o “tecer a vida”.

O último carro se afastou. Os parentes foram embora. Os vizinhos se recolheram e a noite chegou pesada. O silêncio que ficou não era mais o da espera, mas o da conclusão. Um silêncio que tinha cheiro de casa recém-lavada, pelo café recém-coado e pela palavra não dita. A casa, finalmente vazia, agora ecoava memórias nas paredes de adobe, nos cantos e nas fotografias na parede.

Minha mãe e minha tia haviam se recolhido nos quartos - agora sobrava espaço - carregando consigo o peso do luto e o conforto dos panos herdados. Na sala, iluminada apenas por uma única lâmpada fraca, restamos apenas nós duas. A minha avó, resistia na sua cadeira, e eu, sentada na poltrona de pés de madeira, ela olhava a televisão coberta por um tecido azul escuro e o rádio de caixote de madeira que tanto meu avô gostava de ouvir o Programa do Zé Beto. Olhava com olhos marejados observava a vitrola e os discos de vinil que animavam os aniversários e a celebração da sua data de casamento.

Até que o sono não a sustentava mais e então nos recolhemos. O sono profundo abateu sobre todos na casa naquela noite. Aquela noite não teve céu estrelado, foi de escuridão total. Não se via nenhuma faísca de claridade no céu. A escuridão da noite só foi quebrada pelo canto do galo, já com o novo dia nascendo. Todos ainda estavam adormecidos processando o luto, anestesiados pela dor e pelo cansaço. Eu acordada sozinha a observar os primeiros raios de sol iluminando as frestas das janelas de madeira.

A minha avó não dormia. Seus olhos, abertos, estavam fixos na janela. Observava o mundo renascer, como deve ter feito milhares de vezes, ao alvorecer, antes de acender o fogão, de pegar no fuso, de começar a tecer. A luz insistente da manhã foi aos poucos iluminando o seu rosto e tirando seu sossego.

A sua quietude foi quebrada por uma fala firme e decidida de quem nas últimas horas refletiu sobre si e sobre tudo o que viveu ao longo de sua existência e de quem havia com maestria terminado de escrever o livro de sua vida, sua obra-prima.

- A vida é que nem tecer, disse. Os olhos ainda perdidos no nascer do sol que agora pintava de rosa as nuvens baixas. A gente vai cruzando os fios, os claros e os escuros.

Fez uma pausa, longa, como se visse cada fio, cada escolha, cada momento de alegria e de dor passar diante dos olhos.

- Às vezes o fio arrebenta... - a sua mão, no colo, fez um movimento leve, como se estivesse a dar um nó invisível. - A gente dá um nó e continua.

A simplicidade da afirmação era avassaladora. Era toda a sua filosofia de vida, toda a sua resistência, destilada numa única imagem. As perdas, as dores, a morte do filho, o preconceito, a partida do campo, a doença dele, a solidão que agora se anunciava. Eram, todos, fios que haviam arrebentado. E ela, às vezes, sem se dar conta e com uma dignidade imensa, dera um nó e continuará a tecer.

O sol surgiu então, um disco vermelho e intenso no horizonte, inundando a sala com uma luz dourada e nova. A luz atingiu a roda, no canto, poeira dançando sobre ele, como espíritos de fios passados.

Ela virou lentamente a cabeça. Os seus olhos, já altivos e cheios de vida, encontraram os meus. Já não estavam perdidos no passado. Estavam firmes, presentes, cheios de uma intenção urgente e final.

Apontou para o cesto de algodão cardado e para os novelos de linha e disse:

- Agora é a sua vez de tecer a sua vida, seu caminho. E você que vai escolher como vai ser, se vai ser esse caminho cheio de pedras e espinhos ao meu. Ou se vai escolher um caminho mais suave.

Você vai escolher entre o tear e a caneta. Mas não se engane, todos os caminhos têm lutas; têm lutos, chegadas, partidas, tristezas e alegrias. Cada um a seu modo. Vai ter hora que vai pesar e a gente vai ter vontade de desistir. Mas se lembra do fio de algodão: quando quebra a gente emenda, dá um nó e continua, e no final dá tudo certo. Dá cada tecido que a gente não acreditava que era capaz de fazer. Mas a vida é assim: fazer, desfazer, refazer e insistir.

O último fio estava nas minhas mãos. O tear da história esperava. O padrão, claro e escuro, precisava de continuar a ser tecido.

E eu, sob o olhar daquela tecelã que vira um mundo nascer e morrer e levantara o sol com o seu trabalho todos os dias, entendi que a minha tarefa não era chorar o fim. Era honrar o nó que ela dera com tanta coragem e continuar.

O amanhecer não era um adeus. Era um recomeço.

Alguns meses se passaram. As chuvas haviam se instalado e o campo verde, as mangueiras, jabuticabeiras, pequizeiros e os cafezais estavam carregados de frutas. A poeira vermelha, que se erguia pelo vento quente, deu lugar a terra úmida e pronta para ser semeada.

A sede, que antes estava cheia de agregados, agora só contava com o trabalho da família. As terras agora divididas entre as três mulheres, e foi também o motivo de dividir as três. As cadeiras de madeira do alpendre vazias. O lugar se tornou menos barulhento, o silêncio que dominava a maior parte do tempo, vez por outra era quebrado apenas pelo zumbido de insetos e o estalido distante de ventos no bambual.

A porta de acesso a varanda rangeu nos mesmos gonzos de sempre, reclamando com uma voz familiar. O cheiro era de madeira envelhecida, inchada pela umidade do tempo, corroída por cupins. E lá, no canto escuro, sob um amontoado de tralhas, estava ele.

O tear.

A estrutura imponente de madeira escura, que outrora parecia um ente vivo, cheio de potencial e movimento, agora jazia coberta por tralhas e poeira. Os fios da urdidura, outrora tensionados com precisão militar, pendiam frouxos, alguns já se desfazendo, rompidos, comidos por traças e pelo abandono.

A lançadeira repousava imóvel em seu lugar, não como uma ferramenta em pausa, mas como um artefato em um museu. O banco estava vazio. O *whoosh-clunk* que durante décadas fora o coração daquele lugar havia sido substituído por um silêncio pesado e definitivo.

Parei diante dele; as tralhas e a poeira dançando sobre a claridade contrastavam com o cheiro de vida que brotava da terra molhada, das roças e pastos verdes e das frutas amadurecendo no quintal. Estendi a mão e toquei num dos fios soltos. Estava ressequido e frágil.

A poeira impregnou meus dedos. Uma onda de saudosismo se abateu sobre a imagem que permanecia viva em minhas lembranças com tamanha força que inundou meus olhos de lágrimas. Era a materialização da ausência. O trono vazio da rainha. O instrumento mudo da maestrina. Aquele cenário composto pelo gigante de maneira e pelo vazio impossível de ser preenchido outra vez.

Mas, enquanto minha mão repousava na madeira fria, algo estranho aconteceu. O silêncio não era vazio. Ele *zunia*.

Era um zumbido baixo, composto de ecos de memória, e estava naquela tarde, com elas, era capaz de ouvir o riso das mulheres nos mutirões de tecelagem, da minha avó conversando com elas. O meu avô chegando de mansinho com café fresquinho e uma forma cheia de bolos que minha avó chamava de burundangas. O eco do *whoosh-clunk* ritmado que embalava nossas manhãs e tardes.

O eco da voz serena da minha avó explicando um ponto, contando uma história da mulher que tecia de noite e viu uma assombração que a advertia que não se poderia trabalhar de noite porque a noite era feita para as almas penarem e o dia para os vivos trabalharem. Ouvi as canções entoadas e ouvia as canções que outras mulheres, que vieram antes delas, entoaram, e via os fios que elas teceram, numa melodia de vozes e sons diante de mim de tempos e existências longínquos, mas que reverberam no presente.

O tempo, impiedoso em produzir saudades, foi lentamente esvaziando a casa de minha infância. Evaristo, o irmão brigão, foi o primeiro que partiu, o mais mal-humorado dos irmãos, cuja presença se dissolveu como a última fumaça do café coado de manhã cedo. Com sua morte, a casa ficou em silêncio. Não havia choro alto, apenas um luto contido, como se todos soubessem que aquele era só o primeiro baque. Seu caixão foi posto na sala, entre as duas janelas que ele mesmo consertara anos atrás. As flores brancas, sempre as mesmas, algumas flores de jasmim, cheiravam forte, quase encobrindo o aroma do café que alguém esquecera no fogão. Evaristo morreu no mês de agosto, no dia 18, vítima de um câncer no estômago, já com seus 98 anos de idade. Não teve filhos, sequer veio alguém reclamar suas vestes surradas.

O segundo a partir foi meu avô Estevam, o esteio da casa, o coração pulsante daquele quintal onde cabiam circos, galinhas, risadas e silêncios. Lutou bravamente contra o câncer, como quem tenta segurar a enxurrada com as mãos calejadas, mas o corpo cansado enfim cedeu. Joaquim, o mais tagarela, resistiu mais um pouco, foi o último dos três irmãos a falecer; viveu toda sua vida preso ao próprio corpo, mas sua mente viajava, era contador de causos e histórias de assombração, um griô, na sua voz macia e suave. Tereza Bicuda e Coronel Castrinho divertiam nossas noites, talvez por ter trazido tanta alegria ao mundo com suas histórias fantásticas e maravilhosas. Morreu no dia de Nossa Senhora de Aparecida. A rua estava colorida com bandeirolas. Com ele, foi embora mais uma voz, mais uma cadeira da varanda ficou vazia.

A casa de Nenê e Estevam sempre foi um lugar de chegadas e partidas. Suas portas largas, de madeira rachada pelo sol, já haviam visto tantos velórios que o chão de cimento queimado parecia ter guardado o soneto de choros e preces antigas. Amigos, vizinhos, parentes distantes, todos passaram por ali, em caixões simples, cobertos com flores brancas colhidas dos quintais da vizinhança e enormes crucifixos protegendo a cabeça dos mortos para que suas almas não fossem levadas por espíritos maus. Mas nada preparou aquelas paredes para os últimos velórios que abrigariam: os de seus próprios donos.

Aos poucos, a casa foi se esvaziando. Os velórios se repetiam, sempre iguais: caixão modesto, rosário nas mãos dos presentes, as irmãs fazendo o breve ritual final de passagem para a outra vida. Já não se tinha força para velórios extensos, a vida na cidade havia ficado mais rápida, e até o luto tinha hora para acabar.

Minha avó Nenê, a última dos quatro adultos que viveram décadas na casa grande, agora tinha a companhia de meus pais e de nós, crianças e adolescentes. Ainda se tinha linha na roda de fiar e panos começados no tear, suas xícaras de café arrumadas na mesa, como se esperassem alguém prestes a retornar para casa. Ela não reclamava, silenciosa como sempre, chorava para dentro. Seus olhos, antes tão vivos e ligeiros, agora pareciam fixos em algo que só ela enxergava. Quando partiu, foi quase sem fazer barulho. Uma tarde, deitada em sua cama, já com voz bem fraquinha, eu e minha mãe ao seu lado na cama, assistimos sua partida serena e silenciosa, foi apenas o tempo de acender a vela e colocar em sua mão para que sua alma encontrasse o caminho.

Seu velório foi o mais silencioso de todos. Não havia mais irmãos para chorar, nem marido para segurar sua mão. Apenas nós, os netos, minha mãe e minha tia já estavam separadas pela disputa da herança; estávamos todos encarando aquele caixão e entendendo, pela primeira vez, que aquela casa não seria mais a mesma. No dia em que enterramos minha avó Nenê, minha mãe sentou-se sozinha na cozinha, diante do fogão a lenha apagado. Olhava para o horizonte, onde o sol se punha, tingindo o céu de um laranja e carregando com as últimas fagulhas de nossa infância. A casa, outrora cheia de vozes, agora só tinha ecos. O tear parado, as cadeiras vazias, o cheiro de café fresco que não existia mais.

Ali, naquela cozinha onde tantas histórias foram contadas, minha mãe chorou não só por Nenê, mas por todos eles, por Estevam, por Evaristo, por Joaquim.

Chorou pela casa que já não abrigaria novos velórios, porque não restava mais ninguém daquela geração para morrer. E então, sem pressa, ela se levantou, lavou o rosto na pia antiga e desgastada pelo tempo, fechou a porta ao sair, puxando o arame e passando no prego do portal, mas não trancou. Talvez soubesse que memórias, como fantasmas, precisam de portas abertas para circular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao término desta jornada de escrita e pesquisa materializada na tese “*Ensaio, cortes e novela: ficcionalização crítica de uma família camponesa, negra e goiana*” foi possível afirmar que o percurso trilhado cumpriu seu propósito central, ou seja, demonstrar a potência da escrita criativa como metodologia de investigação acadêmica como também a de um ato político de reparação histórica, justiça epistêmica e literária.

O ensaio biográfico, como primeiro ato desta tríade narrativa, cumpriu o papel de situar a pesquisa tanto no campo dos estudos decoloniais quanto da pesquisa baseada em arte. Neles, as reflexões sobre os dilemas da escrita, a memória da infância no campo, as festas e romarias e o lugar das mulheres ancestrais não só contextualizaram o universo sociocultural do campesinato goiano-negro, mas também expuseram as fissuras de uma história oficial que, sistematicamente, ignorou as interseccionalidades de raça, gênero e classe que moldaram essas trajetórias. A subjetividade e a memória funcionaram, pois, como ferramentas de análise, onde o ensaio revelou-se um espaço de crítica e autocrítica, em que a própria escrita se tornou um ato de resistência contra o silenciamento imposto pela colonialidade.

Em se tratando dos “cortes” ou contos pudemos explorar dimensões mais sutis e fragmentadas da experiência familiar e o meio pelo qual foi possível acessar não apenas os eventos, mas suas ressonâncias afetivas, seus conflitos morais e suas contradições. A ficção, desse modo, mostrou-se um instrumento privilegiado para iluminar as zonas de sombra, as dores não verbalizadas, as resistências cotidianas, as negociações íntimas diante do preconceito e da violência estrutural. Cada conto funcionou como um “corte” no tecido do tempo, revelando camadas de significado que a mera descrição histórica ou sociológica talvez não capturasse com a mesma intensidade.

No que tange à novela emergiu como a síntese narrativa dessa investigação, um espaço onde a ficcionalização crítica pôde operar em sua plenitude. Ao recompor a vida de Nenê e Estevam e do casamento inter-racial que desafiou convenções sociais à construção de um patrimônio baseado no trabalho e na astúcia. A dor da perda do tão sonhado filho e às estratégias de sobrevivência, no meio rural, bem como a narrativa prolongada nos permitiu desenvolver pontos de

transformação, conflito e resiliência. A novela não apenas “preencheu lacunas” documentais, todavia, criou um universo sensível, onde a experiência familiar foi elevada à dignidade de literatura, sem perder sua humanidade. O tear, mais do que um artefato ou ferramenta de trabalho, tornou-se uma metáfora central desse processo: assim como Nenê tecia panos, esta tese buscou tecer histórias, memórias e afetos.

Por fim, é importante reconhecer as limitações deste trabalho, que também é parte do aprendizado e do descortinamento dos saberes produzidos por ele e que resulta do novo, das novas experiências desenvolvidas, pois ao adentrar o terreno da novidade estamos sujeitos a nos deparar com situações das quais não temos como controlar e o que resulta disso é também um aprendizado que abre caminho para novas pesquisas, escritas, pesquisadores e pesquisadoras, sobretudo, baseadas na crítica e autocrítica.

Concluindo, “*Ensaio, cortes e novela*” não é apenas um registro do passado, mas também uma intervenção no presente. Ao ficcionalizar criticamente a história de Nenê e Estevam, esta tese intencionou abrir novos horizontes sobre o papel desempenhado pela literatura Decolonial a partir de uma escrita de ruptura e inovação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Angela. **Santa Sofia**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História, São Paulo. Disponível em: <https://www.gpmina.ufma.br/wp-content/uploads/2015/03/AMADO-O-grande-mentiroso.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- AMADO, Janaína. **O Cervantes de Goiás**. *Revista Nossa H*, dez. 2003, p. 28-38.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2019. Disponível em: [A imagem no ensino da arte - Ana Mae Barbosa - Google Livros](#). Acesso em: 17 fev. 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O canto das fiandeiras: escritos sobre o trabalho solidário**. [S.l.]: A Partilha da Vida, 2018. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/book/o-canto-das-fiandeiras/>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- BRASIL. **Tribunal Superior Eleitoral (TSE)**. Glossário: Lei Saraiva. Brasília, DF: TSE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/servicos-eleitorais/glossario/termos/lei-saraiva>. Acesso em: 04 jan. 2026.
- BRASIL. **Constituição de 1985 garantiu o direito ao voto aos eleitores analfabetos**. Tribunal Superior Eleitoral, Brasília, 24 nov. 2016. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Novembro/constituicao-de-1985-garantiu-o-direito-ao-voto-aos-eleitores-analfabetos>. Acesso em: 04 jan. 2026.
- Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BUCHER, Júlia Sursis Nobre Ferro. **Mitos, segredos e ritos na família**. *Psicol., Teori. Pesqui.*, Brasília, v.1, n. 2, p. 110-117, Mai./Ago. 1985.
- CÊA, Georgia Sobreira dos Santos; SILVA, Camila Ferreira da; NATIVIDADE, Simone. **O golpe de 2016 e a educação no Brasil**. *Educação*, Santa Maria, v. 46, p. 1-20, jan./dez. 2021. Epub 12 dez. 2023. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442021000100702. Acesso em: 14 fev. 2025.
- CARONE, Modesto. **Resumo de Ana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ECO, Umberto. (1976). **Obra aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva.
- ESQUIVEL, Laura. **Como água para chocolate**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Vivendo de Amor. Tradução de: Maísa Mendonça. Geledés**, São Paulo, 09 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 16/08/2022 às 09:20 horas.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, Porto Alegre/RS, ano 30, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 05 jan. 2026.

KEHL, Maria Rita. **“Minha vida daria um romance”**. Leitura, Literatura e Psicanálise, n. 27, p. 55-86, jan./jun. 2001.

LÂNES, Patrícia. **Sobre silêncios, suturas e fabulações críticas: um diálogo entre Saidiya Hartman, Rosana Paulino e Grada Kilomba**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 39, e39003, 2024. Disponível em: scielo.br/j/rbcsoc/a/nh3RzchY4psKgQSMQdDNZHh/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 fev. 2025.

LIMA, Tiago Novaes. **Disciplina e dissipação na criação literária**. Tese (Doutorado) – USP. São Paulo, 2017.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

MARIA, Lita. **Sobre Dora e dores**. Gurupi, TO: Editora Veloso, 2021.

MENDES, Algemira de Macêdo; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de; ARF, Lucilene Machado Garcia (Org.). **A escrita de autoria feminina: memória, resistência e decolonialidade**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023. 194 p.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial**. Tradução de Isabella B. VEIGA. Revista X, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MORAIS, Jordana Pereira de; LIMA, Luana Nunes Martins de; BARBOSA, Raquel Miranda. **Fios e tramas: o saber-fazer e a oralidade de fiandeiras e tecedeiras do Xixá**. História Oral, Goiás, v. 26, n. 2, p. 31-50, maio/ago. 2023.

PINTO, Maria Leal; CRUZ, Edna Souza. **Repressão e vandalização à literatura afro-brasileira de insurgência**. In: CRUZ, Edna Souza; PIRES, Rute Maria Chaves; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo (Orgs.). Literatura e memória: tecendo narrativas afrocentradas para uma educação antirracista. Imperatriz: EDUEMA-SUL, 2024. p. 87-99.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROSA, Miriam D. **O não dito familiar e a transmissão da história**. Psychê Revista de Psicanálise. 5(8): 123-137. São Paulo, nov. 2001.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em 15 ago. 2022.

SILVA, Valtuir Moreira da.; OLIVEIRA, Abadia Maria de. **Os saberes das tecedeiras e fiandeiras: narrativas e experiências em Itapuranga-GO - 1970-2010**. In: Simpósio Nacional do CIEAA, 4., 2012, Anápolis. Anais [...] Anápolis: UEG, 2012. p. 340-350.

Souza, Shirley Pimentel et tal. **Carta para geração iaiá e ioiô: resposta ao Nêgo Bispo**. MANA, 2025 – <https://doi.org/10.1590/1678-49442025v31n1e2025009.pt>. Acesso em 15 ago. 2022.

TENÓRIO, Patrícia Gonçalves. **Doze horas: o mito individual em uma autobiocção**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, 2018.

Thompson. E.P. **Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial**. In.: Costumes em Comum. São Paulo. Companhia das Letras. p. 267-304, 1998.

VIANA, Renata Teodoro; TORRADO, Enrique Muriel; PRADO, Jorge Moisés Kroll do. **Páginas proibidas: censura de livros no Brasil**. Em Questão. Porto Alegre, v. 30, e-138667, 2024. Disponível em: www.scielo.br/j/emquestao/a/S4FMzsSS6Ytx5x3x7Djd3QJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 fev. 2025.

VIEIRA, Wellington Neves. **Entre recordações e traumas: Conceição Evaristo e Toni Morrison**. Revista Fórum Identidades. Itabaiana: Gepiadde, Ano 6, Volume 12 | jul.-dez. 2012.